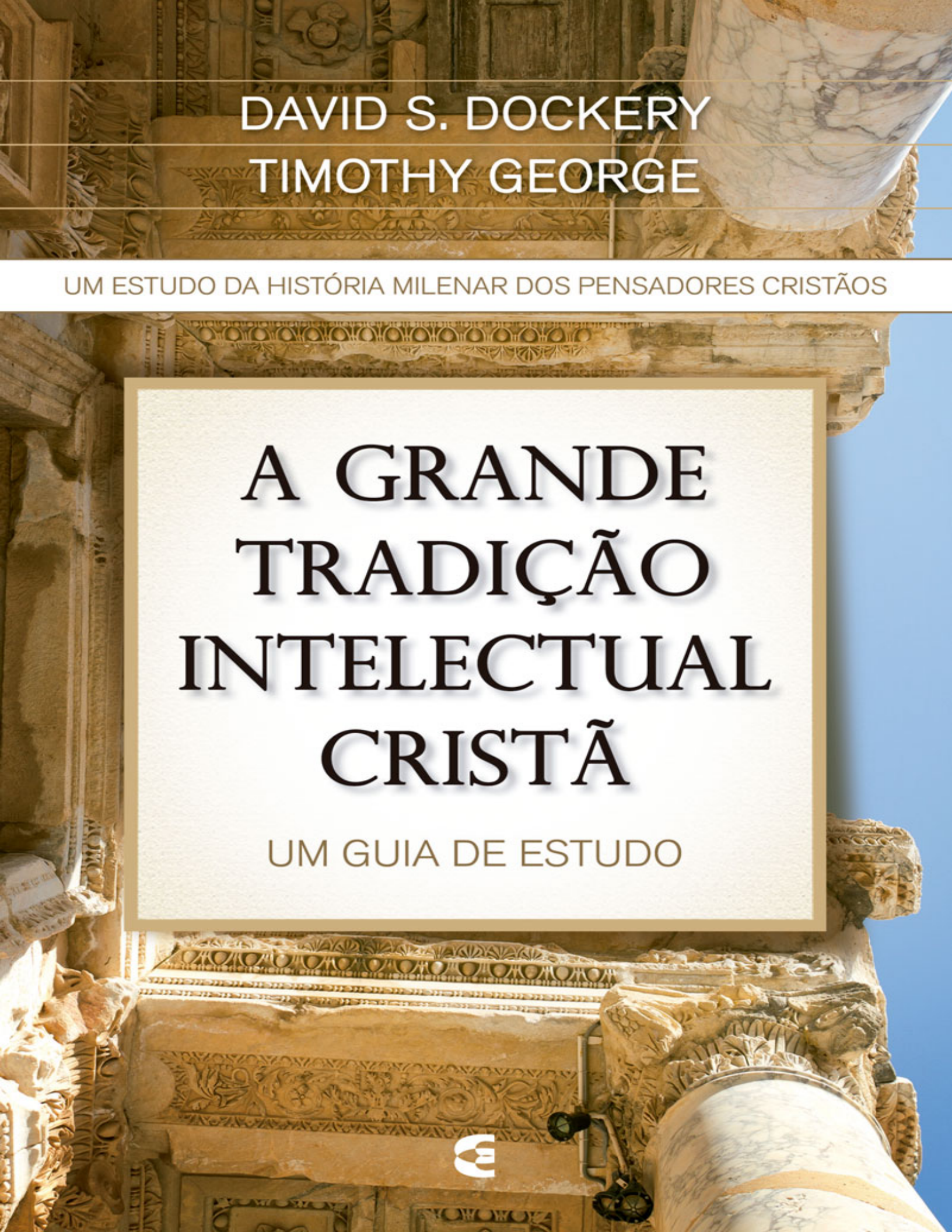




DAVID S. DOCKERY
TIMOTHY GEORGE

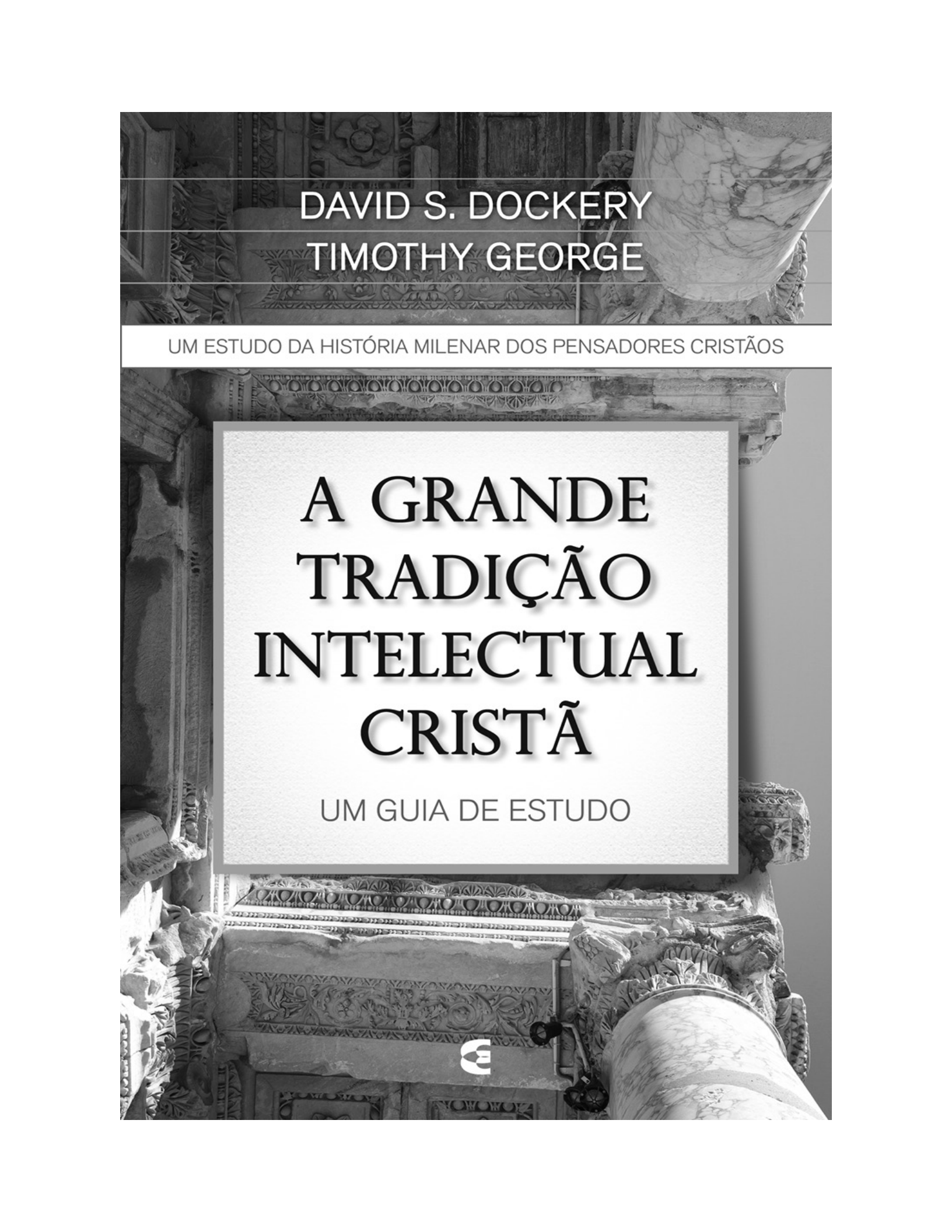
UM ESTUDO DA HISTÓRIA MILENAR DOS PENSADORES CRISTÃOS

A GRANDE TRADIÇÃO INTELECTUAL CRISTÃ

UM GUIA DE ESTUDO





The background of the entire cover is a black and white photograph of classical architecture, featuring ornate columns and intricate carvings. The image is slightly desaturated, giving it a historical and scholarly feel.

DAVID S. DOCKERY
TIMOTHY GEORGE

UM ESTUDO DA HISTÓRIA MILENAR DOS PENSADORES CRISTÃOS

A GRANDE
TRADIÇÃO
INTELECTUAL
CRISTÃ

UM GUIA DE ESTUDO



“David S. Dockery e Timothy George são veteranos de um longo e notável trabalho, tanto na igreja quanto na academia. A experiência que os torna uma referência dentro da tradição intelectual cristã é bíblica, madura, digna de confiança e encorajadora. Por si só, e por ser bem-vindo como um guia que leva a muito, muito mais, é um livro para ser apreciado.”

Mark A. Noll, Professor de História da University of Notre Dame

“David Dockery e Timothy George estão entre os mais eminentes intelectuais cristãos de nossa época. Este livro demonstra por quê. O volume flui com convicção bíblica e vitalidade evangélica, e com uma amplitude que interage com a grande multidão de testemunhas de todos os lugares e épocas da igreja de Jesus Cristo. Com entusiasmo, recomendo este livro para estudantes, professores e líderes da igreja.”

Russell D. Moore, Reitor do Southern Baptist Theological Seminary

“Numa clara e concisa apresentação dos grandes pensadores da igreja, os autores deste livro lançam uma nova série com o compromisso de apresentar aos estudiosos uma importante chave para a descoberta da abundante riqueza da tradição cristã. Eles nos mostram uma vez mais como o cristianismo é instigante e por que tem conquistado as mentes de sucessivas gerações. Numa época em que nossa fé é desafiada como nunca antes, esta apresentação de suas riquezas tem o compromisso de equipar os crentes da próxima geração para defender sua herança e expandi-la para a glória de Deus.”

Gerald Bray, eminente Professor de Teologia Histórica do Knox Theological Seminary

“Este apelo para que os educadores cristãos considerem a grande tradição do pensamento cristão com mais seriedade, descubram nosso lugar dentro dela e a renovem hoje chega na ‘hora H’. Pois apesar da corrente alegação da existência de uma linguagem ‘integradora’ em nossas universidades cristãs, nossas escolas, geralmente, são todas dirigidas por pragmáticos, que são mais movidos pelas imposições do mercado do que pela vida cristã. Aqui, David Dockery e Timothy George nos recordam de nossa herança, nossa verdadeira razão de ser. Oro para que Deus use este trabalho na vida de muitos estudantes, professores e líderes de universidades cristãs, inspirando um compromisso apaixonado para com os valores e a pureza que inicialmente nos atraíram para a educação cristã.”

Douglas A. Sweeney, Professor de História da Igreja da Trinity Evangelical Divinity School

“David Dockery e Timothy George produziram um trabalho expressivo na defesa do papel essencial que a tradição intelectual cristã deve desempenhar no ensino honesto das ciências humanas. Embora o livro tenha sido escrito como um texto para estudantes, as pessoas que estão envolvidas com o ensino superior cristão (administradores, docentes e membros de conselhos diretores) serão beneficiadas com a leitura e com a aplicação dos princípios articulados neste sério trabalho.”

Kim S. Phipps, Presidente do Messiah College

“Não se deixe iludir pela modéstia do título deste livro. Ao mesmo tempo em que é, com certeza, uma introdução atraente e acessível ao assunto para qualquer estudioso, tem muito mais do que isso para oferecer. Seus autores são dois dos mais eminentes vultos no campo do ensino superior cristão e seu livro reflete a imensa extensão de sua erudição e experiência, embora

seja um saber demonstrado de forma simples. O resultado é um trabalho compacto, mas eficaz, que será uma ferramenta de inestimável valor para todos nós que lutamos na grande tarefa de integrar fé e saber e de mostrar a outros como a essência e o significado do bem, da verdade e da beleza se encontram em Deus.”

Wilfred M. McClay, Catedrático de Ciências Humanas da University of Tennessee em Chattanooga

“David Dockery e Timothy George, dois exímios e experientes educadores cristãos, fizeram o primeiro volume do que promete ser uma importante série de guias, direcionada para estudantes e planejada tanto para resgatar a tradição intelectual cristã como para instruir a respeito do assunto. Este volume, bem como a série inteira, atende sem dúvida a uma importante demanda, não só de estudantes como também de ministros e acadêmicos que assumem a responsabilidade de nos ajudar a pensar e a viver fielmente como seguidores de Cristo. Considerando o fato de que vivemos num mundo profundamente corrompido, seja na literatura, na teologia, nas artes, na filosofia ou na política, cada geração carece do frescor de uma nova exposição das verdades centrais de toda a experiência humana e natural, da maneira como é revelada pelo único Deus vivo através de seu Filho e especialmente ensinada com autoridade nas Escrituras Sagradas.”

Robert B. Sloan, Presidente da Houston Baptist University

A grande tradição intelectual cristã – um guia de estudo, de David S. Dockery & Timothy George © 2015 Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente com o título *The Great Tradition of Christian Thinking: A Student's Guide* Copyright © 2012 by David S. Dockery and Timothy George pela Crossway, ministério de publicações da Good News Publishers – Wheaton, Illinois 60187, USA. Esta edição foi publicada mediante acordo com a Crossway. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2015

Conselho Editorial

Cláudio Marra (*Presidente*)

Christian Brially Tavares de Medeiros

Filipe Fontes

Heber Carlos de Campos Jr

Hermisten Maia Pereira da Costa

Joel Theodoro da Fonseca Jr

Misael Batista do Nascimento

Tarcízio José de Freitas Carvalho

Victor Alexandre Nascimento Ximenes

Produção Editorial

Tradução

Sandra Salum Marra

Revisão

Mauro Filgueiras

Filipe Delage

Sebastiana Gomes de Paula

Imagem da Capa

Bigstock©EvrenKalinbacak

Editoração e Capa

OM Designers Gráficos

Livro digital

Lucas Camargo

D637g Dockery, David S.

A grande tradição intelectual cristã / David S. Dockery; Timothy George ;
traduzido por Sandra Salum Marra . _ São Paulo: Cultura Cristã, 2015
ePub3.

ISBN 978-65-5989-163-4

Tradução The great tradition of Christian thinking

1. Filosofia 2. História do pensamento 3. Teologia I.Título

CDU 291.1

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORIA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Whatsapp (11) 97133-5653

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Clodoaldo Waldemar Furlan

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

A

Bob Agee, presidente,
Oklahoma Baptist University, 1982-1998

Clyde Cook, *in memoriam*, presidente,
Biola University, 1982-2007

Jay Kesler, presidente,
Taylor University, 1985-2000

Duane Litfin, presidente,
Wheaton College, 1993-2010

Líderes extraordinários,
amigos especiais,
estimados colegas e mentores

SUMÁRIO

O resgate da tradição intelectual cristã

Prefácio dos autores

1 O início da grande tradição

2 O desenvolvimento da grande tradição

3 A formação da grande tradição

4 Os compromissos teológicos da grande tradição

5 A aplicação e o desenvolvimento da grande tradição

Questões para reflexão

Cronologia

Glossário

Referências para estudos complementares

Organizadores consultores

Notas

O RESGATE DA TRADIÇÃO INTELECTUAL CRISTÃ

A série **O resgate da tradição intelectual cristã** propõe-se a apresentar uma visão geral da maneira peculiar como a igreja tem lido a Bíblia, formulado a doutrina, praticado a educação e se envolvido com a cultura. Todos os autores concordam que fé pessoal e piedade cristã genuína são essenciais para a vida dos crentes em Cristo e da igreja. Esses autores também acreditam que ajudar outras pessoas a reconhecerem a importância de uma reflexão séria sobre Deus, sobre a Escritura e sobre o mundo é uma tarefa que necessita de uma ênfase renovada neste momento, para que as verdades sustentadas pela fé cristã sejam transmitidas de uma geração para a outra. Os guias de estudo desta série nos darão a oportunidade de rever como a fé cristã molda a maneira como vivemos, como pensamos, como escrevemos livros, como dirigimos a sociedade e como nos relacionamos uns com os outros em nossas igrejas e nas organizações sociais. A riqueza da tradição intelectual cristã nos dá orientação para os complexos desafios que os crentes enfrentam neste mundo.

Esta série destina-se especialmente aos cristãos que são estudantes e outros que se acham ligados aos *campus* universitários, incluindo docentes, funcionários, administradores e demais membros. Os autores desta série investigarão como a Bíblia tem sido interpretada na história da igreja, bem como a teologia tem sido formulada. Eles também questionarão: como a fé

cristã influencia nosso entendimento da cultura, da filosofia, do governo, da beleza, da arte e do trabalho? Como a tradição intelectual cristã nos ajuda a compreender a verdade? Como ela molda a nossa mentalidade educacional? Acreditamos que esta série chega não somente em boa hora, mas também supre uma importante necessidade, porque a cultura secular na qual nos achamos é, na melhor das hipóteses, indiferente à fé cristã, e o contexto cristão – pelo menos em suas formas mais populares – costuma confundir-se no que diz respeito às convicções, à herança e à tradição associadas à fé cristã.

No cerne deste trabalho encontra-se o desafio de preparar uma geração de cristãos para pensar de forma cristã, para envolver-se com a academia e com a cultura e para servir a igreja e a sociedade. cremos que tanto a dimensão quanto a complexidade da tradição intelectual cristã precisam ser resgatadas, revitalizadas, renovadas e restabelecidas para que passemos adiante este trabalho. Estes guias de estudo procurarão expor um esquema que auxilie a apresentação da grande tradição do pensamento cristão aos estudantes, buscando destacar sua importância para a compreensão do mundo, seu valor para o serviço à igreja e à sociedade e sua relevância para o pensamento e o conhecimento cristãos. A série é um ponto de partida para a investigação de importantes ideias e temas tais como a verdade, o sentido, a beleza e a justiça.

Estamos convictos de que a série contribuirá para apresentar aos leitores os apóstolos, os Pais da igreja, os reformadores, os filósofos, os teólogos, os historiadores, e uma enorme variedade de outros importantes pensadores. Além de líderes notáveis como Clemente, Orígenes, Agostinho, Tomás de Aquino, Martinho Lutero e Jônatas Edward, os leitores voltarão sua atenção para William Wilberforce, G. K. Chesterton, T. S. Eliot, Dorothy Sayers, C. S.

Lewis, Johann Sebastian Bach, Isaac Newton, Johannes Kepler, George Washington Carver, Elizabeth Fox-Genovese, Michael Polanyi, Henri Luke Orombi e muitos outros. Com isso, esperamos apresentar aqueles que ao longo da história demonstraram ser de fato possível levar a sério a vida intelectual e ao mesmo tempo ser cristãos profundamente comprometidos. Esse empenho para vitalizar a reflexão e a erudição cristãs conscienciosas não se restringirá ao estudo da teologia, da interpretação da Escritura ou da filosofia, embora essas áreas ofereçam o suporte para a compreensão das implicações da fé cristã para todas as outras áreas de estudo. Para resgatarmos e promovermos a tradição intelectual cristã, precisamos entender a própria tradição. Os volumes desta série procurarão analisar essa tradição, bem como sua relevância para o mundo do século 21. Cada volume contém um glossário, questões para estudo e uma lista de referências para estudos complementares que trarão orientações úteis aos leitores.

Sou profundamente grato ao conselho editorial desta série: Timothy George, John Woodbridge, Michael Wilkins, Niel Nielson, Philip Ryken e Hunter Baker. Comigo, cada um desses colegas agradece aos nossos vários autores o magnífico trabalho realizado. Todos nós expressamos nosso agradecimento a Justin Taylor, Jill Carter, Allan Fisher, Lane Dennis e à equipe da Crossway por seu apoio entusiástico ao projeto. Apresentamos o projeto esperando que os estudantes sejam beneficiados, os docentes e líderes cristãos sejam encorajados, as instituições sejam fortalecidas, as igrejas sejam edificadas e, finalmente, que Deus seja glorificado.

Soli Deo Gloria

David S. Dockery,

Organizador da série

PREFÁCIO DOS AUTORES

A oportunidade de trabalharmos juntos em outro importante projeto é um privilégio que muito apreciamos. Nos últimos vinte anos, temos participado juntos de aproximadamente uma dúzia de publicações; este que você tem às mãos será o quarto livro do qual somos coautores ou coeditores. Sob vários aspectos, nosso trabalho neste projeto começou até mesmo antes do primeiro trabalho de coedição em 1990.

Pela providência de Deus, tivemos o privilégio de nos conhecermos em 1987, quando David foi convidado para trabalhar como professor visitante no semestre de verão no Southern Baptist Theological Seminary, em Louisville, Kentucky, onde Timothy já lecionava em tempo integral na área de Teologia Histórica. Aquele verão foi o início de dezenas e dezenas de conversas que continuaram desde então, muitas das quais durante o almoço num dos restaurantes mexicanos favoritos do Timothy, a respeito da natureza e dos valores da educação cristã superior, assim como sobre o ensino teológico. Em 1988, Timothy foi nomeado reitor fundador da Beeson Divinity School no *campus* da Samford University. Logo depois, David foi nomeado reitor e vice-presidente do The Southern Baptist Seminary em Louisville, onde trabalhou até mudar-se para a Union University há dezesseis anos para assumir a função de presidente. Como se vê, nos últimos vinte e cinco anos, nossas vidas têm estado intimamente ligadas e associadas

a instituições relacionadas ao trabalho do que geralmente se denomina tradição intelectual cristã.

Este volume é a introdução da série *O resgate da tradição intelectual cristã*. Algumas das nossas primeiras publicações, que adquiriram forma a partir daqueles bate-papos iniciais, têm grande influência no que apresentamos neste livrinho a que demos o título de *A grande tradição do pensamento cristão*. Esse pensamento foi exemplarmente moldado pelos principais reformadores do século 16 e exposto por Timothy em sua publicação intitulada *Theology of the Reformers* (1988). David publicou um trabalho cujo título é *Biblical Interpretation Then and Now* (1992) em que analisou importantes mudanças na interpretação bíblica no decorrer da história da igreja. Os grandes pensadores apresentados nesses dois volumes foram destacados como os principais formadores aos quais damos muita atenção neste volume que introduz esta nova série da Crossway. Esperamos que esta nova apresentação dos líderes que delinearam tantos aspectos da história da igreja e da teologia cristã servirá de estímulo para que muitos se juntem a nós na busca do resgate e da promoção da tradição intelectual cristã. Oramos para que não somente resgatemos e apresentemos aspectos-chave do pensamento e da história cristã, mas para que o façamos com o objetivo de fortalecer o trabalho do povo de Deus nas igrejas e particularmente nas comunidades acadêmicas cristãs.

Este trabalho não teria acontecido sem o excelente apoio de muitas pessoas. Queremos agradecer à equipe da Crossway o estímulo e a viabilização deste projeto. Desejamos expressar nossa gratidão especialmente a Justin Taylor, Lydia Brownback, Jill Carter, Allan Fisher e Lane Dennis. Queremos também expressar nossa profunda gratidão a Le-Ann Little, B. Coyne e Cindy Meredith por seu auxílio. Manifestamos nosso

sincero agradecimento a Melanie Rickman, que investiu incontáveis horas neste projeto. Sem o seu incansável empenho, este trabalho nunca teria nascido. Da mesma forma, desejamos agradecer aos colegas da Union University e da Beeson Divinity School sua ajuda e seu apoio no decorrer do trabalho, bem como à equipe editorial a supervisão desta série.

Timothy também deseja agradecer a Denise, e David expressa sua gratidão a Lanese. Somos abençoados com o seu amor, suas orações e apoio em ainda mais um projeto de publicação.

Dedicamos este volume a quatro homens que nos serviram como modelo de vida, amigos, mentores e guias para nosso trabalho na área do ensino superior. Damos graças a Deus pelo ministério e pela influência de Bob Agee, Clyde Cook, Jay Kesler e Duane Litfin. Finalmente, apresentamos este livro com a oração para que os leitores recebam auxílio, as instituições cristãs sejam encorajadas, o evangelho avance e nosso grande e sublime Deus seja glorificado.

Soli Deo Gloria

David S. Dockery

Timothy George

O INÍCIO DA GRANDE TRADIÇÃO

A INTERPRETAÇÃO DA ESCRITURA

Não pode haver vida intelectual cristã sem referência aos escritos dos profetas e dos evangelistas, às doutrinas dos Pais da igreja, ao refinamento conceitual dos escolásticos, à linguagem litúrgica, às músicas dos poetas e dos compositores de hinos, ao heroísmo dos mártires e às histórias de devoção dos santos.

Robert L. Wilken, “The Christian Intellectual Tradition”, *First Things* (1991)

Tudo o que tradição significa é a fiel transmissão da interpretação da Escritura de geração a geração, recebida em consenso universal e transcultural por dois milênios.

Thomas C. Oden, *The Rebirth of Orthodoxy* (2003)

Os calendários das universidades onde trabalhamos são repletos de eventos e atividades especiais, incluindo jantares, banquetes, recepções e confraternizações. Um dos nossos privilégios no início de cada semestre é convidar novos alunos para virem à nossa casa, onde temos oportunidade de reunir esses moços e moças e apresentá-los a outros líderes do *campus*. Essas apresentações geram novos relacionamentos e surgem oportunidades para aconselhamento. Em outras ocasiões durante o ano, abrimos nossas casas para uma reunião informal periódica, um encontro de docentes, funcionários, amigos, mantenedores e diretores. Nessa ocasião, é um prazer recebê-los e apresentar os diretores aos professores e funcionários a amigos

da comunidade. É um prazer quando se trava um bate-papo interessante e uma nova amizade se forma. Parece que esses exemplos simbolizam e demonstram o que está implícito na experiência de resgatar a tradição intelectual cristã.

Este livro e os próximos desta série, em certo sentido, são como anfitriões de uma *open-house** de dois mil anos de idade. Queremos convidar os leitores para se juntarem a nós nesta conversa, enquanto apresentamos Agostinho, Clemente e Alexandria, Erasmo e Lutero, Lewis, Bach, Kepler e Chesterton. Esperamos que os leitores nos acompanhem nessa conversa imensamente rica e grandiosa, com pessoas de diferentes lugares e épocas.

A grande tradição do pensamento cristão mostrará aos leitores como, de forma singular, os cristãos através dos tempos têm lido a Bíblia, têm formulado a doutrina, têm ensinado e têm se envolvido com a cultura. No cerne deste e dos outros volumes da série está o desafio de preparar uma geração de cristãos para pensar de forma cristã, para participar da academia e da cultura e para servir a igreja e a sociedade. Cremos que a dimensão e a complexidade da tradição intelectual cristã precisam ser resgatadas, revitalizadas, renovadas e restabelecidas para que passemos adiante este trabalho. Procuraremos expor um esquema que auxilie a apresentação da grande tradição do pensamento cristão aos estudantes, buscando destacar sua importância para a compreensão do mundo, seu valor para o serviço à igreja e à sociedade e sua relevância para o pensamento e o conhecimento cristãos, o que caracteriza o cerne do ensino superior cristão. Acreditamos que a visão adquirida com a tradição intelectual cristã servirá de guia para muitos desafios complexos que os crentes em Cristo enfrentam neste mundo.

Em seu trabalho autobiográfico *Confessions of a Theologian* de 1986, Carl F. H. Henry, mestre dos teólogos evangélicos norte-americanos do século 20, lamentava que as faculdades e as universidades cristãs tinham começado a desviar-se da centralidade de seu trabalho, em geral abandonando o foco cognitivo no pensamento cristão em favor do pietismo e do ativismo cristãos. Embora valorizemos todos os sinceros esforços do pietismo e do ativismo cristãos, cremos que o ensino superior cristão tem um papel distinto a cumprir como braço acadêmico do reino de Deus. Não há necessidade de nos sentirmos forçados a escolher entre cabeça, coração e mãos quando reconhecemos o importante papel do ensino superior cristão e nos envolvemos com os grandes pensadores e ideias da História para estruturar as nossas reflexões e responder aos desafios da nossa época. É bem possível que haja certa ligação entre o comentário de Henry e a resposta dada pelos entrevistados na pesquisa de opinião do Pew Forum on Religion and Public Life [Forum de membros de igreja sobre religião e vida pública] em 2011. Dos dois mil e duzentos líderes cristãos que participaram da pesquisa, nove entre dez apontaram o pensamento secular como a maior ameaça ao movimento cristão no mundo no século 21.

Em 1994, Douglas Sloan publicou um livro muito esclarecedor intitulado *Faith and Knowledge* em que analisa a trajetória em que fé e conhecimento passaram a ser tratados como duas esferas de atividade completamente separadas na universidade contemporânea. Ele investiga o processo que, nos últimos duzentos anos, levou a maioria das pessoas nos círculos acadêmicos a considerar a fé como um assunto essencialmente subjetivo, julgando as verdades sustentadas pelo cristianismo inescrutáveis ou inacessíveis ao conhecimento racional. Por dois mil anos, a grande maioria dos cristãos tem considerado as verdades da fé cristã como

fundamentais para o desenvolvimento humano e para um correto relacionamento com Deus. No entanto, a maioria das universidades da Europa e da América do Norte, atualmente, entende que a tarefa de descobrir e de transmitir conhecimento é algo totalmente distante de qualquer conexão com a fé cristã, apesar de muitas dessas instituições acadêmicas atribuírem suas origens a uma herança cristã. Os que seguem as trilhas do Iluminismo ou do Pós-iluminismo deram início a novos questionamentos sobre esses temas.

O resultado, de acordo com a clara exposição de Sloan, reflete o lamentável ponto de vista sustentado por muitos contemporâneos, incluindo muitos cristãos, de que a fé e o conhecimento humano são basicamente desligados um do outro e funcionam em duas esferas separadas. Assim sendo, contextos acadêmicos de influência costumam existir sem referência a matérias de fé. Da mesma forma, e mais lamentavelmente, muitos cristãos e instituições cristãs vivem um conceito de fé que é separado e desprovido de qualquer sentido de conteúdo cognitivo.

Embora não se possa perceber ligações evidentes e afinidades cronológicas entre os relatos do Pew Forum, de Douglas Sloan e de Carl Henry, todos eles, porém, se associam obviamente na questão da dicotomia fé/conhecimento ou fé/razão. Se a fé é entendida apenas em termos pietistas e ativistas, separando cabeça, coração e mãos, então carecemos do esqueleto que vincule as ideias e as questões desafiadoras de nossa época numa perspectiva cristã.

É preciso que haja uma forma de ver esses assuntos “pensando com categorias cristãs”, emprestando uma expressão de T. S. Eliot. O livro de Douglas Sloan expõe a perspectiva amplamente defendida de que o conhecimento é matéria cognitiva, enquanto que a fé, não. O resultado é o

que George Marsden definiu com perspicácia como sendo a perda da alma do ensino superior, na sua trajetória em direção à “descrença instituída”. cremos que a tentativa de resgatar e de promover a tradição intelectual cristã é um primeiro passo na tarefa de apoiar as igrejas, as organizações cristãs e as instituições cristãs de ensino superior no século 21 para que não sigam a mesma tendência. É para o estudo dessa tradição que agora voltamos nossa atenção.[1]

ORIENTAÇÃO APOSTÓLICA

O apóstolo Paulo, escrevendo à igreja de Tessalônica, exorta os seguidores de Jesus Cristo dizendo: “permaneçei firmes e guardai as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa” (2Ts 2.15). De forma semelhante, o apóstolo exorta a Timóteo, seu herdeiro apostólico: “Mantém o padrão... que... de mim ouviste” (2Tm 1.13). A história do cristianismo é melhor entendida como sendo uma rede de memória. Neste guia de estudo e nesta série inteira, empenhamo-nos em apresentar os nossos leitores à grande tradição intelectual cristã, o que mostra a consciência de que precisamos religar aspectos dessa rede de memória.

Seja onde for que se encontre a fé cristã, há uma associação íntima com a Palavra de Deus escrita, com livros, com educação e estudo. Estudar e interpretar a Bíblia tornou-se algo natural para os membros da comunidade cristã dos primeiros séculos, tendo herdado essa prática do judaísmo tardio. Virginia Stem Owens sugere que o estudo literário desenvolveu-se a partir da prática do estudo e da interpretação bíblica:

Na verdade, nós aprendemos a pensar em literatura como algo para ser ensinado e estudado porque já havíamos adquirido o hábito com a Bíblia, o texto central da civilização ocidental.

Pelo menos, desde quando aquela categoria de mestres chamados rabinos surgiu no Midrash, uma coleção de comentários rabínicos sobre o texto hebraico da Escritura, temos roído os textos, mastigado a cartilagem, sugado a medula dos ossos que são as palavras.[2]

A tradição intelectual cristã tem suas raízes na interpretação das Escrituras. A contar dos primórdios da igreja, os cristãos herdaram os métodos de interpretação bíblica que se encontram tanto nos escritos do judaísmo intertestamentário quanto nos do mundo greco-romano desse mesmo período. A partir dessa dupla herança, há uma visível conexão com os métodos hermenêuticos dos rabinos e de Filo, bem como com os dos seguidores de Platão e de Aristóteles. Todavia, há também um desligamento perceptível à medida que o cristianismo estabelece seu caráter único ao separar-se do judaísmo e das religiões greco-romanas à sua volta.

CONSTRUINDO SOBRE A TRADIÇÃO JUDAICA

Os intérpretes judeus, não importa quão diversos tenham sido seus pontos de vista, harmonizaram-se em vários pontos. Primeiro, eles criam na inspiração divina das Escrituras. Segundo, eles afirmavam que a Torá continha a verdade de Deus para guiar a vida dos homens. Para os judeus do 1º século, os textos bíblicos eram considerados extremamente ricos em conteúdo e carregados de uma pluralidade de significados. Terceiro, os intérpretes judeus, por causa da noção de que os textos bíblicos carregavam muitos sentidos, consideravam tanto o sentido literal como os vários significados implícitos. Por último, eles afirmavam que o objetivo de toda interpretação consistia em traduzir a Palavra de Deus para a vida das pessoas, tornando-a relevante para homens e mulheres, em situações específicas.

Alicerçados sobre essa substância, os escritores neotestamentários, com o emprego de vários temas, imagens e assuntos, tornaram evidente que as Escrituras têm o seu cumprimento em Jesus Cristo. O som das jubilosas palavras de Filipe, “Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus” (Jo 1.45), ecoou por meio dos escritores dos evangelhos como o modo de interpretar os fatos, os quadros e as ideias do Antigo Testamento. Os ensinamentos de Jesus e os modelos interpretativos dos apóstolos tornaram-se o ponto de partida do percurso que viria a ser a tradição intelectual cristã.

A BÍBLIA COMO A PRINCIPAL FONTE DE FORMAÇÃO DA TRADIÇÃO CRISTÃ

Desde o princípio da história do cristianismo, os cristãos têm usado a Bíblia de diversas maneiras. Essa rica herança formou a tradição cristã nas práticas individuais e comunitárias. Algumas delas são:

1. A Bíblia como fonte de informação e compreensão da vida
2. A Bíblia como guia para o culto
3. A Bíblia como manancial para compor a liturgia
4. A Bíblia como fonte primeira para a formulação da teologia
5. A Bíblia como o texto para pregação e ensino
6. A Bíblia como guia para o cuidado pastoral
7. A Bíblia como alicerce da formação espiritual e
8. A Bíblia como modelo de prazer estético e literário

A partir do 2º século, algumas dessas práticas deram início à formação das primeiras fases da tradição intelectual cristã, forjada na fé comum, na singularidade e no significado da vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré.

APRENDENDO COM OS PAIS APOSTÓLICOS E COM AS ESCOLAS DE ALEXANDRIA E DE ANTIOQUIA

Ao término da era apostólica, algumas mudanças marcantes começaram a ocorrer. Primeiramente, o reconhecimento dos livros do Novo Testamento como Escritura estava em processo. A relação entre o Novo e o Antigo Testamentos era uma questão pertinente para a igreja no 2º e no 3º séculos. Marcião (c. 85-160) e os gnósticos rejeitaram o Antigo Testamento como livro cristão e reelaboraram certos textos do Novo Testamento como bem entendiam. Os líderes cristãos ortodoxos dessa época concentraram-se na necessidade de contestar a proposta gnóstica de que o Deus do Antigo Testamento era incompatível com o Deus revelado no Novo Testamento. Como os textos tinham sido contestados, alterados e até rejeitados, a igreja tinha que demonstrar com bases bíblicas que o mesmo Deus fora revelado em ambos os Testamentos e que, portanto, a igreja não devia deixar de lado o Antigo Testamento. No capítulo 3, mostraremos de forma mais extensa a resposta da igreja a Marcião.

A pregação da igreja entendia a Escritura do Antigo Testamento em termos da encarnação de Jesus Cristo. Isso ficou evidente na atitude dos primeiros cristãos diante do Antigo Testamento e de sua leitura. Eles consideravam a lei e os profetas, assim como a história e o culto israelita, como parte da tradição cristã porque acreditavam que todos esses elementos testificavam de Jesus Cristo. Por exemplo, Paulo, em 1Coríntios 15.3-4,

insistia em que tudo o que se refere a Cristo acontecera “segundo as Escrituras”.

Sob vários aspectos, as origens da tradição intelectual cristã podem remontar-se à conversa entre Filipe e o eunuco, registrada em Atos 8. Agindo como mestre, Filipe perguntou ao eunuco: “Compreendes o que vens lendo?” (v. 30). No versículo 31, encontramos a seguinte resposta: “Como poderei entender, se alguém não me explicar?”. Por quase dois mil anos, a busca por entendimento e orientação e as interpretações resultantes têm continuado, num constante diálogo entre os crentes, representados pelos seguidores de Cristo do 1º século, pelos pensadores neoplatonistas do 3º século, pelos teólogos do 4º século num debate com respeito à Trindade Santa, pelos missionários irlandeses do 8º século, pelos escolásticos do século 13, pelos reformadores do século 16, pelos filósofos-teólogos-pastores do século 18 e pelos crentes do século 21 no hemisfério sul. Embora se tenham obviamente manifestado vozes diversas e variadas, o diálogo tem continuado na esperança de se articular melhor a confissão de “um Senhor”, e de “uma fé”, definida pelo apóstolo Paulo em Efésios 4.5.

Após a morte dos apóstolos, à medida que a igreja adentrava o 2º século, deu-se maior atenção à instrução moral e ética dos crentes. Como resultado, o que se poderia chamar de leitura funcional e prática da Escritura veio a caracterizar os trabalhos de Clemente de Roma (m.c. 100) e de Inácio (m.c. 117). Exceto *Didaquê* (c. 100-120), um manual de ensino, e *O Pastor de Hermas* (c. 120-150), que era mais apocalíptico. Os livros das primeiras décadas do 2º século eram na maioria bem práticos em suas orientações.

No final da segunda metade do 2º século, o aparecimento de heresias tornou-se tão comum que provocou, na igreja como um todo, uma reação que seria de enorme significado para a história do pensamento cristão. A

contestação envolvia: 1) uma necessidade de responder aos gnósticos, demonstrando a ligação entre os dois Testamentos; 2) uma necessidade de responder aos montanistas a respeito da gênese e da cessação da revelação; 3) uma necessidade de persuadir os judaizantes presentes no cristianismo, assim como o judaísmo de forma geral, sobre o hiato existente entre os dois Testamentos. As principais reações foram abordagens filosóficas de Justino Mártir (m. 165) e perspectivas mais teológicas de Irineu (m. c. 202) e de Tertuliano (m. c. 220).

JUSTINO MÁRTIR

Para Justino Mártir, tanto a revelação geral quanto a particular eram o desdobramento do *Logos*. Os filósofos pagãos, afirmava ele, possuíam alguns aspectos do *Logos*, mas Jesus foi e é o verdadeiro *Logos* e a Bíblia contém o resíduo escrito do *Logos*. De forma brilhante, Justino vinculou o Antigo e o Novo Testamentos, o que foi a verdadeira antítese tanto do judaísmo quanto do marcionismo, ou daquilo que alguns chamam de gnosticismo marciônico. A total rejeição do Antigo Testamento por Marcião foi exatamente o oposto do compromisso de Justino em afirmar o vínculo existente entre os Testamentos. Inspirando-se nas profecias messiânicas da tradição judaica, Justino sustentava que Jesus foi verdadeiramente o Messias esperado, o qual cumpriu a Escritura do Antigo Testamento literalmente ou tipologicamente. Dessa forma, Justino estabeleceu seu método apologético com base na evidência da profecia. Suas obras, principalmente seu *Diálogo com Trifão*, serviram como um tesouro de informações sobre o cristianismo do 2º século. Em *Apologia*, Justino narrou sua peregrinação filosófica. Primeiro associou-se a um filósofo estoico e depois estudou com um sagaz

peripatético. Mais tarde, seguiu um célebre pitagórico e finalmente tornou-se adepto do platonismo.[3]

Deve-se observar que Justino não considerava sua conversão ao cristianismo tão somente como o passo seguinte de sua jornada. Ele não apenas utilizou a filosofia grega; ele a criticou. Reconhecia a filosofia como certa somente quando o ensino filosófico estava de acordo com o ensino cristão.[4] A *Apologia* mostra como Justino desenvolveu uma apologética cristã fiel ao credo cristão primitivo ou à confissão comumente chamada de “a regra de fé” (semelhante ao Credo Apostólico), como ele confrontou os filósofos do seu tempo e como interpretou os textos bíblicos. Desde a época de Justino, a discussão sobre fé e razão, sobre fé e cultura, tem evidenciado duas características essenciais da herança intelectual cristã: 1) a fé busca o entendimento e 2) a inquirição intelectual pede uma resposta de fé.

IRINEU E TERTULIANO

A maneira como a igreja avaliava seus modelos teológicos sofreu certos ajustes nas décadas finais do 2º século. A distinção entre Escritura e tradição viva da igreja, como instrumentos integrados na transmissão do testemunho apostólico, tornou-se mais claramente percebida. Uma importância cada vez maior, se não uma primazia, começou a ser atribuída à tradição.[5] A causa dessa mudança foi o grande debate entre a ortodoxia e os hereges gnósticos. Essa postura mais amadurecida, com pequenas diferenças, é uma característica dos escritos de Irineu e de Tertuliano, no final do 2º século. De forma precisa e útil, Rowan A. Greer assim resumiu esse período:

1. Uma Bíblia cristã foi produto do período de formação do cristianismo primitivo (30-180). Antes de Irineu, encontramos a igreja esforçando-

se para definir o seu *canon* e chegar a um acordo sobre a interpretação dele, mas foi somente por volta do final do 2º século que chegou-se a um consenso com respeito às discordâncias existentes no cristianismo primitivo. O surgimento de uma Bíblia cristã tornou-se um traço central dessa unidade.

2. A interpretação das Escrituras no hebraico para que servissem como testemunha de Cristo foi fundamental para a empreitada desse período.
3. Com Irineu, encontramos a primeira evidência clara de uma Bíblia cristã e de um quadro interpretativo a que geralmente se refere como a regra de fé da igreja. A regra de fé, como um tipo de credo ou declaração confessional, esquematizava o conteúdo teológico cujo foco era o Senhor encarnado.[6]

A autoridade, o *canon* e a fé da igreja tinham alcançado novas dimensões no início do 3º século, mas o desenvolvimento do pensamento cristão estava em estágios incipientes. Voltemo-nos agora para o gênio inovador dos alexandrinos, especialmente para a obra de Orígenes (185-254). O 3º século assistiu ao florescimento de escolas, mescladas com os estudos clássicos, a ciência, a filosofia e os centros artísticos. A tradição intelectual cristã com moldes numa interpretação criteriosa da Bíblia começou a desenvolver-se e a amadurecer nas escolas de Alexandria e de Antioquia.

OS ALEXANDRINOS

Nascido no Egito, Orígenes foi discípulo de Clemente (c. 150-215) na escola de Alexandria. Ele seguiu Clemente, a quem daremos mais atenção no capítulo 5, como líder e como o principal mestre dessa escola. Clemente

exerceu essa função por vinte e oito anos, enquanto vivia uma vida ascética e extremamente piedosa.

O ensino de Orígenes refletia o seu amor e o seu zelo pelos indivíduos cristãos que estavam sob o seu cuidado. O trabalho de Orígenes foi grandemente influenciado pelo pensamento neoplatonista que aprendera do pai da filosofia neoplatônica, Amônio Sacas. Orígenes foi essencialmente um religioso que viveu a tensão entre a sua filosofia neoplatônica, sua inovadora interpretação bíblica e seu compromisso com a regra de fé da igreja. Orígenes sustentava que a interpretação bíblica, a formação teológica e o debate filosófico devem ser entendidos de acordo com a regra de fé, que provavelmente continha os seguintes itens:

1. *Uma doutrina de Deus.* Há um só Deus, o Pai, que criou o universo e o governa por sua providência. A adoração se deve somente a Deus, que deu a sua lei ao povo judeu e enviou o seu filho Jesus Cristo para redimir o mundo.
2. *Uma doutrina de Cristo.* Jesus Cristo, o Messias, profetizado no Antigo Testamento, foi homem nascido de Maria, a virgem que o concebeu miraculosamente. Na Palestina, Jesus ensinou e realizou milagres, foi crucificado sob Pôncio Pilatos, morreu e foi sepultado. Desceu ao inferno para libertar os mortos justificados. Ressurgiu dos mortos, apareceu aos discípulos e subiu ao céu, onde reina com Deus Pai. Cristo voltará para julgar os vivos e os mortos ressurretos. Jesus Cristo é divino e por isso digno de adoração, mas não é idêntico ao Pai.
3. *Uma doutrina do Espírito Santo.* O Espírito de Deus inspirou os profetas e os apóstolos que escreveram a Bíblia e continua a iluminar os crentes.

4. *Uma doutrina dos seres espirituais.* Há seres racionais que não são limitados a corpos terrenos, como nós. Alguns são anjos que adoram a Deus e cumprem as suas ordens. Outros são demônios – provavelmente anjos caídos – que seguem as ordens de Satanás, seu príncipe. Os demônios se apresentam falsamente como deuses, enganando dessa forma os pagãos para que os sustentem com sacrifícios e, ao mesmo tempo, arrastando os crentes para a heresia e o pecado.
5. *Uma doutrina das últimas coisas.* No fim dos tempos, Deus destruirá o mundo criado por ele. Quando isso suceder, todos os mortos terão novamente seus corpos e Cristo então receberá os justos para a felicidade eterna e condenará os ímpios, juntamente com Satanás e os demônios, ao tormento eterno.[7]

A versão da regra de fé feita por Orígenes permitiu que a igreja do 3º século refutasse as propostas heterodoxas de Marcião e dos gnósticos. Como observou Albert Outler, Orígenes, em sua exposição da regra de fé, empenhou-se deliberadamente em resumir todos os pontos doutrinários sobre os quais havia consenso geral na igreja.[8] Orígenes fez uma distinção clara entre o que designou “doutrinas necessárias”, que os apóstolos “entregaram” em termos mais compreensíveis para todos os crentes, e outras doutrinas. Essas doutrinas necessárias correspondiam à tríplice declaração de batismo de Mateus 28. Na reflexão de Orígenes a respeito dessas doutrinas encontra-se tudo o que é essencial à regra de fé como é definida pelo uso de Irineu, Tertuliano e Clemente de Alexandria, a qual apresentava marcas até em *1 Clemente* (geralmente referido como Clemente de Roma).

Em *1 Clemente*, no entanto, os fundamentos da regra de fé não foram tão sistematizados como no prefácio de *De Principiis*, de Orígenes. Tanto a tradição intelectual cristã quanto a expressão doutrinária da igreja sofreram uma transformação e uma expansão óbvias durante a época de *1 Clemente* e de Orígenes. O aparecimento de Marcião e dos gnósticos que o sucederam explica essa mudança, à medida que a igreja refutava mais vigorosamente, em cada geração, as contestações levantadas contra a sua ortodoxia. Faremos uma análise mais detalhada dessas contestações no capítulo 3.

No 4º século, as objeções à regra de fé exigiam uma solução mais consistente do que o legado inovador de Orígenes podia oferecer em sua totalidade. Devido ao fato de o sistema gnóstico ter entendido Cristo como um intermediário, em vez de tê-lo como um criador e, por isso, alguém menor do que Deus e, ao mesmo tempo, diferente dos homens, a regra de fé precisava ser explicada com mais clareza. No final do 3º século, as questões careciam de uma definição e de uma explanação mais completas.[9] O pragmatismo bíblico desse período tendia a acentuar os aspectos históricos e humanos de Jesus, sem, no entanto, negar sua origem divina.[10]

Nesse período, Ário (m. 336) empenhou-se na sustentação do monoteísmo, afirmando que Jesus, como Filho de Deus, era menor do que Deus Pai e que, aliás, sua existência era devida à decisão do Pai de produzir a ordem criada. Isso resultou no debate ariano que fez do texto de João 14.28, “O Pai é maior do que eu”, um campo de batalha. O arianismo foi condenado no Concílio de Niceia (325), mas essa controvérsia adentrou o século seguinte, perdurando até o Concílio de Calcedônia (451).[11]

Foi Atanásio (296-373), o principal oponente de Ário, quem alegou que o debate teológico sobre a natureza de Deus poderia ocorrer somente por meio da analogia. O cerne da discussão concentrava-se na definição de Jesus

como *homoousios* (significando “de uma natureza ou substância”), que permitiu uma correta diferenciação entre Jesus e o Pai, sem apelar para o subordinacionismo ariano. Em lugar disso, os arianos tinham proposto o conceito de *homoiousios* (significando “de natureza ou substância semelhante”).

O arianismo foi declarado herético no Concílio de Niceia, quando Atanásio defendeu seu ponto de vista ortodoxo recorrendo ao significado teológico da Escritura. Atanásio sustentava a ideia de “uma substância” (*homoousios*) revelada na Escritura em João 1.18, 6.46, 8.42, 10.30 e 14.10, embora a palavra específica *homoousios* não se encontre na Escritura.[12] As tensões dos debates do 4º século criavam ocasiões para influências filosóficas que, por vezes, obscureciam e influenciavam a interpretação das Escrituras. Mas como concluiu R. P. C. Hanson, “É difícil negar que o ensino de Atanásio foi mais fiel à definição que o Novo Testamento faz da significância de Jesus Cristo do que o ensino dos arianos, cuja dificuldade central, supõe-se, era a de não poder crer que Deus realmente tenha se comunicado em Cristo”.[13]

As obras de Atanásio passaram a ser consideradas as declarações definitivas e fundamentais sobre as principais controvérsias cristológicas da época. Atanásio moldou o entendimento da igreja a respeito da regra de fé em desenvolvimento, a qual se tornou o sistema de referência para a tradição intelectual cristã em expansão. O brilhante teólogo do 4º século exerceu larga influência sobre os três grandes Pais capadócijs: Basílio de Cesareia (c. 329-379), seu amigo Gregório de Nazianzo (c. 330-389) e seu irmão Gregório de Nissa (c. 330-395). Com esse magnífico trio, as declarações ortodoxas a respeito de Jesus Cristo e do Deus trinitário alcançaram o seu apogeu. Por causa dos debates cristológicos no 4º e no 5º

séculos, os líderes da igreja assumiram postura mais teológica em seu método de interpretação da Escritura. A consistente articulação da fé ortodoxa da igreja, unida às preocupações pastorais pela edificação dos fiéis, forneceu critérios para a formação e o desenvolvimento da tradição intelectual cristã.

OS ANTIOQUIANOS: UM IMPORTANTE AVANÇO NA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Para analisar o trabalho de interpretação bíblica da Escola de Antioquia iremos nos concentrar em Teodoro de Mopsuéstia (c. 350-428) e João Crisóstomo (354-407), particularmente na influência do pensamento aristotélico e no lugar da interpretação tipológica em seu método de interpretação bíblica. Embora se possa dizer, sem dúvida, que toda a teologia cristã desse período baseava-se na interpretação das Escrituras, isso era o que acontecia especialmente com Teodoro.[14]

O método de interpretação bíblica de Teodoro era a mais pura representação da hermenêutica antioquiana. Teodoro foi o primeiro a tratar os Salmos de maneira histórica e sistemática, enquanto às narrativas do evangelho eram consideradas como factuais, atentando às peculiaridades de transição e aos detalhes da gramática e da pontuação. Seu método pode ser definido como “antialegórico”, rejeitando interpretações que negavam a realidade histórica daquilo que o texto da Escritura afirmava. Em vez de um método alegórico, Teodoro e os antioquianos, como sugere Rowan A. Greer, preferiam a interpretação tipológica como método normativo para a interpretação dos textos do Antigo Testamento.[15]

Para os alexandrinos, o grande valor da interpretação alegórica era o de possibilitar uma interpretação teologicamente unificada da Bíblia. Teodoro,

empenhando-se em apresentar uma exposição teológica unificada, via a Bíblia como um registro do desenvolvimento histórico do plano de redenção divina. Na essência, essa história deve ser entendida a partir da perspectiva do propósito geral de Deus, em prover o cenário do ato da graça divina em Cristo Jesus, pelo qual se realizou o novo tempo da salvação. Teodoro, dedicado intérprete e professor, foi acompanhado em seus esforços pelo talentoso pregador João Crisóstomo.

João Crisóstomo deu primordial atenção à interpretação literal, gramatical e histórica das Escrituras. Como outros da tradição antioquiana, foi influenciado pela filosofia aristotélica, que parecia ser mais prática se comparada aos pontos de vistas mais espiritualistas de Platão. Crisóstomo, mais do que seus antecessores alexandrinos, tinha consciência do fator humano nas Escrituras e procurou levar em consideração a dupla autoria da revelação bíblica. Não obstante, sustentava que a Bíblia falava de forma coesa.

Crisóstomo, como Teodoro e outros representantes antioquianos, deu ênfase ao sentido histórico do texto bíblico. Embora nunca tenha definido o seu método nesses termos, ao que parece, tentava descobrir o sentido pretendido pelo autor bíblico. Crisóstomo rejeitou rudemente a interpretação literal da Bíblia defendida pelos antioquianos leigos e pelos críticos alexandrinos. Cuidava para que nenhuma expressão figurada da Bíblia fosse mal-entendida, fosse por uma interpretação demasiadamente literal ou extremamente fantasiosa.[16]

Para Crisóstomo, a Teologia e a Hermenêutica não eram disciplinas teóricas, mas práticas e pastorais. De maneira geral, é verdade que os alexandrinos buscavam tanto o sentido literal como o alegórico das Escrituras e que os antioquianos procuravam um sentido mais histórico e

tipológico. Os alexandrinos voltavam-se para as regras de fé, a interpretação mística e a autoridade como fontes para formar uma tradição intelectual cristã. Os antioquianos inclinavam-se para a razão e para a evolução histórica das Escrituras como foco para a compreensão do pensamento cristão. Essas óticas abriram caminho para o trabalho de formação e de grande influência feito por Agostinho.

* Segundo o British English Dictionary, *open-house* é uma festa com entrada franqueada a todos que desejem participar; ou dia em que uma instituição permanece aberta ao público (N. do E.).

O DESENVOLVIMENTO DA GRANDE TRADIÇÃO

Um aluno de uma universidade cristã que não teve contato com a proposta da tradição intelectual cristã – de Paulo a Agostinho, de Irineu a Dante, Tomás de Aquino, Lutero, Milton e pensadores modernos como Lewis e Polanyi, entre aqueles que desafiaram e agora desafiam essa tradição – tal aluno foi deploravelmente ludibriado em sua educação universitária. Isso é válido para alunos que se graduam em Teologia, Filosofia ou em Ciências Humanas. É válido, em diferentes níveis de intensidade, para todos os alunos. Isto é, se alegando ser uma universidade cristã, cristã refere-se a uma convicção orientadora e não simplesmente a uma ressaca produzida por um acidente histórico.

Richard John Neuhaus, “A University of a Particular Kind”, *First Things* (2007)

A ênfase na interpretação bíblica como fundamento do pensamento e do compromisso cristão foi importante não somente para os antioquianos, mas também para os maiores doutores da igreja: Jerônimo (c. 341-420) e Agostinho (354-430). Jerônimo foi um linguista e um intérprete mais hábil do que qualquer um de seus colegas da igreja antiga. Seu modelo eclético de interpretação bíblica combinava o que havia de melhor das escolas de Alexandria e de Antioquia. Sem dúvida, Jerônimo classifica-se como intérprete bíblico da primeira ordem, uma reputação que permanece até hoje.[17] No entanto, foi Agostinho que promoveu o avanço do pensamento cristão de maneira mais significativa.

AGOSTINHO: O PAI DA TRADIÇÃO INTELECTUAL CRISTÃ

Para os protestantes, Agostinho é a figura de maior influência na história do pensamento cristão e da interpretação bíblica no período compreendido entre os apóstolos e a Reforma do século 16. Para os católicos romanos, a influência de Agostinho nesse período equipara-se apenas à de Tomás de Aquino (1225-1274). Na História da Filosofia, Agostinho é somente um pouco menos importante. Ele foi o filósofo mais importante entre o período que vai de Plotino, no 3º século, a Tomás de Aquino. Nesse aspecto, o trabalho de Agostinho formou o que há de melhor na tradição intelectual cristã, como poucos outros nos dois mil anos de história da igreja.

A vida de Agostinho é uma peça chave para a compreensão do seu pensamento. Como conta em suas *Confissões*, na juventude raramente perdia uma oportunidade para cometer um pecado.[18] Aos dezessete anos tinha uma amante e antes dos vinte era pai de um filho ilegítimo. Nessa época aproximou-se de um sistema filosófico-religioso dualista conhecido como maniqueísmo, o qual afirmava que dois princípios – Luz e Treva, Deus e Matéria – são eternos. Agostinho alegava que o maniqueísmo o atraiu porque parecia oferecer ao problema do mal uma resposta superior à que ele tinha achado no cristianismo da mãe. Além disso, as exigências morais do maniqueísmo eram poucas. Quando aos poucos percebeu, através dos estudos das Ciências Humanas, particularmente da Filosofia, a incoerência da religião de Maniqueu, Agostinho não aderiu a esse movimento ou a qualquer outra religião, “porque elas não possuíam o nome redentor de Cristo”.[19] Em vez disso, ele caiu na tentação do ceticismo, tendo filósofos como guias para a sua vida.

O caminho para a sua conversão começou em Milão, com a pregação de Ambrósio (c. 339-397) que resolveu as dificuldades do maniqueísmo e

trouxe a solução para a interpretação do Antigo Testamento com o uso da hermenêutica alegórica. Sob a influência de Ambrósio, as questões de Agostinho sobre a Bíblia começaram a dirimir. Esse processo acelerou-se com a descoberta da filosofia neoplatônica, na qual ele pôde achar confirmação para muito do que ele tinha descoberto no evangelho de João.

A conversão de Agostinho deu-se em 386 d.C., época em que escreveu *Contra os cétricos*. Foi nomeado bispo auxiliar e consagrado como bispo de Hipona em 395. Sua vasta obra compreende polêmicas contra maniqueístas, donatistas e pelagianos, bem como trabalhos teológicos significativamente importantes como *A Trindade* e *A cidade de Deus*. Também nesse período, sua pena verteu um fluxo constante de comentários bíblicos.

Agostinho foi um dos primeiros a reconhecer a importância dos pressupostos quando se interpreta a Escritura Sagrada. Talvez tenha sido o mais notável platonista cristão. A harmonização dos fatos bíblicos com a filosofia platônica pode ser vista em sua célebre máxima: *Credo ut intelligam* (Creio para poder compreender). Agostinho extraiu a base bíblica desse princípio da versão latina de Isaías 7.9 (Se não o crerdes, certamente não o compreendereis) e da noção platônica dos princípios inatos.

Muito antes das descobertas da semiótica e da semântica contemporâneas, Agostinho reconhecia que as coisas no mundo criado poderiam funcionar como signos ou símbolos através dos quais Deus poderia ser compreendido. É possível compreender por causa da iluminação dada pela luz eterna de Deus. Agostinho cria que, para que a mente perceba Deus, ela deve ser iluminada por Deus, e isso resulta em: 1) uma fé que crê que aquilo que buscamos, quando percebido, deve nos abençoar; 2) uma esperança que está segura de que a visão será consequência de uma percepção correta; e 3) um amor que busca ver e desfrutar.[20]

O propósito da interpretação bíblica deve dar primazia ao amor a Deus e ao próximo (ver Mt 22.37-39). Este é o mandamento para uma vida cristã que almeja o lar celestial. A interpretação das Escrituras Sagradas feita por Agostinho ressaltava o sentido canônico de um texto dentro do contexto geral do cânon bíblico, a primazia da fé, a importância dos signos, o propósito do amor e o significado tanto histórico como alegórico. Ele não limitava a Escritura a um único sentido. Em sua abordagem bíblica, as questões teológicas tinham precedência sobre as históricas.[21]

À semelhança de Jerônimo, no seu processo de desenvolvimento teológico, Agostinho começou a dar maior ênfase ao sentido literal e histórico das Escrituras. No entanto, para ele, o sentido teológico tinha sempre precedência. A partir desse esquema, Agostinho não somente se tornou o mais bem articulado defensor da tradição intelectual cristã como também contribuiu para o avanço dela como ninguém antes havia contribuído. Ao fazê-lo, sustentou de bom grado a autoridade da regra de fé, configurando dessa forma a tradição confessional que iremos examinar no capítulo 4. Os exageros da interpretação e da elaboração teológica de Agostinho foram atenuados por sua preocupação com uma interpretação universal da Escritura, fiel tanto à autoridade da igreja quanto à do credo. [22] Assim sendo, o gênio de Agostinho unia criatividade e credo; autor, texto e intérprete; o histórico e o figurativo/alegórico; a fé e a razão.

Unindo fé e razão, Agostinho apresentou um modelo cristão para a reflexão sobre o mundo, ressaltando a primazia da fé para a compreensão da revelação de Deus ao homem através da criação e da experiência pessoal e, em última análise, através de Jesus Cristo e das Sagradas Escrituras. Assim sendo, Agostinho sempre insistia que a interpretação bíblica e a reflexão cristã a respeito de todos os aspectos da vida devem encorajar o amor a

Deus, à igreja e ao próximo. A influência de Agostinho na formação da tradição cristã foi, de diversas maneiras, incalculável. Há quem afirme que as contribuições para essa tradição, nos últimos quinze séculos, são definidas de modo melhor como nota de rodapé sobre a obra de Agostinho.

A TRADIÇÃO MEDIEVAL: DE AGOSTINHO A TOMÁS DE AQUINO

Os sete grandes concílios da igreja (325-787) aconteceram em épocas turbulentas. À medida que crescia e amadurecia, a igreja também enfrentava desafios novos e maiores com respeito às suas crenças. O que se deve crer e afirmar a respeito da Trindade? Se Jesus Cristo é totalmente Deus, como pode ser ao mesmo tempo totalmente homem? Se Jesus é uma pessoa, como entendemos sua dupla natureza e sua dupla vontade? O que significa a frase “o Espírito Santo, o doador da vida”? Questões sobre a Trindade, sobre a encarnação de Jesus Cristo, a natureza e a pecaminosidade da raça humana acompanharam e caracterizaram os anos conhecidos como período medieval. Foram anos durante os quais os bárbaros removiam as fronteiras do império romano apoderando-se de grandes frações dele. Era também uma época em que o entendimento da igreja a respeito de liderança e organização evoluía para uma forma hierárquica. Durante esse período, a tradição intelectual cristã foi desafiada, expandida e fortalecida, especialmente através do trabalho de Anselmo, Bernardo de Clairvaux e Tomás de Aquino.

Anselmo (1033-1109) foi bispo em Cantuária de 1093 a 1109. Em seu livro *Proslógio*, Anselmo, usando a razão, defendeu uma tese sobre a existência de Deus utilizando o que se denomina argumento ontológico. Ele afirmava que, uma vez que Deus é nada maior do que Deus pode ser

concebido, deve haver um ser supremo. Portanto, porque os homens podem conceber uma ideia de Deus, Deus deve existir. Se ele não existisse, ele não seria o maior ser que se pode conceber. Uma vez que homens e mulheres podem ter uma ideia de Deus, está implícito que deve haver um Deus. A contribuição de Anselmo para a tradição intelectual cristã foi seu empenho em mostrar que homens e mulheres são capazes de usar a razão para investigar as coisas concernentes a Deus. Anselmo recorria às Escrituras e à tradição, mas seu afã era o de articular as funções da razão e da fé.

Bernardo de Clairvaux (1090-1153) foi um fiel membro da Ordem de Cister, que construiu um prestigioso centro cisterciano em Clairvaux. Um dos mais notáveis líderes do século 12, Bernardo foi um renomado pregador e autor de obras valiosas sobre a Escritura e sobre o monasticismo. Apesar de ser conhecido por seu espírito de devoção, Bernardo ampliou o trabalho da tradição da igreja dos primeiros séculos a ponto de ser, às vezes, chamado de “o último Pai da igreja”. Mesmo assim, foi capaz de produzir um rigoroso trabalho apologetico usando a razão e uma brilhante argumentação no Concílio de Sens em 1140, refutando o ensino falso de Abelardo sobre a expiação de Cristo. Como Anselmo, Bernardo articulava Escritura, tradição e razão na prática de uma cativante reflexão cristã.[23]

Tomás de Aquino (1225-1274), o maior pensador do período medieval, reformulou grande parte do pensamento de Agostinho dentro de uma perspectiva aristotélica. Tomás de Aquino é hoje considerado um dos mais notáveis mestres da tradição católica romana. Empregando a filosofia aristotélica, como Anselmo e Bernardo anteriormente, empenhou-se na harmonização de razão e fé. Do mesmo modo que Anselmo, Tomás de Aquino adotou o método de propor afirmações contrárias sobre um problema, procurando achar uma solução através do uso da razão. Suas

obras mais importantes, entre outras tantas de sua autoria, foram *Suma Teológica* e *Suma contra os Gentios*.^[24]

O lugar preponderante da razão no pensamento de Tomás de Aquino não deve sugerir que ele subestimava o papel da Escritura. Ao contrário, Tomás de Aquino buscou demonstrar que o sentido espiritual da Escritura baseava-se sempre no sentido literal e resultava dele.^[25] Afirmava também que o significado literal do texto bíblico deve estar associado ao sentido pretendido pelo autor bíblico. Os exegetas e teólogos medievais admitiam que as palavras da Escritura possuíam um significado ligado à situação histórica na qual eles foram primeiramente enunciados, mas, de forma geral, esses doutores negavam que o sentido final e completo dessas palavras estava limitado ao que o público inicial ouvira ou entendera.

No período medieval, em nenhum outro lugar pode-se ver melhor um sério compromisso cristão do que na obra de Tomás de Aquino. Ele defendeu o diálogo multilateral entre o texto bíblico, os Pais da igreja e Aristóteles. Ao mesmo tempo, empenhou-se em dar respostas tanto dialógicas quanto apologéticas a pensadores mulçumanos e judeus como Averróis e Maimônides. Antes e depois da Reforma, a obra de Tomás de Aquino influenciou grandemente os pensadores católicos romanos assim como os filósofos protestantes.

O período medieval presenciou o desenvolvimento de algumas das primeiras universidades. Essas instituições foram estabelecidas principalmente com a finalidade de dar educação profissional, com certa educação geral para a elite. Das setenta e nove universidades existentes na Europa naquela época, a de Salerno era a mais renomada por causa da Medicina, a de Bolonha por causa do Direito e a de Paris por causa da Teologia. Instituída na cristandade medieval, onde a fé cristã orientava e

iluminava o cenário intelectual, a missão central da universidade voltava-se de forma geral para a investigação em busca da verdade. No contexto da cristandade medieval, a fé era entendida como um aliado indispensável, e não como um inimigo da razão e da pesquisa intelectual.[26] Desde o período medieval as universidades cristãs que surgiram *ex corde ecclesiae*, “do coração da igreja”, têm sido um dos principais espaços onde a tradição cristã tem se desenvolvido.

RENASCENÇA E REFORMA: ERASMO, LUTERO E CALVINO

Martinho Lutero (1483-1546), o grande reformador, iniciou sua carreira como intérprete bíblico empregando o método alegórico, o qual abandonou posteriormente.[27] Embora seja amplamente reconhecido como o pai da Reforma, na verdade, sob vários aspectos, ele deu continuidade ao trabalho de Pedro Waldo (1140-1218), João Wycliffe (1330-1384), Jon Hus (1373-1415), Girolamo Savonarola (1452-1498) e também ao de Desidério Erasmo (1466-1536). Todos eles ressaltavam a supremacia das Escrituras, mas foi Erasmo, até mesmo mais do que Lutero, por influência de John Colet (1466-1519), quem redescobriu a prevalência do sentido histórico na interpretação bíblica.[28] Erasmo é o exemplo do que há de mais excelente na erudição renascentista, a qual dava ênfase à primazia das fontes (*ad fontes*). A fonte fundamental a que Erasmo se dirigiu foi ao Novo Testamento grego. Junto com sua ênfase nas fontes havia uma interpretação verdadeiramente histórica dos textos antigos, embora desejasse que os textos bíblicos edificassem os leitores por meio do seu sentido espiritual.

Tão importantes e renovadoras como a figura de Erasmo, as personalidades centrais e decisivas da Reforma foram Martinho Lutero (1483-1546) e João Calvino (1509-1564).[29] Lutero deu novo enfoque à

tradição intelectual cristã com o uso de um método cristológico de interpretação bíblica, o qual orientou o seu relacionamento com a igreja, a cultura e a sociedade. Martinho Lutero rompeu com o domínio da interpretação fantasiosa ao comprometer-se com o princípio da *sola scriptura*, que ressaltava não somente a supremacia da Escritura, mas também o sentido histórico como o único e verdadeiro sentido a apresentar um sólido esquema de reflexão cristã sobre Deus e o mundo.

Lutero, resgatando os aspectos fundamentais da tradição agostiniana, também afirmava que a Bíblia em si é a sua melhor intérprete. Esses postulados alicerçavam-se na total confiança na veracidade e na autoridade da Bíblia. Crendo que o Deus da verdade havia falado nas Escrituras, Lutero cria igualmente que os homens devem colocar-se sob a autoridade da Bíblia. As Escrituras forneciam o sistema de referência para uma percepção total da vida e para a compreensão de todo o pensamento humano, porque para Lutero a Bíblia era, ela mesma, a verdadeira Palavra de Deus.

Lutero refletiu profundamente sobre a existência de uma relação entre fé e razão, a qual requer que o intelecto humano se ajuste aos ensinamentos das Sagradas Escrituras. É certo que a razão pode ser usada no discernimento da verdade e na investigação de cunho intelectual, mas não pode ser usada para julgar o teor das Escrituras. À semelhança do que ocorria com outros grandes pensadores, a teoria de Lutero, nesse aspecto, geralmente era mais coerente do que sua prática. No entanto, apesar de certas incoerências, Lutero ergue-se como modelo para outros quando insiste em que toda a reflexão cristã deve alinhar-se com a Bíblia, em vez de ser o contrário. [30]

Os avanços marcantes trazidos por Lutero têm influenciado pensadores cristãos por cinco séculos. Porém foi João Calvino que, em certo sentido,

superou Lutero quanto à definição de aspectos da tradição intelectual cristã em desenvolvimento desde o século 16.

João Calvino foi o mais admirável intérprete da Escritura e o pensador cristão que mais se distinguiu nesse período. Até um adversário como Jacob Armínio admitiu que a obra de Calvino era incomparável, dizendo: “Ele figura acima dos outros, acima da maioria, na verdade, acima de todos”.[31] Em 1536, com apenas vinte e seis anos de idade, Calvino publicou a primeira edição de suas *Institutas*. A edição final, revista em 1559, era aproximadamente três vezes maior do que a original. Calvino deu ênfase à educação, apresentando um sistema de catequese que tem sido mantido no mundo inteiro. A teologia de Calvino influenciou grandes setores da Europa, da Inglaterra e do Novo Mundo. Ele escreveu comentários sobre quase todos os livros da Bíblia. Sobretudo, Calvino recorria ao testemunho do Espírito Santo como o guia para a compreensão tanto da revelação natural quanto da revelação especial de Deus. Afirmando que o testemunho do Espírito Santo era mais importante do que toda razão, Calvino insistia que o testemunho interior do Espírito unia a mente e o coração da pessoa à Palavra de Deus. Apesar de não rejeitar o papel da razão, Calvino acreditava que a mente humana estava contaminada pelo pecado e pelo impacto da queda. Por isso, coerentemente, defendia que a iluminação do Espírito estava acima do julgamento humano. Lutero, Calvino e Ulrico Zuínglio (1484-1531) e outros reformadores e pensadores da pós-reforma argumentavam que a Escritura deve ser aceita por fé, corretamente interpretada, aplicada e vivenciada para que, de forma verdadeira e redentora, promova o avanço da tradição intelectual cristã.[32]

PÓS-REFORMA E PENSAMENTO MODERNO: DO OCIDENTE AO SUL

Ao focalizar a tradição intelectual cristã nos primeiros dezesseis séculos da história da igreja, evidenciamos as múltiplas correntes que mencionamos: a alexandrina, a antioquiana, a agostiniana, a ocidental e a oriental, a tomista, a luterana, a calvinista e outras. Começando com o século 17, à medida que essas correntes se multiplicavam, tornou-se até mais difícil falar honestamente em uma única tradição. A partir desses vários movimentos, logo surgiu uma preocupação com a crescente fragmentação da tradição intelectual cristã. Filipe Melanchthon (1497-1560) e outros começaram a questionar a fragmentação que observavam. Vigorosos apelos à unidade foram feitos, lembrando os outros da confissão que tinham em comum no Credo de Niceia: “Cremos em uma única igreja, santa, católica e apostólica”. Mas, ao que parece, a diversidade de formas da tradição cristã só aumentava. [33]

Vários aspectos da expansão eram bons e promissores, na medida em que a mensagem cristã começava a influenciar mais e mais todos os setores da vida e até na medida em que essa mensagem circulava pelo mundo. Por outro lado, a grande influência do pensamento do Iluminismo e do Pós-iluminismo desafiou o verdadeiro cerne da tradição intelectual cristã, levantando questões sobre autoridade, tradição e sobre o papel da razão. O Iluminismo, que floresceu no século 18, foi um marco decisivo na história da civilização ocidental. O consenso cristão que existira do 4º século até o século 16 foi reprimido, para não dizer quebrado, por um radical espírito secular. A filosofia do Iluminismo poderia ser caracterizada por sua ênfase na primazia da natureza e da razão sobre a revelação especial. Junto a esse conceito privilegiado da razão, o movimento mostrava uma frouxa visão do

pecado, uma predisposição contra o sobrenatural e um constante questionamento do lugar da autoridade e da tradição.[34]

Alguns teólogos empenharam-se em fundir ou sintetizar a tradição cristã com ideias vindas do Iluminismo. Friedrich Schleiermacher (1768-1834) foi um líder no momento em que muitos se uniram nesse afã. Com seu livro *Acerca da religião, discursos aos seus cultos desprezadores* (1799), Schleiermacher postulava uma maneira pela qual a fé cristã poderia ser conhecida novamente numa cultura que mudava rapidamente, esforçando-se para ajustar a fé cristã a esse novo modo de pensar. Esse empenho em traduzir a fé cristã para os tempos em mudança não eram apenas tentativas de tornar a fé cristã relevante ou de levar o cristianismo a uma posição na qual poderia ser conhecido novamente. Esse novo movimento, conhecido como liberalismo, transformou a fé cristã em algo bem diferente. O resultado foi a perda da conexão com a grande história do movimento cristão, um desligamento da grande tradição.

Grande parte do trabalho de pensadores cristãos em vários campos do pensamento nos três últimos séculos tem sido tentativas de combater as ideias do pensamento do Iluminismo e do Pós-iluminismo. Muitos têm buscado, de formas variadas e significativas, resgatar o melhor da tradição intelectual cristã para o mundo contemporâneo: congregacionais como Jônatas Edwards (1703-1758), pensadores reformados como Abraham Kuyper (1837-1920) e B. B. Warfield (1851-1921), teólogos neorreformados como Karl Barth (1886-1968), batistas como A. H. Strong (1836-1921) e Carl F. H. Henry (1913-2003), luteranos como J. A. O. Preus (1920-1994), católicos britânicos e eruditos anglicanos como Cardeal Newman (1801-1890), G. K. Chesterton (1874-1936) e C. S. Lewis (1898-1963), metodistas como João Wesley (1703-1791) e Thomas Oden (1931-) e os que têm

influenciado o cristianismo contemporâneo mundial como Francis Cardeal Arinze e Luke Orambi na África, assim como Siga Aries e Wallace Louie na Ásia.

CONCLUSÃO: A TRADIÇÃO INTELECTUAL CRISTÃ NO SÉCULO 21

Estamos agora no contexto mundial do século 21, um contexto que apresenta não apenas grandes desafios, mas também novas e surpreendentes oportunidades.[35] O “novo” ateísmo, a expansão do secularismo e o surgimento do pluralismo religioso no mundo ocidental geralmente provoca desânimo nos cristãos. No entanto, surgem novas oportunidades de se resgatar o melhor da tradição intelectual cristã, não somente na Teologia, mas também na Literatura, nas Artes, nas Ciências e em todas as áreas da vida. Esta série da Crossway dedica-se a essa tarefa. Nesse afã, somos encorajados pelo movimento cristão na Ásia, na África e na América Latina. [36] O Espírito de Deus está se movendo ao redor do mundo e é hora de vermos com olhos restaurados e de enxergarmos novas perspectivas. É preciso um esforço conjunto para resgatar e promover o cerne da tradição intelectual cristã, moldado num compromisso renovado com a ortodoxia trinitariana, com um autêntico movimento transgeracional, transcontinental e multiétnico, que se apoia ou se baseia nos princípios fundamentais da fé cristã.

Com o intuito de resgatar a tradição intelectual cristã para o nosso contexto contemporâneo, fazemos um apelo não somente para que haja uma ênfase renovada na fé e na razão, associada a uma interpretação correta da Escritura, mas também para que partilhemos o compromisso com a natureza e a autoridade divinas da Palavra de Deus escrita, com a divindade

e humanidade de Jesus Cristo, com a firme confissão da Trindade Santa, com a singularidade da mensagem do evangelho e com a obra capacitadora do Espírito Santo de Deus, com a salvação pela graça por meio da fé, com a igreja universal, com a esperança no reino vindouro e com a santidade da vida e da família. É necessário recuperar um modelo de ortodoxia dinâmica num diálogo com Niceia, Calcedônia, Agostinho, Bernardo, Lutero, Calvino, Wesley, os pietistas e com os influentes líderes cristãos internacionais do século 21 para resgatarmos e fortalecermos a grande tradição intelectual cristã.

A grande tradição do pensamento cristão não somente produziu uma reflexão bíblica e teológica, mas também contribuiu com amplos recursos para a Filosofia, as Artes, a Música, a Literatura, o Teatro, a Arquitetura, o Direito, e o pensamento político e social, e para outras formas de atividade cultural e acadêmica. Curiosamente, o pensamento cristão e as práticas religiosas foram influenciadas pela ação dessa significativa herança. Os três capítulos seguintes mostram formas mais específicas de como a tradição intelectual cristã, uma tradição fundamentada e consolidada no *consensus fidei* da igreja cristã através dos séculos, pode ser recuperada e proposta para a nossa época.[37]

A FORMAÇÃO DA GRANDE TRADIÇÃO

É difícil ser cristão sozinho... Cristo ordenou que o cristão fosse alimentado e sustentado por outros cristãos... a união com a igreja cristã através dos séculos, com sua provisão de sabedoria e com sua grande tradição intelectual... os estudantes e pensadores cristãos precisam tirar proveito da interação espiritual e intelectual encontrada naquilo a que o credo se refere como “a comunhão dos santos”.

Gene Edward Veith, *Love God with All Your Mind* (1987)*

A “integração de fé e razão” costuma resultar num perfeito mantra. Você pode achá-lo em belos catálogos de inúmeras universidades cristãs, assegurando aos supostos alunos – ou, pelo menos, a seus pais – que essas escolas têm uma vaga conexão com uma tradição religiosa, que ainda mantêm algum tipo de programa de capelania e que os professores têm alguma ligação básica com igreja e com a crença cristã.

Infelizmente, como vimos em exemplos no capítulo 1, essa expressão não significa mais do que isso, em muitos contextos, por causa da dicotomia que se criou entre fé e conhecimento. Outra razão por que a “integração de fé e razão” talvez tenha se tornado pouco mais que uma postura retórica em alguns contextos cristãos pode ser a de que a própria Bíblia tenha sido marginalizada dentro do discurso acadêmico. Isso pode parecer uma conclusão pouco provável. No conceito popular, os cristãos em geral e os evangélicos em particular são tidos como bíblicistas por excelência. A

declaração de fé do Wheaton College, por exemplo, afirma: “Cremos que Deus, com sua Verdade, revela-se a si mesmo na ordem criada, nas Escrituras e, de forma suprema, em Jesus Cristo, e que as Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos são verbalmente inspiradas por Deus e inerrantes em seu escrito original, sendo assim totalmente dignas de confiança e possuindo autoridade suprema e final em tudo o que dizem”.

Na verdade, somos ambos batistas do Sul e nós, batistas, exaltamos as Escrituras com o que delas há de melhor. Como gostamos de dizer, a Bíblia é inspirada, infalível, inerrante. Nós amamos essas palavras com *i* inicial e podemos acrescentar mais algumas, se você quiser: imensurável, inimitável, invencível e incontestável. E, no entanto, apesar de tudo isso, a Bíblia continua sendo, na maior parte do mundo cristão, um artefato inerte (um termo negativo que inicia com a letra *i*) oriundo da antiguidade. Geralmente entendemos sua autoridade como sendo a de um livro de consulta divino, uma espécie de manual inspirado, que pode ser compreendido de forma completamente separada da herança cristã da interpretação bíblica, da teologia e da sabedoria acumulada através dos séculos, algo totalmente oposto ao padrão apresentado nos capítulos iniciais.[38]

O PADRÃO DA VERDADE CRISTÃ

Se nossa intenção é ter uma conversa significativa sobre a integração de fé e razão – a junção entre a Escritura e as disciplinas que deve ser alvo de uma universidade cristã – , então nosso próximo passo além de reconhecer a importância da interpretação bíblica exige uma retomada do desenvolvimento da doutrina cristã. Precisamos discernir “o padrão da verdade cristã”, emprestando uma expressão que E. W. Turner usou como

título de um excelente livro, publicado como resultado de suas famosas Bampton Lectures na Universidade de Oxford em 1954.[39]

Turner contestava o livro *Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity*, de autoria do acadêmico Walter Bauer, publicado primeiramente na Alemanha em 1934. Bauer alegava que aquilo que surgira como ortodoxia cristã oficial no 2º e no 3º séculos era meramente parte de um movimento cristão muito difuso e não era mais normativo para a vida de fé do que outras tendências que possamos identificar nos tempos apostólicos e pós-apostólicos. Evidentemente, a tese de Bauer tornou-se a orientação dominante dentro de uma ampla extensão da academia. Prova disso são os livros de Elaine Pagel sobre gnosticismo e sobre o *Evangelho de Tomé*, sem mencionar o *best-seller* de Dan Brown, *O código Da Vinci*.

Em resposta, Turner argumentou que havia um *padrão* de verdade cristã reconhecível, um padrão resultante do testemunho apostólico, mantido através do tempo como *depositum fidei* ou o que o Novo Testamento chama de “a fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Jd 3). Esse padrão está implantado como um código genético no próprio texto inspirado das Escrituras. Mas somente ao ter que confrontar posições contrárias – ao ter que reagir à heresia – a comunidade da fé realmente reconhece esse padrão com clareza e estabelece credos e confissões de fé para preservar a integridade do seu culto e da sua pregação.

O termo *heresia* faz vir à memória as chamas de Smithfield, as torturas da Inquisição e o *malleus maleficarum* (“o martelo das bruxas”). Aliás, caça às heresias e extermínio de bruxas parecem quase sinônimos hoje. Porém, a primeira geração de cristãos – como é relatado em Gálatas 1.9 e em 1João 4.1-3 – viu-se confrontada por um padrão alternativo de ensino que não podia ser aceito, uma vez que tinha de permanecer fiel ao seu Senhor. Não

era uma divergência a respeito de coisas secundárias sobre as quais cristãos sinceros podem discordar – por exemplo, se a terceira trombeta soa antes que o quarto selo seja aberto no livro de Apocalipse. Não. Heresia é uma perversão deliberada, uma “escolha” (*hairesis*, no grego). É romper com o padrão original da verdade cristã e promulgar uma doutrina que subverte o evangelho e destrói a unidade da igreja de Cristo. Uma igreja que não é capaz de discernir entre heresia e verdade ou, até pior, uma igreja que pensa que essa distinção não tem mais valor, é uma igreja que perdeu o direito de testemunhar o evangelho transformador de Jesus Cristo, que disse ser ele mesmo não somente o único caminho e a vida, mas também a verdade.

Mas há também o lado favorável da heresia – no sentido de que a história da heresia é a face paralela do desenvolvimento da doutrina. À luz da sua corrupção, podemos ver retrospectivamente o esplendor e a beleza da revelação divina que a Sagrada Escritura encerra. Em seu confronto com heresiarcas, a igreja, como vimos no capítulo 1, aprendeu a interpretar as Escrituras de uma maneira que ainda hoje deve nos inspirar.[40]

RESPOSTA A MARCIÃO (c. 85-160)

Marcião fez parte de nossa discussão no capítulo 1. Aqui, faremos uma abordagem mais detalhada sobre ele. Construtor de barcos, nascido no Ponto, região próxima ao mar Negro, Marcião cresceu na igreja, sendo filho de um bispo. Tendo acumulado imensa riqueza, por volta de 139 d. C., emigrou para Roma, onde fez uma grande doação à igreja. Durante cinco anos, escreveu e ensinou em Roma, agregando um número tão grande de seguidores que quando foi excomungado em 144, diz-se que levou consigo metade da igreja.

Conta Irineu que certa vez Marcião encontrou Policarpo de Esmirna nas ruas de Roma e perguntou-lhe: “Você sabe quem eu sou?”. Ao que Policarpo respondeu: “Sei que é o primogênito de Satanás”. O alvo de Marcião era arrancar o cristianismo do seu solo judaico e, para fazê-lo, tinha de separar a criação da redenção. O Deus do Antigo Testamento, dizia Marcião, não é o Pai de Jesus (a quem Marcião chamava de “o Deus Alienígena”). O Deus judaico era um tipo de demiurgo, como o de Platão em *Timeu*: uma espécie de artífice que deu forma ao caos inicial do universo.

Sem dúvida nenhuma, Marcião pensava que o seu demiurgo era um deus verdadeiro. Tinha sido esse deus que fizera uma aliança com o povo judeu e dera a esse povo a sua lei. Ele prometera um dia enviar-lhes um Messias e ele cumpriria sua promessa. Mas Jesus, dizia Marcião, não era aquele Messias: era o emissário do Pai Alienígena. Jesus veio para mostrar um caminho alternativo para a salvação, um desvio do mundo da matéria, do mundo dos insetos, crocodilos e víboras, do mundo do nascimento e da procriação, da sexualidade e do casamento. Jesus não teria passado pela experiência de um nascimento natural, humano. Marcião dizia: “Fora daqui com essa pobre estalagem, esses miseráveis cueiros e essa rude estrebaria”. O verdadeiro Cristo não poderia ter assumido um corpo material e feito parte do mundo criado, pois tal corpo teria estado ‘cheio de excremento’. Digno de nota é o fato de Marcião admitir pessoas casadas ao batismo em sua igreja somente se fizessem voto de se absterem de relações sexuais. O sexo era amaldiçoado por causa (e não apesar) da procriação, uma vez que o corpo material era uma maldição e uma indignidade.

Marcião partilhou seu docetismo e seu antimaterialismo com os gnósticos de sua época, mas possuía uma maneira mais radical, diferente, de justificar suas opiniões. Muito antes, vários intérpretes cristãos recorreram a

interpretações alegóricas e não literais do Antigo Testamento, especialmente de trechos difíceis como os salmos imprecatórios. Porém, Marcião insistia na rejeição do Antigo Testamento inteiro. O relacionamento de Deus com o homem através de Cristo ficava sem relação com qualquer dispensação anterior, sendo essencialmente novo e radicalmente diferente. Rejeitando o Antigo Testamento como Escritura legítima dos cristãos, Marcião forjou uma alternativa própria: um documento que compreendia duas partes: o “Evangelium” e o “Apostolicum”. O Evangelium era uma versão “expurgada” de Lucas, a qual omitia as “desleixadas” narrativas de nascimento, ao passo que o Apostolicum era uma versão cuidadosamente editada de dez cartas de Paulo (diferentemente de seus contemporâneos gnósticos, Marcião não afirmou possuir uma tradição de saberes compartilhados apenas pelos iniciados no Gnosticismo).

Contestando Marcião, a igreja reafirmou dois princípios de fundamental importância para o padrão da verdade cristã. Na verdade, toda a teologia subsequente é, em certa medida, um trabalho resultante desses dois princípios: a conexão entre criação e redenção e a ligação essencial entre o Antigo e o Novo Testamentos.[41]

Apesar de o processo de formação do *canon* ter exigido vários séculos de discussões, debates e avaliações – na medida em que a igreja avaliava não somente as contestações de Marcião, que queria truncar o *canon*, mas também outros desafios como o dos montanistas que tentavam expandi-lo, o principal direcionamento desse processo achava-se no contexto de debates anteriores. No tocante a nós, cristãos ortodoxos, hoje aceitamos as Escrituras como um *corpus* distinto de textos inspirados porque vivemos após as grandes batalhas pela Bíblia travadas no 2º século.

ÁRIO (c. 250-336)

Se Marcião ensinou à igreja uma lição sobre o que o cristianismo *não* era, Ário ensinou-nos outra no 4º século. A questão: “Qual é a relação de Jesus de Nazaré com o Deus que criou todas as coisas, com exceção de si mesmo, por seu onipotente e soberano poder?”, era o cerne da contenda entre Ário, um presbítero, e o bispo Atanásio, ambos da igreja de Alexandria.

Ário apresentava um argumento teológico grave: o ser ou a essência mais profunda de Deus, dizia ele, não pode ser partilhada ou comunicada com mais ninguém. “Sabemos”, afirmava, “que há um Deus, único sempiterno, único infinito, único sem começo, único verdadeiro, único imortal.” Portanto, Deus é transcendente, autossuficiente e todo poderoso. Além disso, esse Deus preserva sua divindade com zelo – um Deus parcimonioso, um Deus tão fechado em seu isolamento e perfeição que a própria ideia de um compartilhamento de sua “essência” com quem quer que seja, até mesmo com um “Filho”, seria uma ofensa a ele.

Contrários a essa ideia, Atanásio e os Pais ortodoxos que se reuniram no Conselho de Niceia em 325 afirmaram sua crença “em um Senhor, Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus, Unigênito do Pai antes da fundação do mundo, Deus de Deus, Luz de Luz, verdadeiro Deus do verdadeiro Deus, gerado, não feito, sendo uma substância com o Pai”. Se Jesus não era uma substância com o Pai, dizia o conselho, então não era digno de ser adorado e nem capaz de redimir o mundo.

Ário havia ridicularizado a ideia de que Deus podia “gerar um filho”, o que todo tipo de unitarianismo sempre tem feito. Mas Atanásio e os teólogos da tradição de Niceia que eram seus seguidores buscaram explicar a característica que o Filho possui de ter sido gerado, de modo a evitar tanto a

esterilidade do Deus de Ário como o crasso literalismo oriundo da mitologia grega.** A fórmula de Niceia explicava o Filho como sendo substancialmente o *mesmo* com o Pai, e ao mesmo tempo, de algum modo, *distinto do* Pai: ele era Deus *de* Deus, Luz *de* Luz, verdadeiro Deus *do* verdadeiro Deus.

O desafio era explicar essa “origem” sem violar a “similitude”. Eles o fizeram afirmando que o Filho foi gerado – mas não como pais humanos geram ou procriam filhos terrenos. O Filho do Pai celestial foi gerado desde toda a eternidade. Ele não “veio a existir” num certo momento, mas desde a eternidade o Pai e o Filho existem numa relação de autodoação total e mútua. Assim, longe de comprometer a realidade fundamental de Deus, a comunicabilidade e o relacionamento são elementos constitutivos dela. Isso é o que a Bíblia quer dizer quando afirma que “Deus é amor” (1Jo 4.8,16).

Geralmente se diz que a doutrina da Trindade foi o resultado da rendição cristã à filosofia grega. Na verdade, foi exatamente o oposto. Foi Ário que insistiu nas pressuposições do monismo filosófico. Como consequência, teve que descrever Cristo em termos mitológicos, nem como Deus nem como humano, mas mais exatamente como uma espécie de semideus que, mesmo sendo a mais elevada de todas as criaturas, ainda assim era apenas um ser criado.[42]

A doutrina da Trindade faz parte do padrão da verdade cristã porque sem ela não podemos realmente considerar a história de Jesus como história de Deus. E se a história de Jesus é, em última análise, qualquer outra coisa que não a história de Deus, então o evangelho não existe. A doutrina da Trindade é necessária para a compreensão do registro bíblico, o qual engloba o que Deus tem dito e realizado na História. Tal esquema não julga ser a Escritura um mero conjunto discrepante de interessantes documentos

do mundo antigo, mas a defende como uma só *Bíblia*, indivisa. Permite-nos empregar o substantivo Escritura como um coletivo. Ário contribuiu para que aprendêssemos essa lição.

PELÁGIO (c. 354-420)

Tanto Marcião quanto Ário eram do Oriente. Como um último exemplo da contribuição que os hereges nos trazem quando nos forçam a compreender o padrão da verdade cristã, voltamo-nos para um herege do Ocidente: Pelágio. Nascido por volta de 354 nas Ilhas Britânicas, no ponto extremo do que era então o mundo civilizado, Pelágio tinha olhos penetrantes, cabelos ruivos e usava o sobrenome Morgan, fatos que levaram alguns a pensar que ele era da Irlanda. Em todo caso, ele exalava o aroma do ascetismo celta e quando se mudou para Roma ficou profundamente indignado ao presenciar a frouxidão dos cristãos ali.

Enfureceu-se, sobretudo, quando ouviu por acaso a oração de Agostinho: *Domine, da quod iubes et iubes quod vis*, “Ó Senhor, concede o que Tu ordenas e ordena o que for da tua vontade”. Esse tipo de devoção, pensava Pelágio, atingia na base a fibra moral da fé cristã. Se não somos capazes de obedecer aos mandamentos de Deus por nós mesmos, então por que de antemão ele nos teria entregado esses mandamentos? A salvação deve resultar da realização de boas obras e do cumprimento das obrigações estabelecidas por Deus.

A teologia pelagiana começa com a ideia de que Adão foi criado um ser mortal: ele teria morrido, mesmo se não tivesse cometido pecado. Assim, nós não herdamos de Adão a morte como castigo pelo pecado. Nem herdamos o próprio pecado. De acordo com Pelágio, o pecado é transmitido

por imitação e não por propagação. Os seres humanos nascem sem pecado e pecam somente por seguir o mau exemplo de outros.

Isso significa que a graça não se opõe à natureza, mas sim que está presente na própria natureza. Com a lei no Antigo Testamento e Cristo no Novo Testamento, Deus nos deu o perfeito estatuto e o perfeito cumpridor da lei, mas nada mais – pois a salvação, como o pecado, é por meio da imitação. Isso quer dizer que a perfeição nesta vida é possível. Pelágio dizia que não era algo fácil. Ele não se considerava perfeito. Mas realmente cria que, além de Jesus, havia pessoas perfeitas que sempre obedeciam a todos os mandamentos de Deus. É o pior tipo de derrotismo, pensava ele, afirmar de antemão que, para o cristão, a perfeição é inatingível. Na verdade, para Pelágio, a predestinação se sujeita à presciência: quando a Bíblia fala de predestinação do eleito, está dizendo apenas da capacidade que Deus tem de conhecer o futuro e confirmar previamente o que ele sabe que os homens irão fazer por esforço pessoal.

Ao longo desse debate, Agostinho afirmava que Pelágio tinha posto toda a teologia cristã de pernas para o ar. A morte não era natural, mas radicalmente hostil à vida humana e um “inimigo” a ser vencido, como diz Paulo. No momento em que Adão pecou, ele começou “o declínio para a velhice e para a morte”. Ao desenvolver uma sólida doutrina do pecado original, que frisava a identidade seminal e coletiva da família humana, Agostinho alegava que a situação do homem era muito mais grave do que Pelágio admitia. Somente a ação sobrenatural de Deus, que ultrapassa a capacidade dos pecadores, pode fazer alguma diferença genuína com respeito à nossa situação diante do Deus santo. Os cristãos realmente podem crescer muito em seu caminhar com Deus e devem ser encorajados a isso, mas o pecado é uma realidade sempre presente, com a qual temos que lutar

até darmos o último suspiro. Assim, todo dia precisamos repetir a súplica do Pai Nosso: “Perdoa-nos as nossas dívidas” (Mt 6.12).

Seguindo Paulo, Agostinho baseava seu conceito de predestinação na *eudokia* de Deus, sua “bondosa vontade”, como a versão King James traduz essa expressão em Efésios 1.5. É importante observar que Agostinho defende a integridade do livre arbítrio humano mesmo após a queda: ainda somos nós que agimos, amamos e escolhemos e, portanto, somos moralmente responsáveis pelo que fazemos. Mas a vontade tornou-se tão profundamente suscetível ao orgulho e ao egoísmo que agora se inclina a escolher objetos do desejo que a conduzem cada vez mais longe de Deus. Em outras palavras, o livre arbítrio humano enfraqueceu-se tanto pelo pecado e pela queda que se tornou, como diz Lutero, *incurvatus in se* – “encurvado sobre si mesmo”, como uma bobina ou uma mola. Somos *liberi, sed non liberati* – “livres, mas não libertados”. Agostinho entendia que fomos criados por Deus para a comunhão com ele e que nossos corações não experimentariam paz até que encontrassem verdadeiro descanso nele. Mas essa transformação carecia da *gratia operans*, da “operação da graça divina”. Como Jesus diz em João 15.5 (um dos versículos prediletos de Agostinho): “Sem mim nada podeis fazer”.

Embora Pelágio tenha sido condenado como herege pelo Conselho de Éfeso em 431, um ano após a morte de Agostinho, suas ideias continuaram influenciando a maneira como entendemos a situação do homem, não somente na otimista antropologia do protestantismo liberal e do persistente semipelagianismo de alguns católicos romanos, mas também numa espécie de “você pode” em voga, todas com grande destaque em muitos segmentos do cristianismo americano, que valoriza o pensamento positivo e o autoaperfeiçoamento. Talvez Benjamin B. Warfield tenha acertado quando disse que a Reforma foi o triunfo da teologia da graça proposta por

Agostinho sobre sua doutrina da igreja. Porém, num sentido mais abrangente, *sola gratia* é herança comum do protestantismo histórico e do catolicismo fiel, assim como o é a confissão compartilhada pelo calvinismo tradicional e pelo arminianismo de João Wesley.[43] São essas as lições que Pelágio nos levou a aprender.

IMPLICAÇÕES PARA O APRENDIZADO E O ENSINO CRISTÃOS

Se a reação a esses três hereges faz parte do padrão imutável, irreduzível e irreversível da verdade cristã, então isso tem implicações importantes para os acadêmicos cristãos de todas as disciplinas. Não estamos livres para inserir um ou dois evangelhos gnósticos ou para deletar milagres embaraçosos ou palavras “duvidosas” ditas por Jesus e considerar essa nova configuração como algo que tem a mesma valência dos livros canônicos do Antigo e do Novo Testamentos. Nem podemos apresentar Jesus de Nazaré como simplesmente um salvador entre muitos outros ou a salvação como uma forma de autoaperfeiçoamento.

Como cristãos que aceitam a *regula fidei* (“regra de fé”) da igreja e que continuam domingo após domingo a recitar o credo apostólico e o credo de Niceia, não estamos livres para ver a Bíblia como se ela estivesse à nossa disposição, como se nós mesmos não devêssemos nos responsabilizar perante sua história, como se já conhecêssemos a fundo esse documento milenar e agora pudéssemos prosseguir em direção a outros campos de conhecimento sem o discernimento que adquirimos na Escritura. Quando Calvino começou suas *Institutas* com a frase “Quase toda a sabedoria que possuímos consiste em duas partes: o conhecimento de Deus e o conhecimento de nós mesmos”, ele não queria dizer que primeiramente

deveria possuir um PhD em Teologia Sistemática, e então, com o conhecimento de Deus seguramente concluído, mudar de disciplina e ir adiante para conseguir um segundo PhD em, digamos, Psicologia. O *duplex cognitio* a que se refere Calvino não é sequencial, mas correlativo: não podemos conhecer a nós mesmos sem saber que somos criaturas de Deus, ao mesmo tempo finitas e decaídas. Nem podemos conhecer a Deus sem nos conhecermos como indivíduos criados à sua imagem, como alvos do seu julgamento e do seu amor.

Obviamente, isso não significa que não possamos aprender muito sobre o mundo natural, a história, a ciência, a política e a arte, independentemente da história de Deus e sua criação como é narrada na Bíblia e reconhecida nos credos da fé cristã. Certamente podemos e devemos. Mas como acadêmicos crentes, comprometidos com o padrão da verdade cristã, nunca devemos nos esquecer de que esse conhecimento abstrato tem proveito limitado. Por si só, a abstração sempre nos afastará do que é verdadeiramente real. Divorciado da narrativa bíblica, o conhecimento puramente abstrato torna-se não somente autorreferencial, mas também autodestrutivo, ilusório e estéril. Ele também irá encurvar-se sobre si mesmo.

Nas palavras do respeitado teólogo Robert Jenson, “a narrativa da Escritura não é parte de alguma história maior; ela mesma é a narrativa maior, da qual todas as outras narrativas verdadeiras são partes. Por isso, ao ler a Escritura, não tente compreender como aquilo que você está lendo se encaixa em alguma história maior; porque *não há* história maior.”[44] Isso é válido quer falemos sobre Biologia e Ciência Política quer sobre Estética. Desvinculadas da história bíblica, tais disciplinas podem dizer-nos como as coisas funcionam, mas não qual é o propósito delas; como clonar um bebê

humano, mas não se isso deve ser praticado; como construir uma bomba atômica, mas não se ela deve ser usada; como construir uma prisão de segurança máxima, mas não como tratar os prisioneiros. Sem alguma teleologia, a comunidade dos homens não prosperará e não terá futuro.

Essa forma de ler a Bíblia tem implicações importantes para as várias disciplinas. Contrariando Marcião, a igreja resolveu manter o Antigo Testamento como Escritura cristã e rejeitou a separação entre criação e redenção, como queria Marcião. Como resultado, validou o que podemos chamar de “princípio da particularidade iluminada”, o princípio segundo o qual nenhum objeto da natureza, nenhum fato histórico é um acontecimento isolado, opaco, fechado em si mesmo. Cada um é, ao contrário, uma abertura translúcida para o padrão total da experiência humana. Isso significa que devemos nos aproximar do mundo com profundo respeito pelo caráter divino que ele possui – não porque seria uma espécie de Mãe Natureza, mas pelo motivo de ter sido criado pelo Deus triuno.

Em seu debate com Ário, a igreja afirmou o axioma central da fé cristã, sintetizado por João no prólogo de seu evangelho: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1.14). A igreja sempre teve que insistir na realidade da encarnação ao combater docetistas, neoplatonistas e várias espécies de deístas, assim como a espécie de deus que Thomas Hardy descreveu como “uma Espiritualidade misteriosa e idiota que gira a manivela deste show entediante”. Essa caricatura hedionda é largamente aceita no mundo de hoje e é a raiz de muito ateísmo contemporâneo. Opondo-se a tudo isso, a igreja faz soar a mensagem da Escritura e declara, nas palavras de Inácio de Antioquia, que Jesus Cristo *verdadeiramente* nasceu, *verdadeiramente* viveu, *verdadeiramente* morreu e *verdadeiramente* ressuscitou – *altheōs, altheōs*,

altheōs, o advérbio grego ressoa como um gongo ao longo dos debates da igreja dos primeiros séculos.

Finalmente, das lutas com Pelágio, aprendemos a prática da humildade diante do mistério do sagrado. Agostinho percebeu em Pelágio o mesmo desprezo pela humildade que ele tinha testemunhado entre os neoplatonistas. Isso é um perigo para todos nós que colocamos um pé na *ecclesia* (igreja) e outro na *schola* (academia). Podemos ser agostinianos em nossa teologia, mas somos todos educados para sermos pelagianos em nossa profissão, para dar importância exagerada ao esforço pessoal e à dignidade do indivíduo. Nós inculcamos esses valores em nossos filhos e alunos desde a escola maternal. Como administradores, recomendamos colegas para promoção e titulações em nossas instituições e como gestores que votam a favor de tais recomendações e outras coisas, conhecemos muito bem as pressões que aumentam a força desse tipo de pelagianismo acadêmico do qual nenhum de nós está isento.

Agostinho fez distinção entre duas formas de saber. Uma que denominou “*scientia*” – cuja imagem é a de um homem agarrando-se a um penhasco, cravando as unhas e arranhando-o freneticamente, tensionando cada nervo até suas unhas ficarem engastadas com terra e sangue por causa do seu esforço. A outra forma de saber é a “*sapientia*”: sabedoria. Geralmente, ela nos chega como uma revelação inesperada. Nesses momentos, a cognição torna-se reconhecimento e você sabe que isso não é realização pessoal, mas dom. Esse é o tipo de conhecimento que gera humildade diante do mistério do sagrado.

Agostinho não foi sempre bem recebido no Oriente, mas pensamos que ele se agradaria com a declaração de Teófano, o Recluso, um bispo ortodoxo russo do século 19: “A coisa principal é colocar-se diante de Deus com

intelecto no coração e permanecer diante dele dia e noite, sem cessar, até o findar da vida”. Em tal apelo à humildade encontra-se implícito um pacto entre todas as nossas discussões e a nossa vocação como seguidores do Cordeiro e alunos da escola de Cristo. No próximo capítulo, faremos a análise da importância de uma fé confessional para a formação e o avanço da tradição intelectual cristã.

* Publicado no Brasil pela Cultura Cristã com o título *De todo o teu entendimento* (N. do E.).

** Na mitologia grega, os deuses geram filhos humanos, além de deuses e semideuses (N. da T.).

OS COMPROMISSOS TEOLÓGICOS DA GRANDE TRADIÇÃO

O cristianismo é mais do que um conjunto de práticas religiosas... É também um modo de pensar sobre Deus, sobre os seres humanos, sobre o mundo e sobre a história. Para os cristãos, o pensar faz parte do crer.

Robert Louis Wilken, *The Spirit of Early Christian Thought* (2003)

De maneira admirável, Jaroslav Pelikan definiu doutrina cristã como sendo aquilo que a igreja de Jesus Cristo crê, ensina e confessa, com base na Palavra de Deus.[45] O que podemos constatar no que diz respeito a tal definição na academia secularizada e pós-moderna? Até muitas universidades supostamente ligadas à igreja, inclusive as que não se envergonham de admitir que possuem alguma ligação com uma respeitada tradição religiosa, hesitam em ser muito categóricas com respeito à sua identidade cristã. Nenhuma instituição acadêmica credenciada que se preza deseja ser conhecida como centro de doutrinamento, um termo que sugere uma pedagogia ditatorial, autoritária e amedrontadora, embora a definição básica de doutrinamento seja simplesmente “instruir nas doutrinas, nos princípios, nas teorias e nas crenças”.

Se “doutrinamento” traz à mente muitas imagens da rudeza fundamentalista, que tal o termo “formação”? É uma expressão mais

aceitável, e talvez melhor, porque implica uma abordagem mais holística da educação cristã. Formação envolve mais do que a transferência de informação de natureza cognitiva de uma mente para outra. Inclui desenvolvimento, crescimento, comunidade e serviço aos outros. Mas a genuína formação – espiritual, intelectual, teológica, litúrgica e estética – acontecerá numa escola cristã de ensino superior somente quando estiverem presentes requisitos e liberdade para “instruir nas doutrinas, nos princípios, nas teorias e nas crenças”. Este capítulo examinará alguns dos principais elementos da herança confessional, a qual tem sido e continua sendo indispensável na formação intelectual e espiritual dos crentes em Jesus Cristo, quer seja realizada nas famílias, quer nos mosteiros, nas igrejas, nas escolas ou nas universidades.[46]

A FÉ UMA VEZ POR TODAS CONFIADA AOS SANTOS

Vamos começar analisando a palavra *fé*. Na carta de Judas há a seguinte declaração: “Amados, quando empregava toda a diligência em escrever-vos acerca da nossa comum salvação, foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (v. 3). A palavra fé é usada no Novo Testamento em dois sentidos. Na história da teologia, têm sido enunciados por duas expressões latinas: *fides quae*, a “fé *que* nós cremos” e *fides qua*, a “fé *pela qual* cremos”. Em Judas, faz-se referência à fé que uma vez por todas foi confiada aos santos.

Judas é um livro importante porque foi escrito num momento de grande crise na vida da igreja do primeiro século – uma crise que teve origem externa e ao mesmo tempo interna. Os cristãos estavam começando a sentir duramente o efeito das ameaças e da perseguição, como lemos no livro de

Atos, em alguns dos primeiros relatos sobre a hostilidade que os cristãos enfrentavam por parte das autoridades do governo. Mas quando a carta de Judas foi escrita, (não sabemos exatamente quando, talvez no fim do 1º século) os cristãos estavam enfrentando hostilidade mais acirrada, violência explícita e perseguição provinda da cultura ambiente, do Império Romano. Talvez Judas tenha sido escrito logo após as perseguições desencadeadas pelo imperador Nero, o sádico piromaníaco. Os que visitam Roma podem ver o Coliseu. Esse lugar foi a princípio uma área de lazer do grande palácio de Nero, no alto da colina. Em um de seus banquetes, Nero mandou amarrar cristãos de Roma em postes e ordenou que ateassem fogo neles, de forma que quando os convivas chegassem, a caminho do banquete, passassem por onde os cristãos estavam sendo queimados, como postes de luz vivos. Naqueles dias, a vida humana tinha pouco valor e nenhuma era considerada mais ordinária do que a dos cristãos e escravos. Judas foi escrito nesse contexto, quando o discipulado era penoso e a cruz era mais do que uma metáfora.

Nesse contexto, Judas escreveu àqueles crentes e disse: “Quis escrever-lhes sobre algo mais. Quis escrever-lhes sobre nossa salvação comum. Quis escrever-lhes sobre o extraordinário e glorioso fato de que fomos libertados das trevas e colocados na luz por meio da graça de nosso Senhor Jesus Cristo”. O que poderia ser mais importante, mais extraordinário, mais glorioso do que a nossa salvação em Cristo? Mas Judas diz que na verdade havia algo mais importante. Havia algo mais urgente e mais premente, algo sobre o que ele tinha de escrever. Judas escreveu apenas vinte e cinco versículos nessa breve carta e ele não podia dizer tudo. Por isso, teve de priorizar a mensagem que Deus lhe deu para transmitir. Ele se ateve àquilo que era urgente: Eu *tive* de escrever-lhes.

O que era essa coisa que motivou Judas? Eu *tive* de escrever-lhes e exortá-los a batalhar pela *fides quae*, a fé *que* nós confessamos. Ora, o que é *a* fé? Bem, *a* fé é o conteúdo essencial do *kerygma* cristão, da mensagem cristã – a proclamação de Jesus Cristo como Senhor dos senhores e Rei dos reis, o caminho, a verdade e a vida. A fé é o que nós temos de dizer ao mundo sobre o que Deus fez de uma vez por todas em Jesus Cristo. Essa frase é usada algumas vezes no Novo Testamento, não apenas em Judas 3, mas também em 2Timóteo 4.7, onde Paulo diz: “ Combati o bom combate, completei a carreira, guardei *a* fé”. Ou em Efésios 4.5, onde somos admoestados a nos apegar a um só Senhor, uma só fé e um só batismo. Mais uma vez em 1Coríntios 16.13, Paulo escreve aos crentes em Corinto e encoraja-os a permanecerem firmes *na* fé. Ora, *a* fé como aí é usada, no singular, e em um sentido específico, é o conteúdo que veio a ser sintetizado e transmitido a sucessivas gerações de cristãos, por meio do Credo Apostólico, da regra de fé e, mais tarde, através do Credo de Niceia da igreja dos primeiros séculos.[47]

Para início de conversa, por que precisamos de credos ou de declarações confessionais? Sabemos que em alguns círculos é comum falar sobre “nenhum credo, mas a Bíblia”. Mas às vezes essa afirmação não passa de uma máscara para a frase “nenhum credo e nenhuma Bíblia”. “Nenhum credo, mas a Bíblia” é uma boa expressão se ela significa “nenhum credoísmo,* só a Bíblia”, porque não queremos promover uma declaração construída por homens, por mais venerável ou admirável que possa ser, a um nível equivalente ou superior à Palavra de Deus registrada na Escritura Sagrada. Nem sustentamos que qualquer declaração de fé feita por homens não possa ser reformada, revisada ou reformulada. Sempre devemos submeter as declarações de fé e os credos da igreja à Palavra de Deus escrita. A Bíblia é a

norma normans, a norma das normas, à qual todas as nossas crenças e práticas devem estar subordinadas. Nem queremos que o Estado, o governo, as autoridades civis redijam credos e os imponham ao povo de Deus. Isso é violação da liberdade religiosa. Portanto, levando em conta esses três sentidos - nenhum credo está acima da Bíblia, nenhum credo é inalterável e nenhum credo é imposto por autoridades civis – é certo protestar contra a violência aos credos. Mas Judas tinha em mente algo mais.

A expressão “confiada”, ou, como está traduzida nas versões da KJV e da ESV, “entregue” aos santos, é muito interessante. Significa transmitir, passar de uma geração para outra. Ou pode ser entendida em termos de corrida. Numa corrida de revezamento, uma pessoa entrega um bastão a outro corredor, que o carrega até à linha de chegada. Essa é a ideia. A palavra *traditor* em latim aproxima-se muito da palavra *traidor*. Há uma tênue linha que separa aquele que *transmite* a fé intacta, um *traditor*, daquele que *trai* a fé, um *traidor*. São palavras que têm parentesco etimológico e semântico. Os que são responsáveis por pregar e ensinar a Palavra de Deus devem ter cuidado para que, no afã de transmitir a fé, não acabem por traí-la.

Nos primeiros séculos, quando as autoridades romanas chegavam a uma cidade ou aldeia cristã, sua primeira exigência era: “Entreguem-nos os livros”. Não se importavam tanto com os edifícios da igreja e com o resto das coisas que os cristãos possuíam. Mas os livros – isto é, a Bíblia, a Palavra de Deus, as Sagradas Escrituras – eram importantes. Pensavam que se pudessem eliminar a Bíblia, poderiam destruir a fé. Se pudessem queimar os livros, poderiam extinguir a mensagem cristã. Tinham encontrado algo de valor.

Por que precisamos de credos? Temos a Bíblia, afinal de contas. Por que precisamos dessas declarações de fé feitas por homens, dos credos e das

confissões da igreja, para proclamar *a* fé, uma vez por todas confiada, transmitida?

Nossas confissões de fé são como grades de proteção. Quando viajamos por estradas perigosas, é bom saber que alguém colocou aquelas grades ali. Não queremos confundir as grades com a estrada e começar a ultrapassá-las – pois o perigo é iminente! Permanecemos na estrada. A estrada é Jesus Cristo. Ele disse: “Eu sou o caminho (a estrada), e a verdade, e a vida” (Jo 14.6). Mas precisamos das grades na medida em que somos tentados a nos desviar para este ou aquele caminho, ao longo da história da igreja. De grades para conservar-nos na estrada, guiados pela luz que é a Sagrada Escritura: “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos” (Sl 119.105).

Assim como há duas expressões, *fides quae* e *fides qua* – a fé *que* cremos e a fé *pela qual* cremos – no latim há também duas palavras para fé. Elas ocuparam lugar de destaque nas discussões da Reforma. Uma é a palavra *assensus*. Sua fonética pode evidenciar o que significa em português. *Assensus* – assentir, concordar, aquiescer. Faz parte da fé *que* nós confessamos. Não devemos subestimar esse tipo de fé. Ela faz parte do conteúdo objetivo e do depósito de fé que é verdade para todos, em todos os lugares. É isso o que *a* fé significa. Quando cai uma árvore na floresta, faz ruído, quer você esteja lá ou não? Plutão girava em torno do sol antes de “ser descoberto” há mais de oitenta anos?

Há um conteúdo objetivo, um depósito de fé dado por Deus como parte da revelação divina em Jesus Cristo e nas Sagradas Escrituras. Isso é *assensus*. Afirme-o. Assentir a esse conteúdo é absolutamente necessário, mas não é suficiente. Há outra palavra, *fiducia*. No português, temos a palavra *fiduciário*, da mesma raiz. *Fiduciário* significa aquele que guarda

algo em confiança para outrem. Envolve comprometer-se pessoalmente. Foi essa a palavra usada por Martinho Lutero para designar a fé que cremos, que nos salva, a fé pessoal, a entrega de si mesmo. No alemão, essa palavra é *Gelassenheit*. Não temos um bom equivalente no português para a bela palavra do alemão, *gelassen*, que significa entregar-se a si mesmo, soltar-se, parar de depender de si mesmo e lançar-se totalmente nos braços de Jesus Cristo. Essa é a fé salvadora. Essa é a fé *fiducial*. É quando a fé se torna *minha fé*.

Nos primeiros tempos da Reforma, Thomas Bilney foi a Cambridge, na Inglaterra. Era um acadêmico interessado em estudar os clássicos, os grandes textos da antiguidade. Foi exatamente na época em que Desidério Erasmo tinha traduzido a Bíblia para o latim, baseando-se na fulcral edição do Novo Testamento grego publicada por ele em Basileia, em 1516. Quando Bilney chegou a Cambridge, Erasmo tinha estado ali apenas alguns anos antes, trabalhando em sua tradução latina. Bilney tinha especial interesse em lê-la por não se tratar da antiga Vulgata Latina medieval e por refletir toda a elegância e o refinamento do latim ciceroniano, o que lhe trazia encantamento e estímulo. Mas assim que começou a ler essa Bíblia por puro gosto literário e prazer de fruir a beleza da língua latina, deparou com o versículo de 1Timóteo 1.15, em que Paulo diz: “Fiel é a palavra e digna de toda aceitação” (AT). Bem, a antiga tradução latina teria sido *fidelis sermo*, uma palavra fiel, uma palavra verdadeira, mas na nova tradução de Erasmo, a palavra “fiel” foi traduzida por *certa*, crível, confiável, segura. Quando Bilney leu essa palavra e o texto seguinte onde Paulo diz “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores”, foi tomado pelo sentimento de que o versículo se referia a ele. Ele era um pecador. Jesus Cristo tinha vindo ao mundo para salvá-lo. Conta o que sentiu ao ler esse versículo dizendo:

“imediatamente senti paz e satisfação maravilhosas, de tal modo que meus ossos feridos saltaram de alegria”. Isso aconteceu quando *a* fé se tornou a *sua* fé.

David Bebbington, um eminente escocês, historiador do evangelicalismo, assim falou sobre as grandes características desse movimento: “Cremos que a Bíblia é a Palavra de Deus. Temos o compromisso de confessar Jesus e sua obra de expiação na cruz. Além disso, cremos na missão da igreja (ele usa o termo *ativismo*), vamos ao mundo em nome de Jesus para transmitir as boas novas para todos, em todos os lugares”. Diz Bebbington que essas características associam-se a outra: o novo nascimento, que significa converter-se, tomar nova direção, transformar-se e, empregando uma linguagem um pouco mais teológica, regenerar-se pelo poder do Espírito Santo.[48] Enquanto *a* fé permanece separada, divorciada, distante, enquanto *a* fé é simplesmente um sistema de doutrina codificado numa teologia sistemática, enquanto *a* fé é mantida a certa distância, somos como Nicodemos, que de noite foi ter com Jesus e lhe disse: “Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele” (Jo 3.2). Jesus disse a ele: Nicodemos, você precisa nascer de novo – nascer do alto, nascer de uma forma nova. Essa é a mensagem que os fiéis seguidores de Cristo têm proclamado ao mundo. Anunciamos essa mensagem em toda a sua plenitude aos que precisam saber que Jesus Cristo veio ao mundo. Como Thomas Bilney. Ele tornou-se um crente porque leu aquele versículo da Escritura e sua vida foi transformada. Foi algo que teve um preço para ele, pois em 1531 foi queimado vivo numa fogueira na cidade de Norwich. Ele foi um dos primeiros mártires da Reforma inglesa.

A FÉ DA IGREJA

Discutimos sobre *a* fé e sobre *minha* fé. Queremos agora nos concentrar na fé *da igreja*. Na história da teologia, *a* fé e a *minha* fé consideradas separadamente uma da outra têm levado a alguns impasses que devemos evitar a todo custo. A fé sem a *minha* fé produzirá um escolasticismo árido, um racionalismo sem alegria, uma ortodoxia sem vida. Assim tem ocorrido e assim ocorrerá. Por outro lado, *minha* fé sem *a* fé acaba em sentimentalismo piegas e subjetivismo sem fundamento.

Quando Timothy estudava em Harvard, costumava caminhar no *Yard*, o pátio no centro do *campus*, para ir à biblioteca. Todos os dias ele passava em frente ao Emerson Hall. Esse edifício foi construído para alojar o departamento de Filosofia no início do século 20. William James, notável fundador da Psicologia da Religião e defensor da filosofia do pragmatismo, foi designado para formar uma comissão a fim de sugerir uma máxima, uma inscrição que seria gravada em pedra na entrada do Emerson Hall. A comissão propôs a máxima pré-socrática “O homem é a medida de todas as coisas”. Mas sem conhecimento de William James, o presidente de Harvard, Charles W. Eliot, anulou a sugestão da comissão. Quando a inscrição foi descerrada, em vez da máxima pré-socrática “O homem é a medida de todas as coisas”, as pessoas ergueram os olhos, estupefatas, e, mais do que todos, William James, para ver um versículo do Salmo 8: “Que é o homem que dele te lembres?”. A fé da igreja é uma fé que tem suas raízes na objetividade da revelação de Deus em Jesus Cristo e nas Sagradas Escrituras.

A fé da igreja pode ser expressada de várias maneiras, mas essas expressões devem ser fundamentadas no consenso trinitariano e cristológico da igreja dos primeiros séculos. O que significa ser um cristão confessional? Significa que cultuamos e adoramos o único e verdadeiro Deus vivo, que

para sempre se identifica como o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Cremos também que esse trino Deus de amor e de santidade encarnou-se em Jesus de Nazaré, o Filho do Homem dos quatro evangelhos canônicos. Confessamos que Jesus Cristo é o único e inconfundível Filho de Deus, Luz da Luz, verdadeiro Deus do verdadeiro Deus. Esse, confessamos, que é o Senhor da igreja, foi miraculosamente concebido pelo Espírito Santo e nasceu da bendita virgem Maria. Viveu uma vida sem pecado, na cruz morreu morte sacrificial e substitutiva, foi sepultado, ressurgiu e subiu aos céus. E virá novamente como Rei e Juiz de todos os que existem, existiram ou existirão. Os crentes protestantes evangélicos, católicos romanos e ortodoxos continuam sucedendo ininterruptamente os 318 Pais de Niceia, os 150 Pais do Primeiro Concílio de Constantinopla e os cânones de Éfeso, inclusive a condenação do pelagianismo, bem como as declarações do Concílio de Calcedônia (451).[49]

Hoje, há cristãos que buscam resgatar a tradição intelectual cristã da igreja dos primeiros séculos dando um salto sobre a Reforma do século 16. No entanto, tentar fazer isso é deixar de levar a sério o que os próprios reformadores disseram sobre a catolicidade da igreja. Por isso, os cristãos confessionais são conclamados a afirmar tanto o princípio formal quanto o princípio material dos reformadores protestantes. O princípio formal, às vezes designado pelo moto *sola scriptura*, foi exposto com clareza por Martinho Lutero em seu famoso debate com Johann Eck em Leipzig em 1519 e reiterado de forma clássica dez anos mais tarde na Dieta de Speyer, que também conferiu-nos o termo *protestante*, entendido não no sentido mais atual de “protestar contra”, mas, em lugar disso, “testemunhar em favor de” (*pro-testantes*):

Somos guiados pela graça de Deus e amparados para nos sujeitarmos somente à Palavra de Deus, o santo evangelho contido nos livros do Antigo e do Novo Testamentos. Somente essa Palavra deve ser pregada, e nada do que seja contrário a ela. Ela é a única Verdade. É a regra infalível da doutrina e da conduta cristãs. Ela nunca falha ou nos engana. Quem se edifica e se escora nesse alicerce resistirá contra todas as portas do inferno, ao passo que todas as obras e toda soberba puramente humanas levantadas contra ela cairão diante da presença de Deus. [50]

O princípio material da Reforma refere-se à doutrina da justificação somente pela fé. Fundamentando-se na investida antipelagianista feita pela tradição agostiniana, os reformadores protestantes frisaram que ninguém pode se tornar justo diante de Deus através da acumulação de méritos, da intercessão dos santos ou de obras humanas de qualquer espécie. A salvação é somente pela graça e somente por meio da fé, somente em Jesus Cristo. Isso não foi algo visto como um novo ensino ou nova doutrina que de repente surgia no século 16. Os reformadores viam-se doutrinariamente ligados à igreja dos primeiros séculos quando expuseram o princípio material da Reforma. Jaroslav Pelikan fez uma excelente síntese da essência do argumento dos reformadores:

Se a Trindade Santa é tão santa quanto o dogma trinitariano ensina, se o pecado original é tão virulento como a tradição agostiniana afirma que é, e se a pessoa de Cristo for tão essencial quanto o dogma cristológico indica, então a única maneira de tratar a justificação de forma fiel à melhor tradição católica será ensinar a justificação pela fé.[51]

A herança dos Pais e dos reformadores deve ser resgatada novamente em nossos dias. O que significa ser um cristão confessional hoje?

Em 1934, um grupo de cristãos comprometidos, pastores e leigos, reuniram-se em Barmen, uma pequena cidade alemã próxima a Düsseldorf. Ali, a despeito da violenta investida do que se tornaria o império do terror do Terceiro Reich sob o domínio de Adolf Hitler, eles publicaram uma declaração de consciência, a declaração de Barmen. [52] Isso aconteceu

depois de Hitler chegar ao poder e antes dos “cristãos germânicos” nazificarem a igreja e assumirem o controle de muitas de suas funções e prerrogativas, e quando o Parágrafo Ariano, assim chamado por eles, havia excluído os judeus da vida comum do povo da Alemanha, fato que precedeu o envio deles para os campos de concentração. Em 1934, o campo de Dachau já havia sido construído. Esse era o clima reinante. O catolicismo, como um movimento nacional na Alemanha, estava colocado às margens e de certa forma comprometido pela Concordata com o Reich, com a qual o papa se envolvera com Hitler. O protestantismo e sua teologia liberal reinante estavam minando o testemunho da igreja. Nesse momento de grande crise, esses cristãos reuniram-se e publicaram a declaração de Barmen, que dizia: “Jesus Cristo, sobre o qual testificam as Sagradas Escrituras, é a única Palavra de Deus a que devemos ouvir, em que devemos confiar e a que devemos obedecer na vida e na morte”.[53]

Os que assinaram essa declaração, os que a redigiram, logo se acharam excluídos. Karl Barth, um dos redatores, perdeu sua cadeira de docente da Universidade de Bonn e foi exilado. Outro, Martin Niemöller foi enviado para um campo de concentração e tornou-se prisioneiro privativo de Hitler. Repetidas vezes foi entrevistado por Hitler e em uma dessas ocasiões disse a Hitler: “Você pode aprisionar-me, torturar-me e matar-me, mas um dia, Herr Hitler, você prestará contas àquele que é Rei dos reis e Senhor dos senhores”. Como ele podia ter essa fé? Não era porque ele dependia de sua devoção íntima ou de suas emoções, ou porque ele tinha simplesmente estudado teologia de forma acadêmica e escolástica, mas sem dúvida porque *a fé* tinha se tornado *sua fé* e era a *fé da igreja*, que é fundamental e central para nosso entendimento da tradição intelectual cristã.

No fim da Segunda Guerra Mundial, Albert Einstein escreveu uma carta a Martin Niemöller, assim dizendo:

Tendo sido sempre um fervoroso adepto da liberdade, dirigi minha atenção para as Universidades assim que a revolução eclodiu na Alemanha para constatar que elas se refugiaram no silêncio. Então voltei-me para os editores de renomados jornais, que se arvoravam fieis campeões da liberdade, embora ultimamente escrevam artigos amenos. Esses homens, bem como as Universidades, ficaram reduzidos ao silêncio em poucas semanas. Aí eu me dirigi aos autores individualmente, àqueles que se faziam passar por guias intelectuais da Alemanha e entre os quais se achavam muitos que com frequência tinham debatido a questão da liberdade e seu lugar na vida moderna. Eles são, por sua vez, muito idiotas. Somente a igreja se opôs à luta que Hitler empreendia contra a liberdade. Até então, eu não tinha nenhum interesse pela igreja, mas agora sinto grande admiração e estou bastante atraído por ela, que teve coragem persistente de lutar em favor da verdade espiritual e da liberdade moral. Sinto-me obrigado a confessar que agora admiro aquilo que costumava considerar de pouco valor.[54]

Einstein foi levado da Alemanha por ser judeu, mas foi a igreja de Jesus Cristo, a fé da igreja evidenciada em tempos tumultuosos que impressionou o maior cientista da modernidade.

IMPLICAÇÕES PARA A TRADIÇÃO INTELECTUAL CRISTÃ

A formação da tradição intelectual cristã em nossos dias exige uma vigorosa recuperação da “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos”. Isso não exige que cada docente se torne um especialista em história da doutrina cristã. Nem significa que a disciplina da Teologia deva ser restabelecida como a soberana das ciências. Mas significa, sem dúvida, que todos os que estão envolvidos em aprender, ensinar e pesquisar devam confessar que o registro bíblico e o seu desdobramento para a vida da igreja são o ambiente, o *umwelt*, a partir do qual o trabalho e a disciplina específica de cada um devam ser compreendidos e realizados. Não é suficiente ser um

cristão nominal de um ou de outro tipo, ou, num sentido vago, geral, apoiar apenas verbalmente a missão religiosa de uma instituição. Não é suficiente ser gentil, humano e preocupado com os carentes. Tais características, por si só, embora admiráveis, nada farão para transmitir a fé intacta para a nova geração.

Nosso entendimento da grande tradição do pensamento cristão é moldado por compromissos teológicos estabelecidos. Além disso, é consolidada na convicção de que fé e razão são mutuamente iluminadoras, num firme comprometimento com a verdade. Desse modo, a busca da verdade em toda e qualquer disciplina pode ser uma atividade sagrada. Por isso, nosso apelo é para refletirmos de forma profunda e clara sobre questões de interesse fundamental – amar o Senhor nosso Deus com toda a nossa mente e chamar outros para juntarem-se a nós nessa jornada. Ao concluirmos nosso trabalho neste guia de estudo, queremos dar os passos iniciais para mostrar como o trabalho da tradição intelectual cristã, entendido como um empreendimento santo, foi adotado na criação de iniciativas educacionais no decorrer dos anos. Além disso, queremos fazer uma proposta, sugerindo modos de apresentação da grande tradição intelectual cristã para nossa época. Nossa discussão toma essa direção agora.

* *Credoísmo*, neologismo aqui adotado seguindo *credoismo*, do castelhano (N. da T.).

A APLICAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA GRANDE TRADIÇÃO

Uma das grandes falhas do pietismo foi acreditar que a tradição intelectual cristã poderia ser deixada para trás.

Stanley Hauerwas, *The State of the University* (2007)

Nossa teoria da educação deve ter origem em nossa filosofia de vida.

T. S. Eliot, “Modern Education and the Classics” (1932)

Entendemos que o resgate da tradição intelectual cristã não se limita à visão de um cristianismo interior, subjetivo, pessoal e piedoso. Seria uma falha no cumprimento da missão singular a que os educadores cristãos foram chamados. A fé cristã é mais do que um código moral ou práticas religiosas sentimentais, pois ela influencia não somente nosso modo de agir, mas também aquilo em que cremos, como pensamos, como escrevemos, como lideramos, como governamos e como tratamos uns aos outros. Embora este livro sirva como uma introdução ao significado e à história da tradição intelectual cristã, esperamos que os volumes restantes da série nos capacitem a melhor compreender o modo como a fé cristã influenciou o nosso entendimento da literatura, da história, do governo, da filosofia, das artes e do raciocínio moral, entre outros assuntos.

Cremos que uma melhor compreensão da tradição intelectual cristã e de sua aplicação em vários contextos contribuirá para participarmos da cultura e prepararmos uma geração de líderes que poderão efetivamente servir a igreja e a sociedade. A tradição intelectual cristã deve ser não somente resgatada e renovada para nossa época. Cremos que podemos sugerir meios de aperfeiçoá-la e aplicá-la. Acreditamos que essa tradição pode ser aperfeiçoada e aplicada porque entendemos que os homens, criados à imagem de Deus, desejam descobrir a verdade e que a busca da verdade é possível, pois o universo criado por Deus é compreensível. Essas crenças não são isoladas, pois entendemos que a unidade do conhecimento está alicerçada no conhecimento de que em Jesus Cristo todas as coisas se mantêm coesas (Cl 1.17). Desse modo, a fé cristã propicia lentes para vermos o mundo, reconhecendo que a fé busca explicar todas as dimensões da vida sob o senhorio de Jesus Cristo. É para um modelo com tal aplicação que agora nos voltamos, especialmente para o modo como se relaciona com a educação ao longo dos séculos, um modelo que hoje denominaríamos educação superior cristã. Olhamos para o passado para encontrarmos orientação para nossa época.[55]

CENTROS DE ENSINO NA IGREJA DOS PRIMEIROS SÉCULOS

No início do 2º século, havia importantes centros de ensino em Alexandria e em Antioquia, bem como em Constantinopla. Esses centros concentravam-se na catequese e na instrução apologética aos convertidos à fé cristã. Embora haja diferenças de abordagens, como vimos no capítulo 1, podemos nos voltar para a escola de Alexandria para encontrarmos um modelo que nos ajude a entender a formação da educação na igreja dos

primeiros séculos, como ilustrada por Clemente de Alexandria, um dos primeiros notáveis eruditos cristãos (c. 150-215). Clemente tornou-se o líder da Escola de Alexandria em 190, posição que manteve até depois da virada do século, quando a perseguição o forçou a sair do Egito e a ir para a Capadócia. Suas principais obras literárias produzidas nessa época são uma trilogia: *Exortação aos gregos*, *Pedagogo* e *Miscelânea*. As três obras seguem um padrão segundo o qual, de acordo com Clemente, o *Logos* divino primeiramente nos converte (ponto focalizado em *Exortação aos gregos*), a seguir nos disciplina (foco de *Pedagogo*) e finalmente nos instrui (o que é focalizado em sua obra bastante assistemática, *Miscelânea*).[56]

Em sua maior parte, as reflexões de Clemente são filosóficas, éticas e até políticas. Suas obras fundamentam-se no *Logos* divino, a Palavra de Deus que se encarnou em Jesus Cristo. Da mesma maneira como Clemente voltou-se para o passado baseando-se em Moisés, o grande líder de Israel, em Platão, o grande filósofo, e em Filo, o filósofo judeu que o precedeu, hoje também podemos ver em Clemente uma inspiração e um modelo para enfrentarmos os desafios de nossa época. Clemente, sem abrir mão da necessidade de analisar e de refutar aspectos da cultura pagã que o cercava, tornou-se um especialista das correntes filosóficas de seus dias.[57] Demonstrou notável conhecimento de Platão e de Aristóteles. Desenvolveu um ambicioso e complexo modelo filosófico que colocava todas as ciências e suas especialidades sob o título geral de ciência teórica, física e natural.

Clemente nos serve como modelo que nos instrui em nosso contexto por causa de sua vasta experiência, do seu amor pela filosofia e pela literatura, do cultivo de uma fé cristã intelectualmente séria e de seu envolvimento e interação com as tendências e as questões de sua época. Sua preocupação central era desenvolver uma visão de mundo e da vida a partir

da sua posição vantajosa de sabedoria com a qual ele compreendia e interagiu com as várias correntes de pensamento e de cultura de sua época. O impacto de Clemente como pioneiro de uma reflexão cristã relevante não pode ser subestimado. Embora seus escritos fossem às vezes desorganizados, ele, mesmo assim, apresentou uma explanação coerente e consistente sobre a importância da reflexão cristã e da ética para os desafios de seus dias.

Clemente também analisou a fundo uma gama de questões relativas à economia, aos negócios, à administração das riquezas, à responsabilidade para com os pobres e uma variedade de problemas sociais dos seus dias. Sendo anterior à Renascença, ele pode ser considerado um indivíduo renascentista, uma fonte excepcional do pensamento das Ciências Humanas. Porém, em última análise, Clemente foi um educador, levando a sério sua vocação de professor. Sua designação favorita era *Pedagogo (Paidagogos)*, o título de seu segundo livro.

Sua apreciação pela arte e pela música propiciou oportunidade para interagir com as artes do 3º século. Os escritos de Clemente apontam Cristo como o mais nobre menestrel, enquanto que os homens e as mulheres eram a harpa e a lira. A obra de Clemente pôs em contraste a beleza do cristianismo e a desesperança da poética e da filosofia pagãs. Enfim, Clemente mostrou que a fonte de toda a vida estava em Deus, afirmando que homens e mulheres são criados para Deus. A verdade plena e última, afirmava ele, é encontrada somente em Cristo.[58] Clemente preparou o caminho para os avanços educacionais trazidos pelo pensamento de Agostinho.

DE AGOSTINHO A TOMÁS DE AQUINO: O PERÍODO MEDIEVAL

Agostinho, o pai da tradição intelectual cristã, situou a origem do conhecimento dentro da pessoa, com base em sua compreensão de que a verdade era um dom da graça de Deus, concedida por meio da fé. Esse conhecimento, ou conhecimento potencial, desenvolve-se com a educação, que trabalha ativamente na e pela razão, memória e vontade. A educação acontece pelo envolvimento com a tradição cristã,[59] a sabedoria dos séculos que possibilitou o desenvolvimento da tradição das Ciências Humanas.[60] Agostinho incentivou a busca pessoal e o envolvimento ativo dos alunos nas disciplinas de estudo. Para ele, o amor pelo estudo reflete o nosso anelo por Deus e o amor à sabedoria exemplifica o amor a Deus com a nossa mente, em cumprimento ao grande mandamento (Mt 22.37-39).

Oito séculos mais tarde, Tomás de Aquino deu ênfase à experiência sensorial como a fonte primária de conhecimento. A ótica educacional de Agostinho tinha influência de Platão, ao passo que a de Tomás de Aquino preferia Aristóteles. Para Tomás de Aquino, a razão reflete com base nas informações dadas pelos sentidos, pois nada está na mente que não esteja primeiramente nos sentidos. A razão possibilita o entendimento e o discernimento, informando a vontade e dando direção para a vida. Tomás de Aquino defendeu uma ótica educacional didática, centrada no professor. [61]

Durante o período medieval, a educação cristã floresceu no mosteiro. O modelo de educação monástica dava ênfase a uma vida de estudo, oração, meditação e trabalho. O currículo era planejado em torno do estudo da Sagrada Escritura, especialmente dos Salmos, e da regra de fé como articulada no Credo Apostólico e no Credo de Niceia. Leitura, redação, gramática e música estavam também incluídas, compondo o roteiro do *trivium* (gramática, retórica e dialética) e do *quadrivium* (aritmética,

geometria, música e astronomia). O *trivium* e o *quadrivium*, cerne do currículo das Ciências Humanas, eram importantes na formação da escola religiosa e da universidade medieval. Filosofia, Física, Ética e eventualmente Teologia, a soberana das ciências, completavam os estudos dos alunos das universidades medievais. [62]

REFORMA E PÓS-REFORMA

A contribuição de Desidério Erasmo para a educação pode ser definida como o trabalho de um pioneiro inovador, que avançou para além da tradição e forneceu a força propulsora para a educação da Reforma e da Pós-reforma. Seu brilhantismo e coragem prepararam o caminho que direcionou a educação cristã nas décadas que se seguiram. Um príncipe entre os humanistas da Renascença, Erasmo era ao mesmo tempo um teólogo teórico e reformador. Um crítico bíblico erudito e moralista religioso, Erasmo trouxe diversas contribuições à educação dignas de reconhecimento. Foi o principal acadêmico da Renascença a dar ênfase às fontes originais e ao estudo dos textos antigos.

Erasmo fez uma importante ruptura com a perspectiva escolástica medieval da teologia e do estudo da Escritura, mas não de uma forma reacionária. O rompimento aconteceu através da combinação de um compromisso cristão, da erudição renascentista e da implementação do modelo educacional de John Colet. O gênio e a habilidade de Erasmo como erudito da Bíblia e teólogo moral serviram como modelo para Lutero, Melanchthon, Calvino e outros reformadores.[63]

Martinho Lutero e Filipe Melanchthon moldaram a educação na Alemanha do século 16 com sua ênfase no sacerdócio de todos os crentes, o que não somente incentivou a leitura da Bíblia para todos como também

ênfatiou a alfabetização e a educação para todos. Melanchthon, mais do que Lutero, compôs a teoria educacional como líder da Wittenberg University. Como organizador do currículo e sistematizador da teologia, Melanchthon era conhecido como o *Praeceptor Germaniae*. Seu trabalho produziu mudanças significativas no sistema educacional alemão.

Os modelos educacionais da Pós-reforma levaram ao surgimento da universidade moderna na University of Halle (1694). Halle começou como um centro educacional concentrado no estudo de qualidade associado a um compromisso religioso, em uma reação ao escolasticismo racionalista que caracterizava alguns aspectos do período da Pós-reforma. Porém, não demorou para que o projeto educacional fosse dominado por posições iluministas.[64] Nos últimos trezentos anos, a educação superior tem convivido com as tensões das filosofias pós-iluministas como o racionalismo, o empirismo, o existencialismo, a fenomenologia, o marxismo e as recentes epistemologias feministas radicais. Por essas razões, entre outras, a educação superior cristã hoje precisa resgatar e desenvolver a tradição intelectual cristã. A University of Halle é o primeiro exemplo, de muitos que se seguiram, a mostrar que a religiosidade por si só não foi capaz de sustentar a grande tradição do pensamento cristão.

UMA VISÃO RESTAURADA DA EDUCAÇÃO SUPERIOR CRISTÃ

A base confessional que é a regra de fé, referida nos capítulos anteriores, servirá também para aventarmos a proposta de uma visão restaurada da educação superior cristã. Queremos iniciar com uma afirmação do Credo Apostólico e a partir daí desenvolver uma ortodoxia holística, baseada num conceito apropriado da Escritura, congruente com as grandes declarações da

igreja dos primeiros séculos sobre a Trindade santa. Precisamos encontrar modos de evitar cairmos na vala da esquerda (liberalismo) ou na da direita (fundamentalismo) do caminho, que infelizmente, quando olhamos para a história, parece ser extremamente fácil percorrer. Ao nos religarmos com a grande *consensus fidei*, a grande tradição confessional da igreja, podemos evitar descambar para o reducionismo fundamentalista de um lado ou para o revisionismo liberal de outro.[65] Resistindo ao reducionismo e ao revisionismo enquanto adotamos uma abertura ao pensamento criativo, seremos capazes de ver apropriadamente as coisas em termos de tanto/quanto (*religio et eruditio*) em vez de ou/ou.

FÉ TRINITARIANA

Precisamos reconhecer que nos princípios básicos da fé trinitariana não há lugar para concessões. Fé e verdade são questões fundamentais e as faculdades e universidades cristãs devem adotar uma postura firme nessas áreas. Fé e verdade são fundamentais e não podemos apelar para o amor ou para a graça como desculpa para negar qualquer aspecto do ensino cristão. Ligando-nos à tradição intelectual cristã e à grande tradição confessional, podemos achar direcionamento e visão que nos auxiliarão a navegar pelas águas caóticas que enfrentaremos no futuro. Consciência histórica, conhecimento do passado, irão nos ajudar a evitar a confusão entre o que é uma manifestação meramente transitória e o que tem valor eterno.

A UNIVERSIDADE NO CORAÇÃO DA IGREJA: *EX CORDE ECCLESIAE*

Uma visão restaurada da educação superior cristã deve igualmente encorajar uma ligação com as igrejas. James Burtchaell, em sua importante obra *The Dying of the Light*, analisou dezenas de instituições de diversas tradições, concentrando-se em exemplos dos séculos 19 e 20. Burtchaell afirmou que quando havia um distanciamento das igrejas, o brilho da fé cristã começava a extinguir nesses *campi*.^[66] As universidades e faculdades cristãs não devem ser confundidas com igrejas, ainda que sejam uma extensão das igrejas e os braços acadêmicos do reino de Deus.

O desafio das universidades cristãs é preservar a união com a herança confessional encontrada no coração das igrejas de forma a transmitir a tradição cristã enquanto incentiva a investigação intelectual séria. Precisamos afirmar a grande tradição do pensamento cristão enquanto fomentamos um genuíno compromisso intelectual nas áreas do ensino, da pesquisa e dos estudos. Não há lugar para o anti-intelectualismo nos *campi* das universidades cristãs. O ensino superior cristão é chamado para ser academicamente rigoroso, alicerçado na tradição intelectual cristã sintetizada por Clemente de Alexandria, Agostinho e dezenas de outros. Alunos e professores das universidades cristãs precisam desenvolver o tipo de mentalidade e de curiosidade intelectual que procura compreender as grandes ideias da história enquanto se envolve com as problemáticas atuais.

ABERTURA PARA A INVESTIGAÇÃO INTELECTUAL

Queremos incentivar a investigação genuína e a pesquisa diligente nos *campi* das universidades cristãs enquanto reconhecemos que o livre questionamento, afastado da tradição ou da igreja, geralmente resulta no ceticismo ateu que tem caracterizado vastos setores da educação superior desde o Iluminismo.^[67] O estado de desorientação que podemos constatar

quando observamos grande parte da educação superior, geralmente é devido ao fato de que muitas instituições associadas à igreja se desligaram das igrejas e de sua tradição. Portanto, uma visão restaurada da educação superior faz-se necessária para auxiliar a criação de princípios unificadores do pensamento cristão, com base na crença de que toda verdade tem sua origem em Deus nosso criador e redentor.

Ao fazê-lo, iremos enfrentar vários problemas porque há muitas questões das quais temos ainda uma visão obscurecida, questões repletas de ambiguidades. Alguns problemas permanecerão sem resposta, enquanto prosseguimos lutando e batalhando juntos. Mesmo assim, idealizamos uma perspectiva diferente para o ensino e para o estudo.

CONSCIÊNCIA DOS DESAFIOS DE DIVERSAS ORDENS

Não devemos deixar de reconhecer que enfrentaremos dificuldades nessa jornada, oriundas tanto da academia quanto da cultura, assim como da igreja.[68] Na igreja, há aqueles que já se dariam por satisfeitos se as instituições ligadas à igreja simplesmente dessem espaço para uma ardorosa religiosidade que incentivasse o serviço no *campus* e as viagens missionárias. A missão da educação superior cristã deve abranger mais do que a promoção da piedade e do ativismo. As universidades cristãs devem dar prioridade ao pensamento cristão e ao pensar de forma cristã, a aprender a pensar criteriosa, crítica e criativamente, envolvendo-se com a cultura e com a academia ou, usando uma frase de T. S. Eliot, “pensar com categorias cristãs”.[69] Assim sendo, devemos procurar criar universidades cristãs que sejam fiéis ao senhorio de Cristo, que sirvam de exemplo do grande mandamento, que busquem a justiça, a misericórdia e o amor, que

demonstrem liberdade responsável, que priorizem a adoração e o serviço como o centro de tudo o que se busca na vida.

Reconhecemos que o compromisso com a excelência acadêmica é melhor demonstrado pela qualidade do ensino e dos alunos. A pesquisa e o ensino fiéis à tradição intelectual cristã serão priorizados e enfatizados. Devemos conduzir os alunos a uma reflexão madura sobre o significado da fé cristã para cada área de estudo. Desse modo, podemos contribuir para a criação de uma comunidade de estudo que tem convicções e que é rica em graça. Porém, lembramo-nos também que vivemos num mundo decaído e por isso, às vezes, o melhor que podemos fazer é ver como em espelho, obscuramente (1Co 13.12).

Todos os membros do corpo docente das universidades cristãs têm o privilégio e a responsabilidade de transmitir a tradição intelectual cristã na medida em que ela molda e influencia as várias disciplinas. Cremos que é possível assumir a responsabilidade de ensinar, formar e comunicar fielmente essa tradição porque todos os homens, de todas as épocas, são feitos à imagem de Deus. Tal compromisso contribui para a formação de uma comunidade onde aprendemos um do outro e buscamos envolver todos os povos, culturas e tradições num autêntico diálogo.

Devido ao fato de que podemos pensar, relacionar-nos e nos comunicar com palavras inteligíveis e desde que homens e mulheres foram criados à imagem de Deus, podemos ensinar, aprender, investigar, levar avante a pesquisa e transmitir os melhores posicionamentos da tradição intelectual cristã. Assim sendo, sustentamos que há um espaço onde ensino e conhecimento, serviço e pesquisa se complementam. Uma universidade cristã, semelhantemente a qualquer outra instituição de estudo superior, deve subordinar todos os demais esforços ao aperfeiçoamento intelectual na

busca da verdade. Todavia, a tradição intelectual cristã não se limita a focalizar a mente, o domínio do conteúdo. Pois apesar de serem coisas básicas, não são suficientes. Cremos que o desenvolvimento do caráter e a formação da fé, além da orientação para as competências profissionais, são igualmente importantes. Além disso, pensamos que a busca da verdade é melhor empreendida dentro de uma comunidade de estudo que reúne os colegas do presente e as vozes do passado, “a comunhão dos santos”, que tem formado o que conhecemos como tradição intelectual cristã. Assim sendo, propomos uma visão dentro de uma perspectiva holística da educação, que atente para o desenvolvimento moral, espiritual, físico e social dos alunos, seguindo o exemplo de Jesus, que crescia em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens (Lc 2.52).

Como Mark Noll nos faz lembrar na introdução de seu livro *The Christian College: A History of Protestant Higher Education in America*, são os seminários teológicos, mais do que as universidades cristãs, que se mantêm como as instituições mais bem sucedidas na promoção do estudo da tradição intelectual cristã. Ele observa que o trabalho dos seminários protestantes produziu algumas das mais significativas e vibrantes publicações cristãs, as quais conservam seu peso intelectual e sua amplitude cultural, tendo alcançado grande sucesso no século 20. Na verdade, ele observa que mesmo no século 20 “professores dos seminários teológicos ainda são os mais bem preparados de todos os acadêmicos profissionais ligados a instituições evangélicas, e suas obras são muito mais lidas nos círculos evangélicos do que os livros dos professores das faculdades cristãs.

[70]

APLICANDO A TRADIÇÃO AO CONTEXTO DAS UNIVERSIDADES CRISTÃS

Isso levanta a questão do lugar da tradição intelectual cristã nas faculdades e universidades cristãs. Especialmente nos últimos cinquenta anos, tornou-se evidente que o trabalho sério e as publicações cristãs sobre artes, ciências humanas, exatas e sociais, ética pública e estudos profissionais têm ocupado lugar nas faculdades e universidades. É o maior motivo por que a tradição intelectual cristã deva ser resgatada pelos acadêmicos cristãos de todas essas áreas. É hora de fazer perguntas importantes sobre o papel de fé e razão, de cosmovisão cristã e estudo cristão, de Escritura e disciplinas.

Os problemas enfrentados por faculdades e universidades cristãs não podem ser resolvidos simplesmente pelo acréscimo de instalações mais bonitas, melhores oportunidades de ministério universitário e programas aperfeiçoados de vida estudantil, por mais importantes que sejam essas coisas. O contexto do século 21 deve ainda reconhecer a importância do pensamento cristão sério e da ortodoxia confessional como necessários e apropriados ao bem-estar das comunidades acadêmicas cristãs. Se a fé cristã deve recuperar a voz na academia e nos espaços públicos, deve redescobrir o que G. K. Chesterton (1874-1936) designou como “romance da ortodoxia”. [71] Chesterton fez seu apelo não somente com base nas afirmações da verdade de cristianismo, mas também na capacidade do cristianismo de dar resposta à necessidade humana de uma vida ativa e criativa, pitoresca e repleta de imaginação artística. É esse caminho que convidamos outros a trilhar. Apresentamos a tradição intelectual cristã aos cristãos do século 21 como um direcionamento para a verdade, para aquilo que instiga a criatividade, envolve as emoções, refina o sentimento estético e emancipa o indivíduo.[72]

A tradição intelectual cristã tem sido moldada pela História e pela Filosofia, pela Escritura e pela Teologia, mas acreditamos que tem conduzido todos os temas e disciplinas acadêmicas na universidade moderna. Embora às vezes a pesquisa cristã em qualquer área possa tomar rumos e usar métodos parecidos com os das secularistas, há uma doxologia tanto no início quanto na conclusão da pesquisa, que distingue o trabalho dos crentes do trabalho dos secularistas.[73] Comumente, todos sabem que o pensamento cristão não é mais considerado um tema relevante na universidade moderna. Talvez seja admitido no departamento de História ou de Religião, onde há possibilidade de se fazer um trabalho sobre o que uma vez criam os cristãos. Assim, reconhecemos que nossa proposta pode parecer “absurda” para alguns.[74]

Queremos apresentar aos estudantes os pensadores cristãos de todas as áreas que contribuíram para a formação dessa maravilhosa tradição. A lista não somente inclui os acadêmicos citados em nossos primeiros capítulos, mas também William Wilberforce, G. K. Chesterton, T. S. Eliot, Dorothy Sayers, C. S. Lewis, Johann Sebastian Bach, George Friederic Handel, Sir William Blackstone, Isaac Newton, Johannes Kepler, Luis Pasteur, Venerável Beda, Booker T. Washington, George Washington Carver, Peter Akinola, Henry Luke Orombi, Elizabeth Fox-Genovese e assim por diante.

A busca da sublime glória divina tem alicerces numa cosmovisão cristã, segundo a qual Deus pode ser achado na busca da verdade em todas as disciplinas. A aplicação da tradição intelectual cristã incentivará os membros das universidades cristãs a ver o seu ensino, a sua pesquisa, o seu estudo, a formação dos seus alunos, o serviço administrativo e o trabalho dos diretores dentro do contexto do evangelho de Jesus Cristo. Dentro de tal esquema, os acadêmicos verão os seus conhecimentos como uma

contribuição para a unidade do saber. Professores e alunos contribuirão para uma intensificação do amor ao estudo que estimula uma vida de adoração e serviço. A grande tradição do pensamento cristão nos ajuda a melhor compreender a relação entre fé cristã e o papel da razão, enquanto encoraja os crentes em Cristo a buscar a verdade e a envolver-se com a cultura, com vistas ao fortalecimento da igreja e ao crescimento do reino de Deus.

CONCLUSÃO

O empenho em aplicar e promover a tradição intelectual cristã traz um apelo aos que estão envolvidos com a educação superior cristã para serem cristãos sem nenhum constrangimento e serem acadêmicos com todo o rigor. Isso significa criar meios para que haja uma reflexão e uma educação cristãs sérias em todas as disciplinas, e não apenas na Teologia, nos estudos da Bíblia, na Filosofia e na História. Para resgatar, restaurar e promover a extensão e o aprofundamento dessa maravilhosa tradição, devemos dela possuir ao menos uma conscientização e um conhecimento básico, o que é o propósito de toda esta série.

Cremos que o tempo é apropriado para reconsiderar essa tradição, por causa dos desafios e da confusão presentes de ponta a ponta no espectro acadêmico. A realidade do mundo decaído em que vivemos é ampliada no nosso cotidiano através das famílias arruinadas, da confusão na área da sexualidade, dos conflitos entre nações e do preconceito racial e étnico que observamos à nossa volta.

A tradição intelectual cristã expressa uma visão especial e promissora, contribuindo para que compreendamos que há um lugar para a música e para as artes, porque Deus é o Deus da criação e da beleza. Reconhecemos que as Ciências Sociais podem contribuir com informações para o

fortalecimento da sociedade, das famílias e das estruturas religiosas, confirmando a presença da imagem de Deus em todos os homens e mulheres. Os que estudam Economia podem ajudar-nos a lidar com problemas enfrentados pelas comunidades e pela sociedade como um todo, bem como a aumentar nossa consciência de como a riqueza é produzida e como o seu uso requer uma boa administração. Os acadêmicos da Filosofia Política podem criar estratégias de como enfrentar problemas de governo, ordem pública, guerra, justiça e paz. Desafios éticos nos negócios, na educação e na saúde podem ser resolvidos com a reflexão sobre a grande tradição.

Embora não haja nenhum ângulo da universidade moderna que seja estranho à fé cristã, precisamos reconhecer que nem todos os assuntos são igualmente afetados pelo pensamento tipicamente cristão. Talvez a Matemática e a Ciência da Computação serão menos impactadas do que a Filosofia, as Artes ou as Ciências Sociais. Estudar cada disciplina dentro da perspectiva confessional de que “cremos em Deus Pai Todo poderoso, criador do céu e da terra” irá moldar e aguçar nosso foco. Quando os compromissos com os fundamentos desempenharem uma função mais evidente, o reconhecimento da influência da tradição intelectual cristã se tornará mais importante. Queremos convidar os acadêmicos cristãos a abraçar a verdade onde ela se faz conhecer ou descobrir, seguindo o exemplo do Cardeal Newman que declarou que tudo o que é bom, verdadeiro, belo ou bem-fazejo, seja grande, pequeno, fragmentário, natural, sobrenatural, moral ou material, encontra sua origem e sentido em Deus.[75] Essa proposta fundamenta-se na convicção de que Deus, a fonte de toda verdade, revelou-se integralmente em Jesus Cristo, e é na crença na união do divino e

do humano em Jesus Cristo que a unidade da fé, em última análise, se manifesta.

Reconhecemos que para dar orientação para essa grande proposta, há deficiências nos seguintes movimentos: 1. cristianismo populista, com sua ênfase desequilibrada no ativismo e sua desconfiança no intelecto; 2. liberalismo, com suas redefinições equivocadas da fé cristã; 3. pietismo, com sua divisão de “cabeça” e “coração” e 4. fundamentalismo, com sua rigidez legalista e separatista. Essas quatro respostas são incompletas, desequilibradas e às vezes distorcidas e incoerentes. O que é necessário é que se restaure a compreensão e a apreciação da profundidade e da dimensão da tradição intelectual cristã, com seus compromissos com a confissão histórica da igreja do Deus trinitário e uma visão do mundo e de todo objeto de estudo como totalmente compreensível somente em relação a esse Deus trinitário.

Finalmente, reconhecemos que todo conhecimento tem sua fonte em Deus. Queremos responder de forma correta a esse reconhecimento, amando a Deus com toda a nossa mente e promovendo a consciência intelectual e a curiosidade intelectual dos alunos. Desejamos evitar as armadilhas do excesso de especialização nas disciplinas, enquanto buscamos interagir com os problemas e tendências do nosso mundo em mudança. Anima-nos pensar que esse mundo em mudança do século 21 tem propensão para trazer-nos novos companheiros globais para essa tarefa.

Alegra-nos pensar que a busca pelo resgate da tradição intelectual cristã promoverá um confessionalismo cristão fiel enquanto incentiva uma investigação autêntica dentro desse contexto confessional. Confessamos nossa crença em que Deus revelou-se a nós na criação, na história, em nossa consciência e, por fim, em Jesus Cristo (Cl 1.15-18). Essa verdade de Deus

revelada estabelece o quadro para a compreensão e a interpretação do mundo, dos fatos da história do homem e de nossas responsabilidades para com Deus e o próximo. Nossa esperança é que, na medida em que lutamos com as grandes ideias da história e com as questões prementes da nossa época, a grande tradição do pensamento cristão propicie os recursos e os exemplos que encorajem a nossa fé e produzam uma atividade intelectual significativa, ao mesmo tempo em que consideramos a atividade da mente para a glória de Deus. Na medida em que nossa ótica da educação superior valoriza e prioriza a vida da mente, constitui um desafio holístico visando a integração de cabeça, coração e mãos.

Cremos que valer-se do trabalho daqueles que nos antecederam capacita-nos a aprender modelos de estudo acurados (e, como vimos, conhecer também os aspectos negativos mostrados pelos que se desviaram da tradição da ortodoxia), no momento em que reforçamos a singularidade e a dignidade de cada aluno. Acreditamos que o conhecimento trazido pela fé leva a uma ética e a uma formação de caráter que servirão os indivíduos, as famílias e as igrejas e promoverão integridade, justiça e generosidade. Não somente ansiamos por ver pessoas, famílias e igrejas fortalecidas. Queremos ver instituições cristãs de ensino superior fortalecidas para envolverem-se com a cultura e melhorarem a sociedade. Ansiamos por encontrar fidelidade na vida e no ensino dessas instituições, que contribuirão para que o amor pelo evangelho de Jesus Cristo seja cultivado.

Esperamos que os ideais e os compromissos pregados neste pequeno livro não sejam confinados culturalmente, pois acreditamos serem coisas que não são facilmente excluídas sem que haja grande perigo para nós, pessoalmente, e para as instituições cristãs de ensino superior corporativamente, tanto no presente quanto no futuro. Em meio a uma

cultura caótica e ao *ethos* pós-moderno de nossos dias, necessitamos de compromissos que sejam firmes, mas amorosos, claros, mas graciosos, que encorajem o povo de Deus a estar pronto para dar resposta aos numerosos problemas e desafios que surgirão no caminho, sem que se retraia dentro de toda rixa intramuros da igreja ou da cultura.

Finalmente, convocamos nossos líderes para juntarem-se a nós, rogando a Deus que renove nossa visão do contexto acadêmico cristão, incluindo centros de estudo, escolas, faculdades, universidades e seminários. Queremos incentivar essas instituições a renovarem seu compromisso com a excelência do ensino e do mundo acadêmico, da pesquisa e do serviço, e do discipulado e da filiação à igreja. Cremos que essa visão pode ser melhor implementada se nos apegarmos ao que há de melhor na tradição intelectual cristã e se a transmitirmos com fidelidade nas décadas que virão. É com alegria que damos as mãos àqueles que desejam juntar-se a nós nessa jornada, buscando o bem de tudo o que interessa, enquanto servimos juntos para a glória do nosso excelso Deus.[76] Concluimos com as célebres palavras de Bernardo de Clairvaux escritas no século 12, palavras que trazem inspiração para os educadores cristãos que desejam adotar a grande tradição do pensamento cristão como o arcabouço do processo educacional:

Alguns buscam conhecimento
Por causa do conhecimento.
Isso é curiosidade.
Outros, buscam conhecimento
Para se fazerem conhecidos.
Isso é vaidade.
Mas há ainda os que
Buscam conhecimento
Para servir e edificar outros.
E isso é caridade.[77]

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Como a reflexão sobre a relação entre fé e conhecimento influencia a sua maneira de pensar e de viver seus compromissos como cristão? É importante refletir sobre esse assunto? Por quê?
2. Como o empenho em resgatar a tradição intelectual cristã pode fazer frente aos rápidos avanços do secularismo no século 21?
3. Como uma melhor compreensão da história da tradição intelectual cristã contribui para uma visão do processo de ensino/aprendizado nas igrejas e nas comunidades acadêmicas cristãs?
4. Como a tradição intelectual cristã tem sido moldada pela Bíblia e pela interpretação bíblica?
5. O que significam expressões como: “a integração de fé e conhecimento”, “fé e razão” e “fé e estudo”? Como o seu entendimento da tradição intelectual cristã transforma e influencia a compreensão dessas frases?

CRONOLOGIA

Igreja dos primeiros séculos

Ano	Personagem	Eventos
30-100	Clemente de Roma	
35-117	Inácio de Antioquia	
64		Grande incêndio de Roma
70		Queda de Jerusalém
69-160	Policarpo	
85-160	Marcião	
100-120		Didaquê
100-165	Justino Mártir	
130-202	Irineu	
150-215	Clemente de Alexandria	Escola de Alexandria
160-220	Tertuliano	
185-254	Orígenes	
250-336	Ário	
296-373	Atanásio	
312-313		Constantino torna-se imperador e adota o cristianismo
325		Concílio de Niceia
329-379	Basílio de Cesareia	
330-389	Gregório de Nazianzo	
330-395	Gregório de Nissa	
341-420	Jerônimo	

Ano	Personagem	Eventos
350-428	Teodoro de Mopsuéstia	Escola de Antioquia
354-407	João Crisóstomo	
354-420	Pelágio	
354-430	Agostinho	
381		Concílio de Constantinopla
410		Roma invadida pelos bárbaros
431		Concílio de Éfeso
451		Concílio de Calcedônia

Período medieval

Ano	Personagem	Eventos
673-735	Venerável Beda	
1033-1109	Anselmo	
1054		Grande cisma da igreja, entre Oriente e Ocidente
1079-1142	Abelardo	
1090-1153	Bernardo de Clairvaux	
1140-1218	Pedro Valdo	
1182-1226	Francisco de Assis	
1225-1274	Tomás de Aquino	
1330-1384	John Wycliffe	
1373-1415	Jon Huss	
1378-1417		Grande cisma do Papado
1452-1498	Girolamo Savonarola	
1466-1519	John Colet	
1466-1536	Desidério Erasmo	
1516		Publicação do Novo Testamento grego de Erasmo

Período da Reforma

Ano	Personagem	Eventos
1483-1546	Martinho Lutero	
1484-1531	Ulrico Zuínglio	
1497-1560	Filipe Melanchthon	
1509-1564	João Calvino	
1517		Lutero fixou noventa e cinco teses na porta da igreja de Wittenberg

Período pós-reforma

Ano	Personagem	Eventos
1694		Universidade de Halle
1703-1758	Jonathan Edwards	
1703-1791	João Wesley	
1768-1834	Friedrich Schleiermacher	
1801-1834	Cardeal John Henry Newman	
1836-1921	A. H. Strong	
1837-1920	Abraham Kuyper	
1851-1921	B. B. Warfield	
1874-1936	G. K. Chesterton	
1886-1968	Karl Barth	
1898-1963	C. S. Lewis	
1913-2003	Carl F. H. Henry	
1931-	Thomas Oden	
1934-		Declaração de Barmen
1990		<i>Ex Corde Ecclesiae</i> , Papa João Paulo II

GLOSSÁRIO

Ário/arianismo. Ário (250-336) foi presbítero numa congregação da cidade de Alexandria. Ensinava que somente Deus Pai é Deus. Não haveria possibilidade de esse Deus ter transmitido sua essência a quem quer que seja. Assim sendo, o Filho é um ser criado pela vontade e pelo poder do Pai. Diferentemente do Pai, Jesus não era sem começo. O arianismo foi condenado como heresia tanto no Concílio de Niceia (325) como no Concílio de Constantinopla (381).

Aristotelismo. Uma tradição filosófica baseada no ensino de Aristóteles, com ênfase no conhecimento adquirido através dos sentidos e do exercício da razão.

Calcedônia/cristologia calcedoniana. A crença sobre Jesus Cristo abraçada pelo Concílio de Calcedônia (451) e considerada a base da Cristologia ortodoxa clássica. A confissão declara Jesus como o único e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito a ser reconhecido em duas naturezas, sem sombra de dúvida, sem mudança, sem divisão, sem separação. A distinção entre as naturezas de forma alguma é eliminada por causa da união, mas, ao contrário, a propriedade característica de cada uma é preservada e coopera para ser uma pessoa e um ser.

Canon/canônico. O termo *canon* refere-se ao conjunto de livros reconhecidos como Escritura Sagrada pela Igreja Primitiva. O *canon* cristão compreende 66 livros (39 do Antigo Testamento e 27 do Novo

Testamento) e 80 livros para os católicos, cujo *canon* inclui 14 livros apócrifos.

Consensus fidei. Um termo latino usado para designar o consenso de crenças sustentado pela maior parte da igreja, o padrão da verdade cristã, que tem sido aceito como ensinamento ortodoxo pelos cristãos ao longo dos séculos.

Cristologia. O termo refere-se ao ensino de e sobre Cristo, sua pessoa e naturezas. No início, a Cristologia também incluía a obra de Cristo, que agora é tratada pela doutrina da salvação.

Escola de Alexandria. Alexandria foi um grande centro de estudos. Ali, Filo elaborou sua hermenêutica alegórica. A escola do pensamento adotado em Alexandria reunia correntes da filosofia platônica, neoplatônica e gnóstica. Essas correntes filosóficas influenciaram o modo como o judaísmo e o cristianismo se articularam. No início do 3º século d.C., Alexandria tornou-se importante como uma sede da teologia cristã. A escola caracterizou-se por sua sujeição à filosofia neoplatônica e seu emprego do método alegórico de interpretação bíblica.

Escola de Antioquia. Uma escola de interpretação bíblica e de Teologia, famosa do 3º ao 8º séculos d.C., que surgiu em Antioquia, na Síria. Seu método do modo geral era racional, histórico e literal, contrastando com aquele que havia surgido em Alexandria. Os intérpretes que adotaram esse método pareciam ser bastante metódicos, sujeitando-se a Aristóteles e àquela tradição filosófica.

Ex corde ecclesiae. Uma frase latina que significa “nascido do coração da igreja”. É usado geralmente para ressaltar a ligação da universidade cristã com a igreja.

Fé cristã confessional. A importância de um total assentimento dos ensinamentos da fé cristã por indivíduos, igrejas e grupos ou denominações. Uma confissão de fé coopera para a definição e a defesa das crenças básicas e da identidade de um grupo ou denominação. Os termos *confissão* e *credo* (tais como o Credo Apostólico ou o Credo de Niceia) são às vezes intercambiáveis. O *credoísmo*, como termo distinto de confessionalismo, significa atribuir a um credo a mesma autoridade atribuída à Sagrada Escritura. Historicamente, os protestantes evangélicos são mais conhecidos como “pessoas da confissão” do que como “pessoas do credo”.

Filosofia do Iluminismo. Um movimento filosófico dos séculos 17 e 18, período às vezes denominado Século das Luzes. Caracterizado pelo racionalismo e pela autossuficiência. Esse movimento rejeitava as autoridades externas, tais como a Bíblia, a igreja ou o Estado.

Gnosticismo. Um conjunto de religiões de mistério que surgiram no fim do 2º século, um radical desvio dualista do ensinamento cristão a respeito de Deus e do mundo.

Hermenêutica funcional. Designação dada à forma como os leitores aplicam o texto bíblico ao seu contexto e situação pessoais, deixando de considerar o contexto e a situação originais do texto. Dessa forma, o sentido se restringe à aplicação funcional da Escritura.

Hermenêutica oficial. Uma forma de interpretar a Escritura para apontar as falsas crenças dos heréticos. Isso era feito estabelecendo-se o sentido teológico correto da Escritura pela autoridade religiosa ou pela autoridade da regra de fé (*regula fidei*).

Hermenêutica. Do grego *hermeneuein*: expressar, explicar, traduzir, interpretar. Apresenta nuances de significado, mas refere-se à teoria da

interpretação. Tradicionalmente, a hermenêutica busca estabelecer princípios, métodos e regras necessárias à interpretação de textos escritos, particularmente dos textos sagrados.

Igreja dos primeiros séculos. Uma frase bastante ampla e um tanto ambígua, usada para designar a igreja cristã a partir do Pentecoste, abrangendo os primeiros cinco séculos de sua expansão. As expressões “igreja primitiva” e “cristianismo primitivo” focam mais o primeiro século da igreja.

Inerrância. A ideia de que, quando todos os fatos são conhecidos, a Bíblia (em seus textos originais), devidamente interpretada à luz da cultura e dos meios de comunicação existentes na época de sua composição, será tida como totalmente verdadeira em tudo o que afirma, no grau de precisão pretendido pela intenção do autor, em todas as questões relativas a Deus e à sua criação.

Infalibilidade. O conceito de que a Bíblia é incapaz de errar e não pode conter engano ou falsidade.

Inspiração. A obra do Espírito Santo de conduzir a redação dos textos bíblicos para que os atos e a interpretação da revelação de Deus fossem registrados segundo a vontade de Deus, para que a Bíblia fosse verdadeiramente a Palavra de Deus escrita.

Interpretação alegórica. O método de interpretação que supõe que o texto diz ou pretende dizer algo além do que sugere a sua expressão literal. Busca alcançar um sentido místico, mais profundo, que não deriva das próprias palavras.

Interpretação anagógica. O método de interpretação bíblica que busca desvelar o sentido espiritual de uma passagem da Escritura na medida em que se relaciona com realidades eternas ou futuras.

Interpretação cristológica. A palavra grega *Christos* (Cristo) significa “ungido” e equivale ao termo hebreu *Mashiah* (Messias). A interpretação cristológica entende o Antigo Testamento à luz da crença de que Jesus de Nazaré é o Messias/Cristo e o cumprimento das promessas e profecias do Antigo Testamento.

Interpretação literal. A tentativa de entender a Escritura em seu sentido simples e comum, sem ver um significado mais profundo ou espiritual.

Interpretação tipológica. Do grego *typos*: padrão ou arquétipo. Designa um método de interpretação bíblica segundo o qual as pessoas, os eventos ou as coisas do Antigo Testamento são interpretados como prefigurações ou protótipos de pessoas, eventos ou coisas do Novo Testamento. A interpretação tipológica difere da alegórica no ponto em que a tipologia vê uma conexão significativa entre duas pessoas ou dois eventos historicamente distintos, mas religiosamente significativos, ao passo que a alegoria busca no texto um sentido mais profundo, velado, espiritual, sem uma conexão óbvia com o texto que está sendo interpretado.

Judaísmo tardio. O judaísmo que vai do fechamento do *canon* do Antigo Testamento até o 3º século d.C., especificamente seus diferentes grupos (fariseus, saduceus, essênios e zelotes) durante o período intertestamentário e o 1º século d.C.

Judaizantes. Um grupo de cristãos judeus da igreja primitiva, que ensinava que a observância da lei de Moisés era necessária para a salvação.

Maniqueísmo. Heresia gnóstica do 3º século, baseada nos ensinamentos de Maniqueu (c. 216-276), que dava ênfase a uma cosmologia elaborada na tentativa de definir o bem e o mal, a luz e as trevas, no mundo da matéria. As doutrinas eram semelhantes às do zoroastrismo.

Marcião/Marcionismo. Um movimento que surgiu na igreja dos primeiros séculos, baseado nas doutrinas de Marcião (c. 85-160), um herege do 2º século. Marcião rejeitava o Antigo Testamento e lançou seu próprio Novo Testamento, que se restringia a um evangelho de Lucas abreviado (sem narrativas de nascimentos) e a dez cartas de Paulo (com exceção das pastorais). Marcião estabelecia uma oposição absoluta e irreconciliável entre o Deus do Antigo Testamento e o Cristo do Novo Testamento.

Midrash. A interpretação judaica da Escritura. Mais precisamente, um comentário que faz a contextualização da Escritura para situações presentes e práticas.

Montanismo. Um movimento heterodoxo associado ao cristianismo do 2º século, baseado nas doutrinas de Montano, que valorizava ensinamentos proféticos com inspiração direta e espontânea do Espírito Santo.

Neoplatonismo. Um termo usado para referir-se à filosofia mística e religiosa do 3º século, cujo empenho era criar uma doutrina cristã com interpretações baseadas nos ensinamentos de Platão e dos primeiros platonistas.

Niceia/Cristologia nicênic. A doutrina da igreja do 4º século, resultante do Concílio de Niceia (325) e confirmada em Constantinopla (381). Essa doutrina foi primeiramente articulada por Atanásio (297-373). O Concílio de Niceia condenou Ário, insistindo em que o Filho não era simplesmente o “primogênito de toda a criação”, mas era verdadeiramente “da mesma essência do Pai”. Opondo-se a Ário, Atanásio procurou defender a unidade da essência do Pai e do Filho baseando seu argumento não somente numa doutrina filosófica da

natureza do *Logos*, mas também na natureza da redenção realizada pela Palavra encarnada. Somente o próprio Deus, assumindo carne humana, morrendo e ressuscitando em carne humana, pode efetuar uma redenção que consiste na libertação do pecado, da corrupção e da morte, e na ressurreição a fim de partilhar da natureza do próprio Deus. Depois de Niceia, ficou evidente a existência de duas escolas principais de pensamento na igreja, centralizadas em Alexandria e em Antioquia respectivamente. Em termos doutrinários, Alexandria tem a prioridade, enquanto que Antioquia tem mais reputação, provavelmente por corrigir o que se acreditava serem os excessos do pensamento alexandrino.

Pais apostólicos. Um grupo de escritores cristãos que, como se crê, tiveram contato direto com os apóstolos da igreja primitiva. O termo é usado para designar as antigas obras não canônicas do fim do 1º século e do início do 2º século.

Patrística/os Pais. Os notáveis teólogos e pensadores dos primeiros seis séculos da igreja vieram a ser considerados “os Pais” e o estudo desses líderes é conhecido como “Patrística”.

Pelágio/pelagianismo. Pelágio (c. 354-440), que viveu na época de Jerônimo e de Agostinho (4º e 5º séculos), ensinava que as boas obras produzidas pelo ascetismo pessoal podiam resultar em salvação. Para Pelágio, a fé era entendida à luz da capacidade da vontade humana de viver de uma maneira pura. A graça era vista como uma bênção de Deus, um benefício acrescentado a uma vida de rigor e fidelidade. O pelagianismo foi condenado como heresia no Concílio de Cartago (416 e 418) e no Concílio de Éfeso (431). Embora condenado como heresia

há aproximadamente mil e seiscentos anos, o resíduo da influência do pelagianismo continua a trazer desafios ao longo da história da igreja.

Período medieval. Período da História que vai do 5º século até o século 15.

Platonismo. O sistema filosófico fundado sobre os ensinamentos de Platão, com ênfase no conhecimento verdadeiro baseado nas formas ideais, nas formas perfeitas e imutáveis. Objetos particulares, que podem ser conhecidos ou experimentados pelos sentidos são cópias imperfeitas. O platonismo pode denominar-se “idealismo platônico” porque Platão ensinava que as ideias são, essencialmente, reais. Dessa forma, deve-se manter uma distinção entre o mundo ideal e o não ideal.

Pós-modernismo. Define uma época e um deslocamento da condição humana nos anos iniciais do século 21. O pós-modernismo causa impacto na literatura, nas artes, no vestuário, na arquitetura, na música, na autoidentidade, na ética e na teologia. De modo geral, vê a experiência humana como algo incoerente, ausente de absolutos ou de uma metanarrativa sobre a verdade, o sentido ou a moral. Esse modo de ver o mundo apresenta novos desafios para os cristãos, bem como ricas oportunidades. É um desafio que difere do desafio do modernismo. Os modernistas alegavam que o cristianismo não é verdadeiro, enquanto que os pós-modernistas criticam o cristianismo quando este afirma ser a única verdade. Embora haja um pós-modernismo conservador ou restauracionista, há também o pós-modernismo desconstrutivista, que nega a objetividade envolvida no fundacionalismo.

Pós-reforma. Os esforços contínuos nos séculos 17 e 18 para efetuar reformas doutrinárias e eclesiásticas nas igrejas, resultando em divisões denominacionais e ênfases teológicas diversas.

Princípio formal da Teologia. Um termo que se refere à autoridade que constitui a doutrina em consideração. Para os protestantes evangélicos, a referência ao princípio formal aponta a Escritura como autoridade principal, atribuindo à tradição (ou experiência, ou razão) autoridade secundária. Geralmente usa-se *princípio formal* em contraste com *princípio material*, que designa o ensino central da crença cristã.

Reforma. Movimento cristão europeu no século 16, que produziu reformas na doutrina, nas práticas e nas estruturas na Igreja Católica Romana.

Regra de fé. Um princípio que foi empregado na igreja primitiva para avaliar e provar opiniões teológicas no que concerne à sua coerência com a doutrina que era largamente aceita como tradição apostólica, exposta de melhor maneira no Credo Apostólico e no Credo de Niceia.

Revelação especial. A manifestação da pessoa de Deus de forma particular a determinadas pessoas, em determinados momentos e lugares. A revelação especial de Deus se faz conhecida mais completamente na vida, obra e ensinamentos de Jesus Cristo (Jo 1.14,18; Cl 1.15-18; Hb 1.1-3).

Revelação geral. A autorrevelação de Deus de um modo geral a todas as pessoas, de todos os tempos e lugares. Deus se revela por meio da natureza, da história, da experiência humana e da consciência humana.

Revelação. Um desvendamento, uma remoção do véu, uma exposição do que antes era desconhecido. Também a manifestação da pessoa de Deus à humanidade, de tal forma que homens e mulheres podem conhecê-lo e ter comunhão com ele.

Sensus plenior. Um termo latino alusivo ao sentido mais amplo de uma passagem da Escritura, conforme o propósito de Deus, mas não

entendido de maneira clara ou completa pelo autor ou pelos primeiros ouvintes/leitores.

Sola scriptura. Uma expressão latina que significa “só a Escritura”, definindo a Bíblia como a autoridade principal em todas as coisas necessárias para conhecer, crer e observar com vistas à salvação.

Vulgata. Uma tradução da Bíblia para o latim, do fim do 4º século, em grande medida obra de Jerônimo (c. 341-420).

REFERÊNCIAS PARA ESTUDOS COMPLEMENTARES

BRAY, Gerald. *Biblical Interpretation, Past and Present*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2000.

_____. *Creeds, Councils, and Christ*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1984.

BROWN, Colin. *Christianity and Western Thought*. 2 vols. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1984.

Brown, Harold O. J. *Heresies: Heresy and Orthodoxy in the History of the Church*. Garden City, NY: Doubleday, 1984.

Burtchaell, James. *The Dying of the Light: The Disengagement of Colleges and Universities from their Christian Churches*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998.

Craig, William Lane. *Reasonable Faith*. 3^a ed. Wheaton, IL: Crossway, 2008.

DOCKERY, David S. *Biblical Interpretation Then and Now*. Grand Rapids, MI: Baker, 1992.

_____. *Renewing Minds: Serving Church and Society through Christian Higher Education*. Nashville: Broadman, 2007–2008.

_____. org. *Faith and Learning: A Handbook for Christian Higher Education*. Nashville: Broadman, 2012.

GEORGE, Timothy. *Theology of the Reformers*. Nashville: Broadman, 1988.

GONZALES, Justo. *A History of Christian Thought*. Nashville: Abingdon, 1975.

- HAUERWAS, Stanley. *The State of the University: Academic Knowledge and the Knowledge of God*. Oxford: Blackwell, 2007.
- HILL, Jonathan. *What Has Christianity Ever Done for Us?* Downers Grove, IL: InterVarsity, 2005.
- HOLMES, Arthur. *Building the Christian Academy*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001.
- HOWARD, Thomas A., org. *The Future of Christian Learning*. Grand Rapids, MI: Brazos, 2008.
- KEEN, Ralph. *The Christian Tradition*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2004.
- KRONMAN, Anthony. *Education's End: Why Our Colleges and Universities Have Given Up on the Meaning of Life*. New Haven, CT: Yale University Press, 2008.
- LITFIN, Duane. *Conceiving the Christian College*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- MARSDEN, George M. *The Outrageous Idea of Christian Scholarship*. Oxford, UK: Oxford University Press, 1998.
- _____. *The Soul of the American University: From Protestant Establishment to Established Nonbelief*. Nova York: Oxford University Press, 1996.
- MCGRATH, Alister. *Heresy: A History of Defending the Truth*. Nova York: Harper One, 2009.
- NEUHAUS, Richard John. "A University of a Particular Kind". In: *First Things* (Abril 2007).
- NEWMAN, John Henry. *The Idea of a University*. Reimpressão. Londres: Longman, Green, 1907.
- ODEN, Thomas. *How Africa Shaped the Christian Mind*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2010.

- _____. *The Rebirth of Orthodoxy*. Nova York: HarperCollins, 2003.
- PACKER, J. I. e ODEN, Thomas. *One Faith: The Evangelical Consensus*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004.
- Papa João Paulo II. *Ex Corde Ecclesiae: On Catholic Universities*. Encyclical Letter, 1990.
- PELIKAN, Jaroslav. *Credo: Historical and Theological Guide to Creeds and Confessions of Faith in the Christian Tradition*. New Haven, CT: Yale University Press, 2005.
- _____. *The Idea of a University: A Reexamination*. New Haven, CT: Yale University Press, 1992.
- PIPER, John. *Think: The Life of the Mind and the Love of God*. Wheaton, IL: Crossway, 2010.
- POE, Harry L. *Christianity in the Academy*. Grand Rapids, MI: Baker, 2004.
- SPLIESGANT, Roland, et al. *A History of Christianity in Asia, Africa, and Latin America*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2007.
- TAYLOR, Charles. *A Secular Age*. Cambridge, UK: Belknap, 2007.
- TENNANT, Timothy. *Theology in the Context of World Christianity*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2007.
- TURNER, H. E. W. *The Pattern of Christian Truth*. Londres: Mowbray, 1954.
- WILKEN, Robert L. "The Christian Intellectual Tradition". In: *First Things* (Junho/ Julho 1991).
- WILKENS, Steve, e Alan Padgett. *Christianity and Western Thought*. 2 vols. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2000.

ORGANIZADORES CONSULTORES

Hunter Baker

Timothy George

Niel Nielson

Philip G. Ryken

Michael J. Wilkins

John D. Woodbridge

NOTAS

[1] Ver HENRY, Carl F. H. *Confessions of a Theologian: An Autobiography*. Waco: Word, 1986; SLOAN, Douglas. *Faith and Knowledge*. Louisville: Westminster: John Knox, 1994; e também o relatório de junho do Pew Forum on Religion and Public Life. Além desses, ver ELIOT, T. S. *Christianity and Culture*, Nova York: Harcourt Brace, 1940; e MARSDEN, George M. *The Soul of the American University: From Protestant Establishment to Established Nonbelief*. Nova York: Oxford University Press, 1994. Ideias semelhantes podem ser encontradas em NOLL, Mark A. *The scandal of the Evangelical Mind*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1994; e suas reflexões recentes sobre esses assuntos em *Jesus Christ and the Life of the Mind*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001. À medida que avançamos em nossos comentários sobre o desenvolvimento dessas reflexões, nos dois primeiros capítulos deste volume, grande parte do material foi uma adaptação de DOCKERY, David S. *Biblical Interpretation Then and Now*. Grand Rapids, MI: Baker, 1992.

[2] Virginia OWENS, Stem. “Fiction and the Bible”. In: *Reformed Journal* (July, 1988): p. 12-15.

[3] GRANT, Robert M. “Aristotle and the Conversion of Justin”. In: *Journal of Theological Studies* 7 (1956): p. 246-48; KARSAUNE, Oscar S. “The Conversion of Justin Martyr”. In: *Studia Theologica* 30 (1976): p. 53-74.

[4] Alegação de CHADWICK, Henry. *Early Christian Thought and the Classical Tradition*. Oxford: Clarendon, 1966, p. 20; WILKEN, Robert. “Toward a Social Interpretation of Early Christian Apologetics”. In: *Church History* 39 (1970): p. 437-58.

[5] Ver KELLY, J. N. D. *Early Christian Doctrines*, 4^a ed. rev. São Francisco: Harper & Row, 1978, p. 35-41.

[6] KUGEL, James L. e GREER, Rowan A. *Early Biblical Interpretation*. Filadélfia: Westminster, 1986, p. 111-12.

[7] Ver TRIGG, Joseph Wilson. *The Bible and Philosophy in the Third Century*. Atlanta: John Knox, 1983, p. 13-14.

[8] Ver OUTLER, Albert C. “Origen and the *Regula Fidei*”. In: *Church History* 8 (1939): p. 212-21; ver também O’CLERIGH, P. M. “The Meaning of Dogma in Origen”. In: SANDERS, J., org. *Jewish and Christian Self-Definition: The Shaping of Christianity in the Second and Third Centuries*. Filadélfia: Fortress, 1980, p. 201-16; e TURNER, H. E. W. *The Patristic Doctrine of Redemption: A Study of the Development of Doctrine During the First Five Centuries*. Londres: Mowbray, 1952.

[9] Ver GRILLMEIER, Aloys. *Christ in Christian Tradition, vol. 1: From the Apostolic Age to Chalcedon (451)*. Trad. de John Bowden, 2^a ed. Atlanta: John Knox, 1974, p. 167-80.

[10] Ver SELLERS, R. V. *Two Ancient Christologies: A Study in the Christological Thought of the Schools of Alexandria and Antioch in the Early History of Christian Doctrine*. Londres: SPCK, 1954; ele observa que as duas escolas não eram capazes de perceber que contendiam por causa dos

mesmos princípios teológicos. O que as separava eram as suas diferenças filosóficas e eclesiais.

[11] Ver a instrutiva análise em BRAY, Gerald L. *Creeds, Councils, and Christ*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1984, p. 92-171.

[12] Ver BLAISING, Craig A. *Athanasius*. Lanham, MD: University Press, 1992; WELLS, David F. *The Person of Christ*. Wheaton, IL: Crossway, 1984, p. 98-109; LEITHART, Peter J. *Athanasius*. Grand Rapids, MI: Baker, 2011.

[13] HANSON, R. P. C. “Biblical Exegesis in the Early Church”. In: ACKROYD, P. R. e EVANS, C. F. *Cambridge History of the Bible*, vol. 1. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1970, 1:453; ver QUASTEN, Johannes, *Patrology*, 4 vols. (reimp.). Westminster, MD: Christian Classics, 1984, 3:37-39.

[14] Ver KELLY, J. N. D. *Early Christian Doctrines*, p. 76-77.

[15] Ver GREER, Rowan A. *Theodore of Mopsuestia*. Londres: Faith, 1961, p. 94.

[16] Ver Neill, Stephen. *Chrysostom and His Message*. Nova York: Association, 1963; Baur, Chrysostomus. *John Chrysostom and His Time*. Trad. M. Gonzaga, 2 vol. Westminster, MD: Newman, 1959; e Pelikan, Jaroslav. *The Preaching of Chrysostom*. Filadélfia: Fortress, 1967.

[17] Ver KELLY, J. N. D. *Jerome: His Life, Writings, and Controversies*. Londres: Duckworth, 1975.

[18] Ver Agostinho, *Confessions: The Odyssey of Soul*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1969. As *Confissões* são divididas em duas partes: a 1ª parte (caps. 1-9) conta a vida de Agostinho até o período de sua conversão e a morte de Mônica, sua mãe cristã que muito o influenciou; a 2ª parte (caps. 10-13), acrescentada posteriormente, descreve o pensamento de Agostinho à época dos seus escritos. A unidade do trabalho encontra-se no tema central do louvor a Deus “pelas boas coisas e pelas más”, e no aspecto autobiográfico, que estava presente também na 22ª parte. As *Confissões* foram iniciadas depois de 4 de abril de 397 (a morte de Ambrósio) e concluídas por volta de 400. Ver o proveitoso debate em Pincherle, A. “The ‘Confessions’ of St. Augustine”. In: *Augustinian Studies* 7 (1976): p. 119-33.

[19] Agostinho, *Confissões*, 5.15.24.

[20] Ver JACKSON, Belford D. “Semantics and Hermeneutics in Saint Augustine’s *De doctrina Christiana*”. Tese de Doutorado, Yale University, 1967, p. 171-87; também RAMM, Bernard. *Protestant Biblical Interpretation*, 3ª ed. rev., Grand Rapids, MI: Baker, 1970, p. 34-35.

[21] Ver SMALLEY, Beryl. *The Study of the Bible in the Middle Ages*, 2ª ed. Oxford: Blackwell, 1952, p. 22-24.

[22] Ver *ibid.*; EVANS, G.R. *The Language and Logic of the Bible: The Earlier Middle Ages*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1984; LAMPE, G. W. H., org. *The Cambridge History of the Bible 2: The West from the Fathers to the Reformation*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, p. 19.

[23] Ver a introdução de Houston a Bernardo de Clairvaux em HOUSTON, James, org. *The Love of God and Spiritual Friendship*. Portland, OR: Multnomah, 1983; também PLACHER, William C. *A History of Christian Theology*. Filadélfia: Westminster, 1983, p. 146-48.

[24] Ver GILSON, E. *The Christian Philosophy of St. Thomas Aquinas*. Trad. de L. K. Shook. Londres: Victor Gollanez, 1957.

[25] Ver AQUINO, Tomás de, *On Interpretation*. Trad. J. T. Ostele. Milwaukee: Marquette University Press, 1962.

[26] Ver NOLL, Mark. “Reconsidering Christendom”. In: HOWARD, Thomas A., org. *The Future of Christian Learning*. Grand Rapids, MI: Brazos, 2008, p. 23-70; também MCGRATH, Alister. *The Intellectual Origins of the European Reformation*. Oxford: Blackwell, 1987, 2004, p. 11-117 [Publicado no Brasil pela Cultura Cristã com o título *Origens intelectuais da Reforma* (N. do E.)].

[27] Ver SKELTON, Raymond Barry. “Martin Luther’s Concept of Biblical Interpretation in Historical Perspective”. Tese de PhD Fuller Theological Seminary, 1974; também PELIKAN, Jaroslav. *Luther the Expositor*. St Louis, MO: Concordia, 1959; DOCKERY, David S. “The Christological Hermeneutics of Martin Luther”. In: *Grace Theological Journal* 4 (1983): p. 189-203.

[28] Ver RABIL, A. *Erasmus and the New Testament: The Mind of a Christian Humanist*. San Antonio: Trinity University Press, 1972; BENTLEY, J. H. *Humanist and Holy Writ*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1983; ALDRIDGE, J. W. *The Hermeneutics of Erasmus*. Richmond, VA: John

Knox, 1966; DOCKERY, David S. “The Foundation of Reformation Hermeneutics: A Fresh Look at Erasmus”. In: BAUMAN, Michael e HALL, David. *Evangelical Hermeneutics*. Camp Hill, PA: Christian Publications, 1995, p. 53-76.

[29] Ver GEORGE, Timothy. *Theology of the Reformers*. Nashville: Broadman, 1988.

[30] Ver WOOD, A. S. *Luther's Principles of Biblical Interpretation*. Londres: Tyndale, 1960.

[31] Citado por BANGS, C. *Arminius: A Study in the Dutch Reformation*. Nashville: Abingdon, 1921, p. 287-88.

[32] Ver VERHOEF, P. A. “Luther and Calvin's Exegetical Library”. In: *Concordian Theological Journal* 3 (1968): p. 5-20; GERRISH, B. A. *The Old Protestantism and the New: Essays on the Reformation Heritage*, Chicago: University of Chicago Press, 1982.

[33] Ver a discussão das várias correntes que começaram a se desenvolver nesse importante momento do movimento cristão em DOCKERY, David S. “So Many Denominations”. In: *Southern Baptists, Evangelicals, and the Future of Denominationalism*. Nashville: Broadman, 2011. Ver também a instrutiva e proveitosa obra de GAMBLE, Richard. *The Great Tradition*. Wilmington, DE: ISI Books, 2007.

[34] Ver as várias análises em MCGRATH, Alister. *Heresy*. São Francisco: HarperOne, 2009, p. 175-222; BROWN, Harold O. J. *Heresies*. Garden City, NY: Doubleday, 1984; WRIGHT, Jonathan. *Heretics*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2011; WALSH, Ben e WARD, Michael. *Heresies*

and How to Avoid Them. Londres: SPCK, 2007; DOCKERY, David S., org. *The Challenge of Postmodernism*. Grand Rapids, MI: Baker, 1995, 2001; e EVANS, G. R. *A Brief History of Heresy*. Londres: Blackwell, 2003.

[35] Entre tantas fontes que poderíamos apontar, uma que parece ser de grande auxílio para sintetizar bem esses efeitos é ODEN, Thomas. *Requiem: A Lament in Three Movements*. Nashville: Abingdon, 1995. Ver também TAYLOR, Charles. *A Secular Age*. Cambridge, MA: Belknap, 2007; MOHLER, R. Albert, Jr. *Atheism Remix: A Christian Confronts the New Atheism*. Wheaton, IL: Crossway, 2008.

[36] Ver SPLIESGANT, Roland, et al. *A History of Christianity in Asia, Africa, and Latin America*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2007; ODEN, Thomas. *How Africa Shaped the Christian Mind*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2010.

[37] Para uma visão criteriosa do propósito deste volume, ver HILL, Jonathan. *What Has Christianity Ever Done for Us? How It Shaped the Modern World*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2005; e PACKER, J. I. e ODEN, Thomas C. *One Faith: The Evangelical Consensus*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004.

[38] Partes deste capítulo são adaptações da obra de GEORGE, Timothy. “The Pattern of Christian Truth”. In: *First Things* 154 (2005): p. 21-25; DOCKERY, David S. *Renewing Minds*. Nashville: Broadman, 2007-2008), p. 59-66.

[39] Ver TURNER, H. E. W. *The Pattern of Christian Truth*. Londres: Mobray, 1954.

[40] Ver MCGRATH, Alister. *Heresy*. São Francisco: Harper One, 2009; BROWN, Harold O. J. *Heresies*. Garden City, NY: Doubleday, 1984; WALSH, Ben e WARD, Michael. *Heresies and How to Avoid Them*. Londres: SPCK, 2007.

[41] Ver ALLISON, George R. *Historical Theology*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2011, p. 39-42.

[42] Ver MCGRATH, Alister. *Historical Theology*. Oxford: Blackwell, 1998, p. 33-51 [Publicado no Brasil pela Cultura Cristã com o título *Teologia histórica* (N. do E.)].

[43] Ver HILL, Jonathan. *The History of Christian Thought*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2003, p. 78-91.

[44] JENSON, Robert W. "Scripture's Authority in the Church". In: DAVIS, Ellen F. e HAYS, Richard B., org. *The Art of Reading Scripture*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2003, p. 34. Ver também o ensaio de JENSON. "What If Were True?". In: *Reflections: Center of Theological Inquiry* 4 (2001): p. 2-21.

[45] Ver PELIKAN, Jaroslav. *The Christian Tradition*, 5 vols. Chicago: University of Chicago Press, 1971-89.

[46] Partes deste capítulo são adaptações da obra de GEORGE, Timothy. "The Faith, My Faith, the Church's Faith". In: DOCKERY, David S. *Southern Baptists, Evangelicals, and the Future of Denominationalism*. Nashville: Broadman, 2011, p. 81-93; e de DOCKERY, David S. *Renewing Minds*. Nashville: Broadman, 2007-2008, p. 124-37.

[47] Ver SEITZ, Christopher R. *Nicene Christianity*. Grand Rapids, MI: Brazos, 2001; também YOUNG, Frances M. *From Nicaea to Chalcedon*, 2^a ed. Grand Rapids, MI: Baker, 2010.

[48] Ver BEBBINGTON, David. *The Dominance of Evangelicalism*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2005.

[49] Ver ODEN, Thomas C. *The Rebirth of Orthodoxy*. Nova York: Harper Collins, 2003.

[50] Ver LEONARD, E. G. *History of Protestantism*. Indianápolis: Bobs-Merrill, 1968, p. 122-28.

[51] PELIKAN, Jaroslav. *Obedient Rebels*. Nova York: Harper & Row, 1964, p. 50-51.

[52] A Declaração Teológica de Barmen foi redigida por Karl Barth e pela igreja confessional da Alemanha Nazista, em oposição à igreja nacional de Adolf Hitler. Sua doutrina central diz respeito ao pecado da idolatria e ao senhorio de Cristo, e pode ser lida em <http://www.sacred-texts.com/chr/barmen.htm>.

[53] Ibid.

[54] HELMREICH, Ernest C. *The German Churches under Hitler: Background, Struggle, and Epilogue*. Detroit, MI: Wayne State University Press, 1979, p. 345.

[55] Grande parte daquilo que sugerimos requer um modo de pensar diferente das formas características de pensamento do mundo

contemporâneo do século 21. Exemplos ponderados podem ser encontrados nos artigos organizados por KOLB, Robert. *The American Mind Meets the Mind of Christ*. St Louis, MO: Concordia Seminary Press, 2010; encontram-se também orientações em LEWIS, C. S. *God in the Dock* (reimpres.). Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1994; especialmente os capítulos “The Transmission of Christianity” e “The Reading of Old Books”.

[56] Ver DOCKERY, David S. *Renewing Minds: Serving Church and Society through Christian Higher Education*. Nashville: Broadman, 2008, p. 52-66; O'DONOVAN, Oliver e O'DONOVAN, Joan Lockwood. *From Irenaeus to Grotius: A Source Book in Christian Political Thought*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999, p. 30-39; LILLA, R. C. *Clement of Alexandria: A Study of Christian Platonism and Gnosticism*. Londres: Oxford, 1971; DOCKERY, David S. *Biblical Interpretation Then and Now*. Grand Rapids, MI: Baker, 1992, p. 82-86.

[57] Ver O'DONOVAN. *From Irenaeus to Grotius*, p. 30-35; OSBURN, Eric F. *The Philosophy of Clement of Alexandria*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1975; KUGEL, James L. e GREER, Rowan A. *Early Biblical Interpretation*. Filadélfia: Westminster, 1986, p. 156-99.

[58] AVIS, Paul. *The History of Christian Theology*, 3 vols. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1988, p. 25-30.

[59] Ver EVANS, G. R. “Tradition”. In: FITZGERALD, Allan D. *Augustine through the Ages: An Encyclopedia*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999, p. 842-43.

[60] Ver ROCHE, Mark W. *The Intellectual Appeal of Catholicism and the Idea of a Catholic University*. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 2003; também REYNOLDS, John Mark. *When Athens Met Jerusalem*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2009.

[61] Ver WAWRYKOW, Joseph. “Thomas Aquinas”. In: *Augustine through the Ages*, p. 829-32.

[62] Ver FARLEY, Edward. *Theologia: The Fragmentation and Unity of Theological Education*. Filadélfia: Fortress, 1983; KELSEY, David. *To Understand God Truly: What Is Theological about a Theological School*. Louisville: Westminster, 1992.

[63] Essa parte é uma adaptação da obra de DOCKERY, David S. “The Foundation of Reformation Hermeneutics: A Fresh Look at Erasmus”. In: BAUMAN, Michael e HALL, David., org. *Evangelical Hermeneutics*. Camp Hill, PA: Christian Publications 1995.

[64] Ver DOCKERY, David S. “New Testament Interpretation: A Historical Survey”. In: BLACK, D. A. e DOCKERY, David S., org. *New Testament Criticism and Interpretation*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1991, p. 42-72.

[65] Aspectos dessa proposta podem ser vistos em DOCKERY, *Renewing Minds*; e DOCKERY, David S. *Southern Baptist Consensus and Renewal*. Nashville: Broadman, 2009, p. 134-67.

[66] Ver BURTCHAELL, James. *The Dying of the Light: The Disengagement of Colleges and Universities from Their Churches*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998; também PIDERIT, John J. “The University at

the Heart of the Church”. In: *First Things* (Junho/Julho 1999): p. 22-25 . A resenha do livro de Burtchaell feita por Michael Beaty traz uma orientação muito criteriosa. Essa resenha encontra-se no *The Journal of College and University Law* 27:177. Gary Parrett e Steve Kang propõem maneiras como as igrejas podem fortalecer suas iniciativas educacionais. Ver PARRETT e KANG, *Teaching the Faith, Forming the Faithful*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2009.

[67] Ver DIEKEMA, Anthony T. *Academic Freedom and Christian Scholarship*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2000.

[68] Ver EATON, Phill. *Engaging the Culture, Changing the World: The Christian University in a Post-Christian World*. Downers Gorge, IL: InterVarsity, 2011; ver também DOCKERY, David S. “Blending Baptist with Orthodox in the Christian University”. In: , SCHMELTEKOPF, Donald e VITANZA, Dianna, org. *The Future of Baptist Higher Education*. Waco, TX: Baylor University Press, 2006.

[69] ELIOT, T. S. *Christianity and Culture*. Nova York: Harcourt Brace, 1940, p. 22.

[70] NOLL, Mark. “Introduction”. In: RINGENBERG, William C. *The Christian College: A History of Protestant Higher Education in America* 2ª ed. Grand Rapids, MI: Baker, 2006, p. 17-36.

[71] Ver CHESTERTON, G. K. *Orthodoxy* (reimpr.). Nova York: Doubleday, 1959, p. 129-47.

[72] Ver LYNCH, William. *Christ and Apollo*. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 1960; MCGRATH, Alister. *A Scientific*

Theology, vol. 3. Londres: T&T Clark, 2003, p. 3-76; MCGRATH, Alister. *Heresy*. São Francisco: HarperOne, 2009, p. 232-34.

[73] Ver NOLL, Mark. “Reconsidering Christendom”. In: HOWARD, Thomas A., org. *The Future of Christian Learning*. Grand Rapids, MI: Brazos, 2008, p. 23-70.

[74] Ver MARSDEN, George M. *The Outrageous Idea of Christian Scholarship*. Nova York: Oxford University Press, 2002.

[75] Ver NEWMAN, John Henry. *The Idea of a University* (reimpr.). Londres: Longman, Green, 1907; também NOLL, “Reconsidering Christendom”, p. 23-70.

[76] Em muitos sentidos, esta obra amplia nossos esforços conjuntos anteriores. Ver DOCKERY, David S. e GEORGE, Timothy. *Theologians of the Baptist Tradition*. Nashville: Broadman, 2001; e *Building Bridges*. Nashville: Convention, 2007. Da mesma forma, ela reúne muito do trabalho de David sobre a educação superior cristã. Ver DOCKERY, David S. *Shaping a Christian Worldview: Foundation for Higher Education*. Nashville: Broadman, 2002; *Renewing Minds; Christian Leadership Essentials: A Handbook for Managing Christian Organizations*. Nashville: Broadman, 2011; e *Faith and Learning: A Handbook for Christian Higher Education*. Nashville: Broadman, 2012.

[77] Ver EVANS, F. R. *Bernard of Clairvaux: Selected Works*. Mahwah, NJ: Paulist Press, 1987.